



Itinerários de Turismo

Equestre

Metodologia de
implementação

Estudo de caso Minho Lima



TURISMO DE
PORTUGAL 

TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL

portoenorte ^{TEM}

Ficha Técnica:

Titulo

Itinerários de Turismo Equestre - Metodologia de implementação – Estudo de caso Minho Lima

Autor

TURIHAB – Associação do Turismo de Habitação

Data

Fevereiro de 2012

Parceiros:

Turismo de Portugal
Turismo do Porto e Norte

Validação:

Federação Equestre Portuguesa

Fotografias:

CENTER – Central Nacional do Turismo no Espaço Rural
AKTIVANATURA – Outdoor Adventures



TURISMO DE
PORTUGAL



TURISMO DO PORTO E NORTE DE PORTUGAL

portoenorte^{TEM}

Índice

INTRODUÇÃO	7
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL	8
1.1. Turismo Equestre	8
1.2. Itinerário	8
1.3. Itinerário Equestre	9
1.4. Equipamentos equestres	10
1.5. Tipos de rotas / Itinerários equestres	10
1.5.1. Rotas em estrela	10
1.5.2. Rotas em pétala ou borboleta	11
1.5.3. Rotas em linha e circulares	11
1.6. Os cavalos	12
1.6.1. Cavalo Lusitano	12
1.6.2. Cavalo Garrano	15
1.6.3. Cavalo Sorraia	17
1.7. Os profissionais de Turismo Equestre	20
1.8. Instalações equestres	22
2. CRIAÇÃO DE ITINERÁRIOS EQUESTRES	24
2.1. Requisitos	24
2.1.1. Cavalos	24
2.1.2. Acompanhantes / Guias	25
2.1.3. Percurso	26
2.1.3.1. Generalidades	26
2.1.3.2. Manutenção	28
2.1.3.3. Segurança	29
2.1.3.4. Sinalização	29
2.1.4. Enquadramento paisagístico, cultural e patrimonial	29
2.1.5. Organização do Itinerário	30
2.1.5.1. Duração (dias)	30
2.1.5.2. Distância percorrida	31
2.1.5.3. Tipo	32
2.1.5.4. Zonas de apoio (zonas de sombra, paragem, pontos de água)	32
2.1.5.5. Segurança	33
2.1.5.6. Alojamento de cavalos e cavaleiros	34
2.1.5.7. Refeições (cavaleiros)	35
2.1.5.8. Actividades complementares	36
2.2. Metodologia de criação de Itinerários Equestres	36
3. ITINERÁRIOS EQUESTRES NO MINHO-LIMA	39
3.1. Desenho dos itinerários / Metodologia utilizada	39
3.2. Caracterização da região piloto	39
3.2.1. Morfologia / relevo	40
3.2.2. Clima	41
3.3. Principais recursos turísticos da região piloto	41
3.3.1. Recursos naturais	41
3.3.2. Recursos históricos, culturais e patrimoniais	42
3.3.3. Gastronomia e Vinho Verde	43
3.3.4. Alojamento	44
3.3.5. Turismo activo	45
3.4. Inventariação de equipamentos equestres	45
3.4.1. Equipamentos equestres	45
3.4.1.1. Distribuição geográfica	47
3.4.1.2. Tipo de empreendimento:	47
3.4.1.3. Animação Turística	48

3.4.1.4. Forma Jurídica	48
3.4.1.5. Áreas de actuação	48
3.4.1.6. Serviços	49
3.4.1.7. Disciplinas equestres	49
3.4.1.8. N.º de Funcionários:	49
3.4.1.9. Instalações equestres	51
3.4.1.10. Início de actividade	52
3.4.1.11. N.º total de Cavalos e organização por raças	52
3.4.1.12. Visitas Guiadas às instalações	52
3.4.1.13. Estágios equestres	52
3.4.1.14. Passeios a cavalo	53
3.4.1.15. Parcerias	53
3.4.1.16. Divulgação/promoção	53
3.4.1.17. Certificação	53
3.4.1.18. Associativismo	53
3.4.2. Eventos	53
3.4.2.1. Feira do Cavalo de Ponte de Lima	54
3.4.2.2. Feiras Novas de Ponte de Lima / Corrida de garranos	54
3.4.2.3. Feira do Gado de Ponte de Lima	54
3.4.2.4. Feira de Gado da Portela do Alvite (12 e 28 de cada mês)	54
3.4.2.5. Romaria a Santa Justa – Ponte de Lima (Serra de Arga)	55
3.4.2.6. Romaria de São Lourenço da Armada – Ponte de Lima	55
3.4.2.7. Romaria a cavalo de Nossa Sra. da Peneda – Arcos de Valdevez (PNPG)	55
3.4.2.8. Corridas de garranos da Sra. da Guia / Branda da Aveleira – Melgaço (PNPG)	55
3.4.2.9. Corridas de garranos de Santo Antonio de Val de Poldros – Monção	55
3.4.2.10. CSI Ponte de Lima	56
3.4.2.11. Prova do Campeonato Nacional de TREC - Paredes de Coura	56
3.4.3. Análise:	56
3.4.3.1. Pontos Fortes	56
3.4.3.2. Pontos Fracos	57
3.4.3.3. Oportunidades	57
3.4.3.4. Ameaças	57
3.4.4. Considerações	58
3.5. Levantamento de percursos sinalizados na região	59
3.6. O perfil do cliente de Turismo Equestre	59
3.6.1. Género	59
3.6.2. Idade	60
3.6.3. Nacionalidade	61
3.6.4. Duração da viagem	62
3.6.5. Tipo de viagem	62
3.6.6. Motivação e requisitos	63
3.6.7. Considerações	64
3.7. Itinerários	65
3.7.1. Itinerário N.º 1 – “Pelos Aldeias de Portugal”	65
3.7.2. Itinerário N.º 2 – “Do Minho ao Lima”	74
3.7.3. Itinerário N.º 3 – “Entre as lagoas e a serra de Arga”	84
3.7.4. Itinerário N.º 4 – “Pelos Caminhos de Santiago”	93
3.8. Validação dos Itinerários equestres	98
4. CONCLUSÃO	99
5. BIBLIOGRAFIA	100
ANEXOS	I
Inventariação de equipamentos equestres	II
Ficha de Caracterização de equipamentos equestres	VI
Lista de entidades contactadas	XI

Índice de Figuras

Figura 1 - Organização do Turismo Equestre _____	8
Figura 2 - Itinerário em estrela _____	10
Figura 3 - Itinerário em Pétala ou borboleta _____	11
Figura 4 - Itinerário circular _____	12
Figura 5 - Itinerário em Linha _____	12
Figura 6 - Distribuição por concelhos dos equipamentos equestres no Minho-Lima ____	47
Figura 7 - Distribuição por tipo de empreendimento dos equipamentos equestres no Minho-Lima _____	48
Figura 8 - Distribuição por forma jurídica dos equipamentos equestres no Minho-Lima _	48
Figura 9 - Distribuição por género dos colaboradores dos equipamentos equestres no Minho-Lima _____	49
Figura 10 - Tabela de inventariação dos colaboradores dos equipamentos equestres __	50
Figura 11 - Distribuição por faixa etária dos clientes da <i>Cap Rando</i> _____	60
Figura 12 - Distribuição por tipo de viagem dos clientes da <i>Cap Rando</i> _____	62

Siglas

ACERG - Associação dos Criadores de Equinos de Raça Garrana
AICS - Associação Internacional de Criadores do Cavalo Ibérico de Tipo Primitivo – Sorraia
ANCRG - Associação Nacional dos Criadores de Raça Garrana
ANQ - Agencia Nacional para a Qualificação
APSL - Associação Portuguesa de Criadores do Cavalo Puro Sangue Lusitano
ARTE – Associação Regional de Turismo Equestre
ATE – Acompanhante de Turismo Equestre
CNTE – FFE - Comité Nacional de Turismo Equestre da Federação Equestre Francesa
CSI - Concurso de Saltos Internacional
CVRVV – Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes
ENE – Escola Nacional de Equitação
Equustur - Red Europea de Turismo Ecuestre
ERTPN - Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal
FEA - Federação Equestre Alemã
FEP - Federação Equestre Portuguesa
GDT - Gabinete de Desenvolvimento e Turismo
IDP - Instituto do Desporto de Portugal
IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional
IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico
IPVC - Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo
OMTE - Organização Mundial de Turismo Equestre
PNPG - Parque Nacional da Peneda-Gerês
SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*)
TER - Turismo no Espaço Rural
TH - Turismo de Habitação
TP - Turismo de Portugal
TREC – Técnicas de Randonnée Equestre de Competição
TURIHAB – Associação do Turismo de Habitação

Glossário

Andamentos – Ritmo da passada do cavalo;

Arreios – Conjunto dos aparelhos que se colocam sobre o cavalo e que permite ao cavaleiro utilizá-lo com conforto e segurança;

Baia – uma instalação de alojamento em que os equídeos estão separados por simples antepara, com uma largura mínima adequada e presos à manjedoura;

Boxe – uma instalação de alojamento individual, em que os equídeos estão alojados numa unidade, de formato quadrangular, devendo ter as dimensões adequadas ao equídeo a alojar;

Cascos – Estojo córneo que recobre a parte terminal do membro locomotor do cavalo;

Desbaste – O início do treino ou ensino de um cavalo novo, para qualquer fim com vista a poder ser utilizado e montado;

Ferradura – Peça de metal moldada de forma a assentar perfeitamente sob os cascos e que aí é pregada e que serve para proteger e para aumentar a aderência do cavalo ao chão;

Galope – o andamento mais rápido do cavalo, composto por três batidas;

Hipómetro – Instrumento para medir a altura e comprimento do corpo dos equinos;

Hipoterapia – tratamento com a ajuda do cavalo e destinada a indivíduos portadores de deficiência;

Material siderotécnico – material destinado à actividade de ferrador;

Paddock – um espaço exterior vedado, contíguo ou na proximidade de um alojamento a ele pertencente, onde os equídeos são mantidos isolados ou em grupo;

Passo – O andamento mais calmo, com 4 batidas;

Picadeiro – um recinto vedado, coberto ou descoberto, destinado ao desbaste e treino de equídeos ou ao ensino de equitação;

Polainas – Peça que cobre a parte inferior da perna e a parte superior do pé;

Puro-sangue – animal que provem de cruzamento de uma mesma espécie, com características anatómicas e fisiológicas exclusivas;

Raças autóctones – Raças específicas de uma determinada região;

Sela – Assento para o cavaleiro. Coloca-se sobre o dorso do cavalo e pode ter vários modelos, conforme a modalidade a que se destina;

Toque – Capacete utilizado em equitação;

Trec – Técnicas de Randonnée Equestre de Competição - modalidade equestre que tem como objectivo desenvolver o ensino do cavalo e conferir aos praticantes uma maior autonomia;

Trote – Andamento de velocidade intermédia, composto por 2 batidas. O cavalo movimentase com as patas simétricas na diagonal, ou seja, move a pata direita da frente com a pata esquerda de trás ao mesmo tempo e a pata esquerda da frente com a para direita de trás.

INTRODUÇÃO

O presente estudo piloto de criação de «Itinerários Temáticos de Turismo Equestre» na região Minho-Lima, enquadra-se no projecto do Turismo de Portugal em parceria com a Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal e a TURIHAB – Associação do Turismo de Habitação.

O Turismo Equestre representa um importante segmento do produto *Touring Cultural* e Paisagístico, de Turismo de Natureza e de valorização do Turismo de Habitação / Turismo no Espaço Rural. A potenciação desta actividade contribui para a qualificação da oferta turística, nomeadamente, pela diversificação e dinamização do potencial e da animação turística, com efeitos na redução da sazonalidade e o contributo para o reforço da coesão territorial. Portugal engloba um conjunto de características únicas para o desenvolvimento do Turismo Equestre, nomeadamente: a existência de raças autóctones Puro Sangue Lusitano, Garrana e Sorraia; o clima ameno; a paisagem e a orografia diversificadas, o acolhimento das populações, a qualificação de recursos humanos e a segurança, desempenhando uma dinâmica chave para a formatação do produto e a afirmação de Portugal como um destino de excelência de Turismo Equestre.

A proposta da NUT III Minho-Lima para objecto de estudo, associa-se à crescente vocação da região para a temática do Turismo Equestre, a existência de infra-estruturas equestres em quantidade e qualidade, um calendário de eventos tradicionais e desportivos do mundo equestre e a herança da cultura do cavalo na região.

A estrutura do estudo engloba um plano de trabalhos organizado em 5 fases:

- Levantamento e caracterização das infra-estruturas ligadas ao Turismo Equestre na região em estudo;
- Definição de 4 itinerários temáticos de Turismo Equestre e sua validação operacional;
- Síntese metodológica sobre o trabalho desenvolvido de modo a constituir um modelo para aplicação noutras regiões do país;
- Identificação de aspectos a melhorar ao nível da implementação dos itinerários, de forma a assegurar uma qualidade de oferta superior;
- Guia de boas práticas para agentes turísticos – empreendimentos, empresas de animação - sobre dinamização de programas de Turismo Equestre.

Este projecto piloto representa um modelo de referência para o desenvolvimento do Turismo Equestre em Portugal, apresentando um manual de regras e metodologias para a implementação de itinerários equestres noutras regiões, um conjunto de ferramentas de apoio aos agentes e promotores do sector do Turismo Equestre.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

O presente trabalho desenvolve um conjunto de conceitos de Turismo Equestre, a criação itinerários equestres e um glossário da temática equestre.

1.1. Turismo Equestre

O conceito de Turismo Equestre define a actividade turística oferecida comercialmente, em que o equino ou muar representa o meio de transporte e um dos principais atractivos (ABNT, 2007).

No quadro da caracterização do Turismo Equestre, os autores Figueira (2007) e a GDT – Gabinete de Desenvolvimento e Turismo (2006), defendem a existência de duas vertentes: a oferta global e o **turismo do cavalo**. A vertente do turismo centrada no conhecimento do cavalo como produto e da exibição do cavalo (feiras, exposições temáticas, eventos hípicas), e o **turismo a cavalo**, ou seja, a utilização do cavalo como recurso, possibilitando as práticas turísticas individuais e intransmissíveis (lazer e turismo activo a cavalo, circuitos específicos, cursos de equitação).

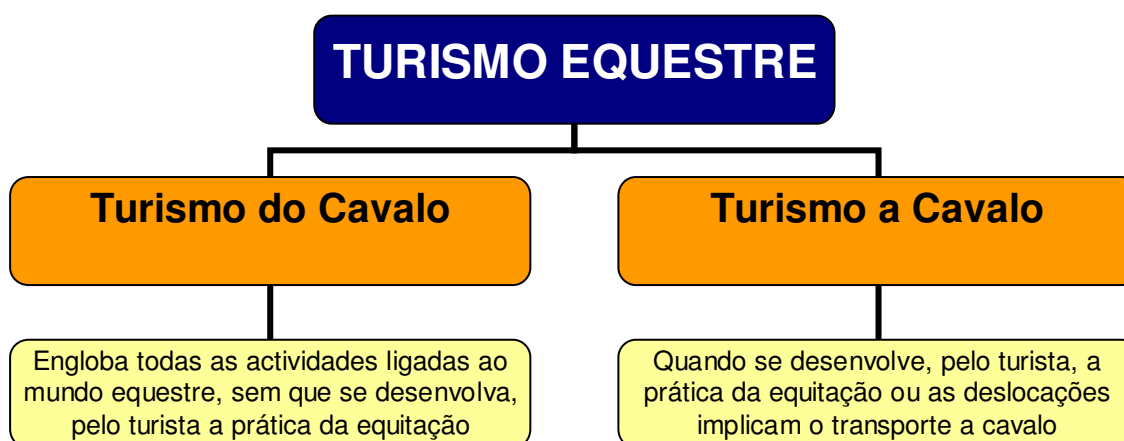


Figura 1 - Organização do Turismo Equestre (TURIHAB, 2011)

Estes conceitos diferenciados prevêm públicos específicos.

No Turismo Equestre o motivo predominante da viagem centra-se no cavalo, podendo dividir-se o posicionamento do Turismo Equestre em dois grupos:

- **segmento turístico** –o cavalo constitui a motivação principal no processo de compra;
- **actividade complementar** a outros segmentos turísticos.

1.2. Itinerário

A definição do conceito de itinerário integra um conjunto de elementos (itinerário, circuito, visita, rota e *forfait*).

ITINERÁRIO:

Segundo Rodrigues (2008), citando (Gomez e Quijano) um itinerário representa a descrição de um caminho ou de uma rota, especificando os lugares de passagem e propondo a oferta de actividades e serviços durante a sua duração. Esta definição engloba o Circuito, a Visita e a Rota.

CIRCUITO:

Segundo a mesma fonte citando Picazo, o circuito define a viagem combinada, intervindo vários serviços (transportes, alojamento, guia), de acordo com um itinerário programado e com um desenho circular, sempre que seja possível (o ponto de partida e de chegada coincidem) e com vista a passar por um caminho anteriormente percorrido.

VISITA:

Reconhecimento, observação ou prospecção de um lugar de paragem incluído num itinerário. A visita representa cada uma das paragens que compõem um itinerário.

ROTA:

Sinónimo de itinerário, em sentido restrito, em que a saída e a chegada não são coincidentes no mesmo ponto. O conceito de rota e itinerário podem ser considerados sinónimos embora seja de realçar o facto da rota estar associada a uma direcção, a um percurso dirigido. Por outro lado, o conceito de rota tem sido usado preferencialmente em termos institucionais e promocionais. Relativamente ao conceito de roteiro, este está associado a uma descrição, mais ou menos exaustiva, dos aspectos mais relevantes da viagem e, particularmente, dos principais locais de interesse turístico (Rodrigues, 2008).

FORFAIT:

Para Rodrigues (2008) citando Gomez e Quijano, o forfait constitui o nome técnico utilizado para um tipo de itinerário organizado, em que o preço inclui todos os serviços. A definição integra duas vertentes: **forfait para a oferta** – viagens programadas para serem posteriormente vendidas pelos retalhistas e, – **forfait para a procura** – viagens organizadas à medida do cliente.

1.3. Itinerário Equestre

Adaptando a definição de itinerário ao Turismo Equestre podemos definir itinerário equestre como a descrição de um caminho ou de uma rota a ser realizada a cavalo, especificando os lugares de passagem e propondo uma série de actividades e serviços equestres durante a sua duração.

1.4. Equipamentos equestres

No âmbito deste estudo consideramos equipamentos equestres, as infra-estruturas físicas que possuem cavalos e podem ser utilizadas como pontos de apoio ou de dinamização de actividades equestres com carácter turístico.

1.5. Tipos de rotas / Itinerários equestres

As rotas ou itinerários equestres, por terem vários dias de duração, podem apresentar diferentes modelos. Os desenhos mais comuns e mais recomendáveis são 3: as rotas em estrela, as rotas em pétala ou borboleta e as rotas em linha ou circular.

1.5.1. Rotas em estrela

Este tipo de organização do itinerário apresenta maior operacionalidade, ou seja, acontece quando os locais de pernoita do cavalo e o cavaleiro são comuns num programa de férias equestres.

Este tipo de itinerário consiste, em sair do ponto de partida num determinado sentido e quando chegar ao final do trilho diário, regressa-se ao ponto de partida. Este tipo de percurso com as jornadas diárias a começar e a terminar no mesmo lugar, tem a vantagem de permitir um contacto mais profundo do cavaleiro com o local “base”. Por não exigir uma mudança diária de alojamento, constitui maior conforto para o cavaleiro.

Este tipo de itinerário recomenda-se para cavaleiros pouco experientes, uma vez que está normalmente associado a percursos com menor grau de dificuldade. Por outro lado, o facto de diariamente regressarem à base permite melhores condições de descanso para cavalos e cavaleiros.

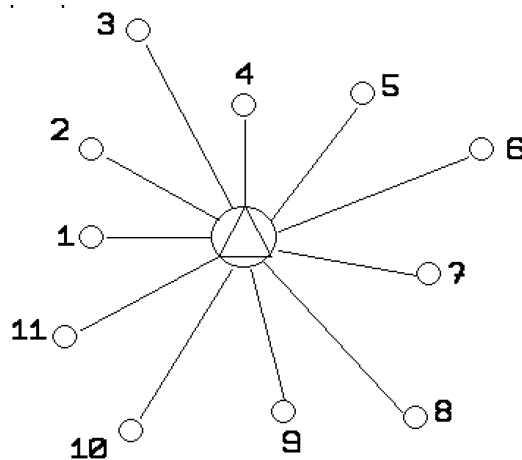


Figura 2 - Itinerário em estrela (Rodrigues, 2010)

1.5.2. Rotas em pétala ou borboleta

Este tipo de itinerário assemelha-se aos itinerários em estrela. As jornadas começam e terminam, diariamente, no mesmo local. Neste tipo de itinerário o regresso à base efectua-se através de um percurso de partida diferente.

O itinerário em pétala tem interesse para os clientes, uma vez que os percursos não se repetem e ficam a conhecer melhor a região envolvente. Tem para o organizador do percurso a agravante de ser necessário interpretar o dobro da distância de percursos.

Tal como os itinerários em estrela, este tipo de itinerário recomenda-se a cavaleiros pouco experientes, por estar associado a percursos com menor grau de dificuldade.

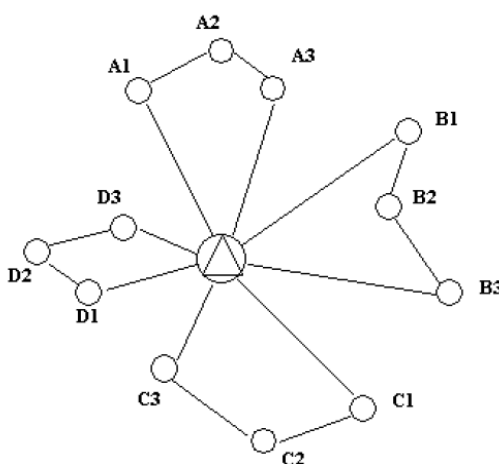


Figura 3 - Itinerário em Pétala ou borboleta (Rodrigues, 2010)

1.5.3. Rotas em linha e circulares

Os itinerários em linha e circulares (consoante tenham ou não chegada e partida no mesmo local) constituem o modelo mais clássico de elaborar itinerários equestres. Representam o tipo de itinerários da preferência dos clientes (ver perfil do cliente de Turismo Equestre). Os itinerários em linha ou circulares consistem em sair de um determinado ponto e fazer etapas sucessivas em que o ponto de chegada do dia será o ponto de partida do dia seguinte. Esta disposição permite que os clientes conheçam uma vasta região, tornando o itinerário mais atractivo por permitir alcançar um mais vasto número de recursos turísticos.

As maiores dificuldades associadas a este tipo de itinerário verificam-se da parte da organização, que deve desenhar o itinerário atendendo ao ponto de alojamento e às refeições dos cavalos e dos cavaleiros articulando com os percursos atractivos.

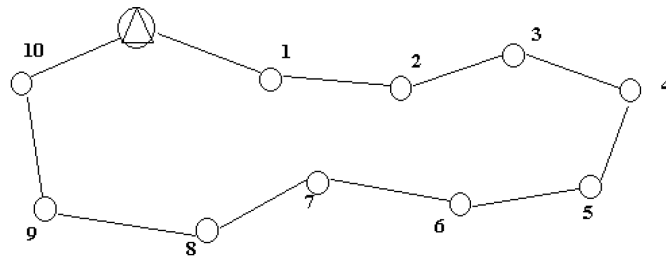


Figura 4 - Itinerário circular (Rodrigues, 2010)

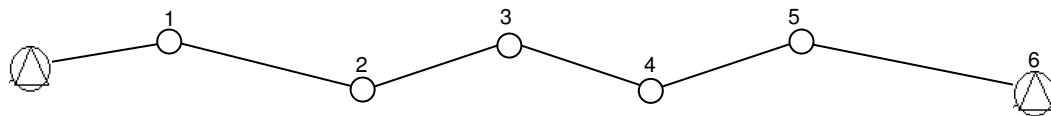


Figura 5 - Itinerário em Linha (TURIHAB, 2011)

1.6. Os cavalos

O Cavalo ao longo da História desempenha um papel importante na economia, na cultura e na sociedade em Portugal. Seja como força motriz de trabalho, transporte ou fonte de alimentação, o cavalo ocupa desde o período quaternário um lugar de destaque. Reflexo da forte ligação de Portugal ao mundo equestre, verifica-se a existência de 3 raças autóctones, que ao longo dos tempos foram preservadas e apuradas. As principais raças autóctones Portuguesas são: o Lusitano, o Sorraia e o Garrano.

1.6.1. Cavalo Lusitano



Segundo a APSL – Associação Portuguesa de Criadores de Cavalo Puro Sangue Lusitano, o cavalo Lusitano existe há cerca de 5000 anos, sendo o mais antigo cavalo de sela do Mundo, reconquistando no séc. XXI, o esplendor de há dois mil anos, quando Gregos e Romanos o reconheceram como o melhor cavalo de sela da antiguidade. Cavalo de "sangue quente"

como o Puro Sangue Inglês e o Puro Sangue Árabe, o Puro Sangue Lusitano representa o produto de uma selecção de milhares de anos, o que lhe garante a "empatia" com o cavaleiro superior a qualquer raça moderna. Seleccionado como cavalo de raça e de combate ao longo dos séculos, constitui um cavalo versátil, cuja docilidade, agilidade e coragem, lhe permitem hoje competir em quase todas as modalidades do moderno desporto

equestre, confrontando-se com os melhores especialistas. A sua raridade resulta de um pequeníssimo efectivo de cerca de 2000 éguas produtoras. Em Portugal, berço da raça, estão em produção cerca de 1000 éguas, no Brasil 600, em França 200, distribuindo-se as restantes pelo México, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, Itália, Canadá e Estados Unidos da América. No entanto, o efectivo da raça Lusitana está em crescimento, sobretudo na Europa e no Brasil, onde existe uma extraordinária progressão em quantidade e qualidade. Entre nós, a qualidade geral da produção tem aumentado. O puro sangue Lusitano será sempre o cavalo por excelência para a Arte Equestre e para o Toureio, mas, para além de ser o cavalo que partilha maior prazer montar, continuará a surpreender pela sua natural aptidão para os obstáculos, e para o ensino e a atrelagem de competição. A institucionalização oficial do *Stud-Book* da Raça Lusitana, foi sem dúvida, um passo decisivo ao condicionar a admissão de reprodutores aos requisitos mínimos do respectivo padrão, dando origem a um generalizado e criterioso trabalho de selecção e contribuindo para o conhecimento aprofundado da geneologia.

Segundo a Fundação Alter Real (2011), o padrão da raça Lusitana, para se estabelecer um modelo ideal classificado com a pontuação máxima de 100 pontos integra os seguintes elementos:

1. TIPO

- Eumétrico (peso cerca dos 500 Kgr); mediolíneo; subconvexilíneo (de formas arredondadas) de silhueta inscritevel num quadrado.

2. ALTURA

- Altura média ao garrote, medida com hipómetro aos 6 anos:
 - – Fêmeas 1,55 m
 - – Machos 1,60 m

3. PELAGEM

- As mais frequentes são a ruça e a castanha em todos os seus matizes.

4. TEMPERAMENTO

- Nobre, generoso e ardente, mas sempre dócil e sofredor.

5. ANDAMENTOS

- Ágeis e elevados projectando-se para diante, suaves e de grande comodidade para o cavaleiro.

6. APTIDÃO

- Tendência natural para a concentração, com predisposição para exercícios de Alta Escola e grande coragem e entusiasmo nos exercícios da gineta (combate, caça, toureio, manejo de gado).

7. CABEÇA

- Bem proporcionada, comprimento médio, delgada e seca, ramo mandibular pouco desenvolvido e faces relativamente compridas, de perfil subconvexo, fronte levemente abaulada (sobressaindo entre as arcadas supraciliares), olhos sobre o elíptico, grandes e vivos, expressivos e confiantes.
- As orelhas são de comprimento médio, finas, delgadas e expressivas.

8. PESCOÇO

- De comprimento médio, rodado, crineira delgada, ligação estreita à cabeça, largo na base e bem inserido nas espáduas, saindo do garrote sem depressão acentuada.

9. GARROTE

- Bem destacado e extenso, numa transição suave entre o dorso e o pescoço, sempre levemente mais elevado que a garupa.
- Nos machos inteiros fica afogado em gordura, mas destaca-se bem das espáduas.

10. PEITORAL

- De amplitude média, profundo e musculoso.

11. COSTADO

- Bem desenvolvido, extenso e profundo, com costelas levemente arqueadas, inseridas obliquamente na coluna vertebral, proporcionando um flanco curto e cheio.

12. ESPÁDUAS

- Compridas, oblíquas e bem musculadas.

13. DORSO

- Bem dirigido, tendendo para o horizontal, servindo de traço de união suave entre o garrote e o rim.

14. RIM

- Curto, largo, musculoso, levemente convexo, bem ligado ao dorso e à garupa com a qual forma uma linha contínua e perfeitamente harmónica.

15. GARUPA

- Forte e arredondada, bem proporcionada, ligeiramente oblíqua, de comprimento e largura de dimensões idênticas, perfil convexo, harmónico e pontas das ancas pouco evidentes conferindo à garupa uma secção transversal elíptica.
- Cauda saindo no seguimento da curvatura da garupa, crinas sedosas, longas e abundantes.

16. MEMBROS

- Braço bem musculado, harmoniosamente inclinado.
- Antebraço bem aprumado e musculado.
- Joelho seco e largo.

- Canelas sobre o comprido, secas e com os tendões bem destacados.
- Bolêtos secos relativamente volumosos e quase sem machinhos.
- Quartelas relativamente compridas e oblíquas.
- Cascos de boa constituição, bem conformados e proporcionados, de talões não muito abertos e coroa pouco evidente.
- Nádega curta e convexa.
- Coxa musculosa, sobre o curto, dirigida de modo a que a rótula se situe na vertical da ponta da anca.
- Perna sobre o comprido, colocando a ponta do curvilhão na vertical da ponta da nádega.
- Curvilhão largo, forte e seco.
- Os membros posteriores apresentam ângulos relativamente fechados.

1.6.2. Cavalo Garrano



Segundo a ANCRG - Associação Nacional dos Criadores de Raça Garrana, o Garrano representa uma das três raças de cavalos autóctones da Península Ibérica. Originário da fauna glacial Paleolítica e representante do cavalo do tipo Celta das regiões montanhosas do Nordeste Ibérico vivendo actualmente em estado semi-selvagem.

O cavalo Garrano foi domesticado há vários séculos e estava perfeitamente integrado na vida rural do sistema agrícola de minifúndio no noroeste português, e também, utilizado para o transporte nas feiras, festas e romarias. A mecanização da agricultura provocou o desinteresse dos criadores e o retorno dos animais para as zonas de montanha em regime livre. Nas primeiras décadas do século passado, com a submissão das serras portuguesas ao regime florestal, o Garrano quase desapareceu. Nos anos quarenta do passado século, o governo português pôs em marcha uma operação para recuperar o Garrano, um cavalo de monte existente no norte do país, principalmente no PNPG - Parque Nacional da Peneda-Gerês. Este cavalo, que alguns autores denominam cavalo Celta, forma parte dum grupo de origem primitiva que se estendem por todo o Atlântico e o norte da Europa.

Este cavalo português já era conhecido como Garrano Galiciano, e fora mesmo descrito por Silvestre Bernardo Lima (1872) no *Recenseamento Geral dos Gados* como a raça 'lusogaliciana', um exemplo mais do património natural comum galego-português.

Em 1994, o Serviço Nacional Coudélico define o padrão da Raça Garrana e inicia-se o Registo Zootécnico. O Registo Zootécnico permitiu realizar a caracterização zootécnica e determinar o seu efectivo e a sua área de dispersão.

Actualmente, estão registados cerca de dois mil indivíduos - 1500 adultos e 500 poldros - dispersos por dezassete concelhos nas províncias do Minho e Trás-os-Montes.

Recentemente, o Instituto Superior Politécnico de Viana do Castelo em parceria com um conjunto de entidades da região editou o livro “Quatro Batidas – O Património Garrano”, formalizando a candidatura da raça Garrana a «Património Nacional», considerado como um vector de desenvolvimento rural da região.

Segundo a ANCRG o padrão morfológico do Cavallo de Raça Garrana é o seguinte:

1. TIPO

- Perfil recto, por vezes concávo. Animais de corpo atarracado, pernicurtos, de sólida constituição óssea.

2. ALTURA MÉDIA

- Medida ao garrote, com hipómetro, nos animais adultos: 1,35 m.
- A altura recomendável é de 1,23 m.

3. PELAGEM

- Castanha comum, podendo tender para o escuro. Quase sempre sem sinais. Mais clara no focinho puxando para o bocalvo, por vezes também mais clara no ventre e nos membros. Topete farto. Crinas pretas, tombando para ambos os lados. Cauda também preta, com borla de pêlos encrespados na raíz.

4. TEMPERAMENTO

- Carácter dócil. O macho inteiro tem muita vivacidade mas, após o desbaste, torna-se tolerante no trabalho e manso. É um cavalo de fundo, resistente, sóbrio e fácil de ensinar.

5. ANDAMENTOS

- Geralmente fáceis, rápidos, de pequena amplitude mas altos. Nos caminhos de montanha são firmes a subir e a descer, e cuidadosos com as pedras e os obstáculos das estradas acidentadas. Facilmente ensinados a andar em “andadura” e “passo travado”.

6. APTIDÃO

- Sela, tiro ligeiro e carga a dorso, com especial aptidão para caminhos de montanha e pequenos trabalhos agrícolas.

7. CABEÇA

- Fina mas vigorosa e máscula. Nos machos é grande em relação ao corpo, proporcionalmente maior que nos cavalos. Perfil recto, por vezes côncavo. O crânio

insere-se sempre na face com grande inclinação, a parte superior da fronte é convexa de perfil; a crista occipital é pouco saliente em relação aos cêndilos. Órbitas salientes sobre a fronte, transversalmente plana. Os olhos são redondos e expressivos. Narinas largas. Orelhas médias. Os dentes são característicos. As ganachas são fortes e musculosas.

8. PESCOÇO

- Bem dirigido e musculoso, mas curto e grosso, especialmente nos garanhões.

9. GARROTE

- Baixo e pouco destacado.

10. DORSO

- Recto e curto.

11. PEITORAL

- Amplo.

12. COSTADO

- Costelas geralmente chatas e verticais.

13. GARUPA

- De ancas saídas, forte, larga, tendente para o horizontal.

14. ESPÁDUA

- Vertical e curta.

15. MEMBROS

- Aprumados, curtos mas grossos. Fortes, de quartelas direitas, vestidas de pêlo grosso, cascos cilíndricos.

1.6.3. Cavalo Sorraia



Segundo a Associação Internacional de Criadores do Cavalo Ibérico de Tipo Primitivo – Sorraia (2011), o nome desta raça equina deve-se à sua recuperação a partir de um núcleo de animais encontrado na região de Coruche, no vale do rio Sorraia. Em toda a região correspondente às margens deste rio (e afluentes, Sor e Raia), com particular incidência entre

Benavente e Mora, era frequente encontrar, nas décadas de vinte a quarenta, eguadas bastante homogêneas constituídas por este tipo de equino, de pequeno porte e conformação pobre, fortemente raiado.

Os animais desta raça são vulgarmente designados por Sorraias. Admite-se que no passado tenham sido conhecidos por zebros. Em Espanha correspondem aos Marismeños por terem existido nas marismas do Guadalquivir.

O cavalo do Sorraia pode, na generalidade, ser definido como uma raça de cavalos de pequena estatura, eumétricos, mesomorfos e subconvexilíneos, como que de uma miniatura do cavalo Lusitano se tratasse. A pelagem é caracteristicamente baio pardo ou rato, com lista de mulo e maior ou menor evidência de zebruras na cabeça e nos membros. São animais extremamente resistentes às duras condições ambientais em que sempre se criaram, aproveitando os restolhos de pastagens em terrenos pobres de cal. Estas características denunciam tratar-se de um tipo de cavalo primitivo. Esta raça estará directamente na origem de raças de cavalos da região meridional da Península Ibérica, fruto de maior selecção e melhoramento, tanto a puro sangue Lusitano como a Pura-raza-Española, bem como de raças equinas da América do Sul (em particular o Crioulo argentino e brasileiro), descendentes de animais oriundos do Vale do Guadalquivir. A sua relação com os *Mustang* da América do Norte, se bem que evidente, pode ser resultante da influência que os cavalos ibéricos, em geral, tiveram nos cavalos existentes naquele continente.

O cavalo Sorraia encontra-se frequentemente representado em pinturas paleolíticas do sul da Península Ibérica, denunciando as características ancestrais desta raça. Pensa-se, pois, que representa o tipo de cavalo ibérico primitivo da região quente meridional, sendo indicado como um dos quatro tipos ancestrais das raças domésticas actuais. Foi, certamente, domesticado e marcado a fogo desde tempos remotos, pela similitude das marcas mais recentes com os desenhos encontrados nas cavernas neo e paleolíticas.

A recuperação deste tipo equino primitivo, actualmente designado por Cavalo do Sorraia, deve-se ao hipólogo Dr. Ruy d'Andrade que, em 1920, enquanto caçava narcejas nos arredores do vale do Rio Sorraia, perto de Coruche, reparou numa manada pertencente ao Sr. António Anselmo, onde se distinguiam cerca de 20 animais extremamente homogéneos, de pelagem baia ou rato, com listas de mulo e zebruras, de cabeça acarneirada, extremidades escuras, aspecto geral e carácter absolutamente primitivos. Estas características levaram-no a admitir que se tratava de uma forma selvagem, resíduo do cavalo pré-histórico da Península Ibérica, ali conservado pela pobreza da região, com poucas hipóteses de ocorrerem cruzamentos com outros tipos de cavalos mais selectos. De facto, o fraco maneio a que os cavalos eram sujeitos nestas regiões fizeram com que apenas os animais autóctones, mais primitivos e perfeitamente adaptados às condições de rusticidade pudessem sobreviver.

Segundo a Associação Internacional de Criadores do Cavalo Ibérico de Tipo Primitivo – Sorraia (2011) o padrão da raça Sorraia descrito no *Stud Book* é o seguinte:

1. TIPO

- Perfil subconvexilíneo, eumétrico e mediolíneo. Animais sobre o pernalta, de ossatura pouco volumosa mas de muito boa textura. Musculatura pobre. Quando magros tomam a forma mulina e quando gordos arredondam.

2. ALTURA MÉDIA AO GARROTE

- Medida com hipómetro nos animais adultos:
 - Machos: 1,48m
 - Fêmeas: 1,44m

3. PELAGEM

- Varia do baio (pardo amarelo) claro ao baio torrado, ou do rato (pardo rato) claro ao rato escuro, sempre com lista de mulo. É relativamente gateado ou zebado nos cabos e por vezes noutras partes do corpo. Crinas fartas e bicolores, com cerdas escuras na linha do meio e da cor do corpo na parte mais externa. Cauda igualmente bicolor, formando uma borla na sua base. Extremidades (ponta das orelhas, focinho e membros) sempre em tom escuro.

4. TEMPERAMENTO

- Arisco no desbaste, torna-se manso e tolerante no trabalho. Reage com agilidade e finura às ajudas do cavaleiro. É por vezes reparador. O macho inteiro, se bem que manso, tem muita vivacidade.

5. ANDAMENTOS

- São correctos, não muito extensos nem saltados. São arredondados mas não muito elevados. Podem manter velocidades notáveis por um longo período de tempo.

6. APTIDÃO

- Sela e pequenos trabalhos agrícolas.

7. CABEÇA

- Rectangular e seca, de perfil subconvexo, crânio nitidamente inclinado em relação à face, que é bastante comprida. Os olhos expressivos, inseridos em órbita elíptica truncada posteriormente e situada acima da linha occipito-incisiva. As orelhas são sobre o comprido, secas e móveis, de implantação algo atrasada devido à inclinação do crânio.

8. PESCOÇO

- Bem inserido, esbelto, de comprimento médio, invertido nos animais magros, armazena gordura para a época da fome, fazendo com que se transforme e apareça rodado no animal gordo.

9. GARROTE

- Bem destacado e muito extenso, liga-se quase a meio do dorso por uma linha suave.

11. COSTADO

- É extenso e composto de costelas chatas e compridas que guarnecem bem o flanco.

10. PEITORAL

- Não muito largo mas musculoso. O cilhadouro está bem situado sob o seladouro. O tórax é profundo e não muito largo.

12. ESPÁDUAS

- De comprimento médio, secas e relativamente oblíquas.

13. DORSO

- É curto, horizontal e destacado das costelas.

14. RIM

- É curto, largo e convexo e encontra harmoniosamente, sem ressaltos, a garupa.

15. GARUPA

- De largura e comprimento médio e de forma elíptica, deixando ver a crista sagrada saliente com perfil subconvexo.

16. MEMBROS ANTERIORES

- Ligeiros de osso, mas bem aprumados.
- Braços harmoniosamente inclinados.
- Antebraços bem aprumados e pouco musculosos.
- Joelhos bem conformados, secos e pouco volumosos.
- Canelas ligeiramente compridas, secas, com tendões bem destacados com ausência de pelo remontante.
- Boletos pouco volumosos, quase sem machinhos
- Quartelas sobre o comprido e harmoniosamente inclinados.
- Cascos bem conformados e aprumados, de aspecto ligeiro e taipa de boa qualidade.

17. MEMBROS POSTERIORES

- Ligeiros de osso e musculatura, mas bem conformados.
- Curvilhões bem conformados.
- Canelas, boletos, quartelas e cascos como dos membros anteriores.

1.7. Os profissionais de Turismo Equestre

A programação dos itinerários equestres obedece obrigatoriamente ao acompanhamento de profissionais devidamente qualificados e credenciados.

Segundo a FEP – Federação equestre Portuguesa existem em Portugal cinco categorias profissionais directamente relacionadas com o Turismo Equestre, nomeadamente:

Carreira profissional:

- Acompanhante de Turismo Equestre
- Guia de Turismo Equestre

Carreira Docente

- Ajudante de Monitor de Plena Natureza
- Monitor de Plena Natureza
- Instrutor de Plena Natureza

Segundo a Agencia Nacional para a Qualificação, estes profissionais, estão habilitados para efectuar o planeamento, a organização e o acompanhamento de passeios de Turismo Equestre de pequena rota e de actividades de animação sócio-cultural associadas, de modo a garantir um serviço de qualidade e a satisfação dos clientes. Deverão ter competências para:

- Planeamento e a realização de passeios turísticos equestres e de actividades de animação sócio-cultural associadas, em colaboração com os órgãos responsáveis do centro de Turismo Equestre;
- Organização, desenvolvimento e o acompanhamento de passeios turísticos equestres e as actividades de animação sócio-cultural associadas;
- Execução, manutenção e a preparação dos equinos para os passeios turísticos equestres, utilizando os procedimentos e os equipamentos adequados;
- Prestação de esclarecimentos e recomendações aos clientes no sentido da utilização adequada e optimizada das técnicas de equitação;
- Elaboração de relatórios e documentos de controlo relativos à sua actividade.

As competências próprias de cada uma das categorias profissionais variam em função do seu nível de qualificação, aumentando proporcionalmente. Um ATE – Acompanhante de Turismo Equestre apenas pode desenvolver as actividades enunciadas para passeios de pequena rota. Para rotas de maior dimensão e complexidade, é necessário maior qualificação profissional.

Em Portugal, os cursos para a obtenção de carteira profissional são ministrados pela ENE – Escola Nacional de Equitação. O curso de ATE – Acompanhante de Turismo Equestre é igualmente ministrado em escolas profissionais, com o apoio e o reconhecimento do IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional.

1.8. Instalações equestres

A Portaria 634/2009 de 9 de Junho define os conceitos e os requisitos de instalação e funcionamento das explorações equestres. De acordo com esta portaria as explorações de equídeos são classificadas da seguinte forma:

- a) **Cavalaria** — instalação na qual são mantidos equídeos de um só detentor tendo em vista a prática de actividades desportivas, trabalho ou lazer, podendo incluir campo de treino, *paddock* ou picadeiro;
- b) **Coudelaria** — unidade na qual se procede à reprodução de equídeos registados, devendo o criador respeitar o manejo produtivo e sanitário próprio da espécie, tendo em vista o melhoramento da respectiva raça e a utilização dos animais para diversos fins, designadamente desportivos, lúdicos, culturais, pedagógicos, terapêuticos ou de trabalho;
- c) **Centro hípico** — conjunto de instalações diversificadas, incluindo geralmente picadeiro, campo de treino ou *paddock*, no qual são mantidos equídeos de diversos detentores, tendo em vista a prática de actividades desportivas, de ensino, de trabalho, de lazer, terapêuticas ou culturais;
- d) **Hipódromo** — conjunto de instalações diversificadas, incluindo geralmente picadeiro, campo de treino ou *paddock*, no qual são temporariamente mantidos equídeos de diversas proveniências e de diversos detentores tendo em vista a prática de actividades desportivas ou culturais, pelo período estritamente necessário à sua realização;
- e) **Núcleo especial de preservação do património genético** — unidade na qual se procede à criação e reprodução de equídeos em estado selvagem ou semi-selvagem tendo em vista a preservação de raças;
- f) **Recria** — instalação onde são mantidos equídeos após desmame, originários ou não da exploração, tendo em vista o seu desenvolvimento e a preparação para o utilizador ou consumidor final;
- g) **Centro de colheita de sémen** — instalação destinada à produção, processamento e armazenamento de sémen para posterior utilização em inseminação artificial;
- h) **Postos de cobrição** — instalações nas quais se prestam exclusivamente serviços de cobrição tendo em vista a reprodução assistida dos equídeos.

Com interesse para a actividade de Turismo Equestre, na vertente de “Turismo a Cavallo”, temos, assim, dois tipos de exploração utilizáveis: as cavalariças e os centros hípicos, considerando a principal diferença a titularidade dos animais aí mantidos.

Para a prática de actividades de Turismo Equestre, os interessados, após as necessárias licenças camarárias de instalação das infra-estruturas, cujos requisitos são definidos no Decreto-Lei n.º 141/2009 de 16 de Junho, devem solicitar junto do Turismo de Portugal, de

acordo com o Decreto-Lei n.º 108/2009 de 15 de Maio, a necessária licença para o acesso e o exercício da actividade das empresas de animação turística.

È ainda necessário contactar a FEP - Federação Equestre Portuguesa, enquanto entidade pública desportiva no licenciamento dos centros hípicas, e solicitar a inscrição na Rede Nacional de Centros Federados, sua classificação e a respectiva inscrição do Responsável Técnico. O Responsável Técnico deve ser licenciado na área do desporto, ou possuir a certificação reconhecida (Curso de Acompanhante de Turismo Equestre ou Guia de Turismo Equestre) (Cervantes, 2011).



2. CRIAÇÃO DE ITINERÁRIOS EQUESTRES

Na criação / desenho de itinerários equestres, devemos planear as acções a desenvolver e reflectir sobre os objectivos e os resultados a alcançar. O sucesso de um itinerário equestre está directamente relacionado com a correcta e cuidada reflexão prévia. Para a CNTE – FFE - Comité Nacional de Turismo Equestre da Federação Equestre Francesa (2010) existem 5 questões chave que devemos respeitar para iniciar os trabalhos do projecto:

O QUÊ? Objectivos do projecto, tipo de itinerário, serviços incluídos, rede de alojamento, serviços complementares, comunicação sobre o itinerário (mapas, sinalização, informações...

ONDE? Localização e reconhecimento de características da área para a criação do itinerário.

COMO? Recursos humanos, materiais e financeiros necessários.

POR QUEM? Líderes do projecto, parceiros.

PARA QUEM? Qual o público-alvo? Quem pode utilizar os itinerários e de que forma?

Devemos, ainda, colocar duas questões particularmente importantes:

Quais as motivações e as expectativas? (paisagem, sensações, descobrir o património da região, natureza, cultura, gastronomia, vinhos...).

Adequabilidade do itinerário proposto à procura e expectativas dos clientes? Para responder a estas informações, devemos realizar a pesquisa qualitativa da procura no sector e fazer a estimativa quantitativa da procura do itinerário.

2.1. Requisitos

Para além das questões enunciadas no ponto anterior, a criação / desenho de itinerários equestres deve incluir um leque de requisitos mais quantitativos, dependente da segurança e do sucesso do itinerário. O desenho de um itinerário equestre exige reflexão sobre as características específicas de alguns elementos essenciais para a implementação desta actividade, tais como o cavalo, os acompanhantes/guias, o percurso, o enquadramento e as questões relacionadas com a organização. Analisaremos de seguida, o resumo dos principais requisitos de cada um destes pontos.

2.1.1. Cavalos

O cavalo representa o mais importante elemento no Turismo Equestre. É fundamental que os cavalos utilizados para a realização de itinerários equestres cumpram os requisitos essenciais de temperamento e comportamento. De acordo com a *Equustur*, em França, os

cavalos utilizados em rotas são classificados como aptos para serem “cavalos de ócio”. Para isso, “Les Haras Nationaux” efectuam uma série de provas onde se avaliam entre outras coisas: o temperamento, a sua reacção e o comportamento perante determinadas circunstâncias e obstáculos, a sua obediência, o tempo que o cavalo leva a passar de galope para paragem, o seu comportamento em grupo nos três andamentos e uma apresentação à mão.

Não existe, actualmente, em Portugal qualquer tipo de classificação ou certificação oficial para os cavalos utilizados em Turismo Equestre. Não existindo uma certificação oficial, por razões de segurança, o profissional de Turismo Equestre deve verificar se os cavalos possuem algumas características essenciais para esta actividade:

- coragem e versatilidade;
- robustez de modo a resistir ao esforço, à mudança de rotina e de alimentação;
- treino para a actividade e hábitos de trabalho em grupo e partilha de espaço;
- condições de saúde, com especial atenção ao sistema respiratório e locomotor;
- serenos, não se assustando com os imprevistos do caminho e devem permitir que qualquer cavaleiro o maneje sem dificuldade.

As boas condições do cavalo devem ser preservadas ao longo do percurso com a adopção de boas práticas como paragens técnicas, disponibilização de água em abundância e sem apressar o cavalo. No caso de cavalos estabulados em boxe, este deve ser preparado com algum exercício exterior nos dias que antecedem o início do itinerário. Do mesmo modo no final dos itinerários devemos permitir ao cavalo algum exercício no exterior antes de ser confinado à boxe.

2.1.2. Acompanhantes / Guias

Para o sucesso turístico de um itinerário equestre, o acompanhante equestre desempenha um papel chave. Como já vimos anteriormente existe formação e categorias profissionais específicas para o acompanhamento de Turismo Equestre. O acompanhamento por profissionais devidamente credenciados é garante de competência para qualquer eventualidade.

Não existe em Portugal, de momento, legislação que determine o número necessário de acompanhantes para grupos de Turismo Equestre. Seguindo a recomendação da *Equustur* (2011), que subscrevemos, aconselha-se um mínimo de 1 acompanhante por cada 10 turistas adultos. Caso existam crianças no grupo, o número de guias deverá ser reforçado, nunca se ultrapassando o limite de 8 crianças para 1 guia.

Para um grupo de Turismo Equestre que se encontre a percorrer percursos longos, recomenda-se a existência de um veículo de apoio, que se encontre com o grupo, no

mínimo ao almoço. Este veículo de apoio poderá transportar, além do almoço para os participantes, alimento para os cavalos, material siderotécnico, etc.

2.1.3. Percurso

Os percursos passíveis de utilização em Turismo Equestre possuem características próprias e específicas. Nem sempre um caminho utilizado em percursos pedestres ou de BTT possui as adequadas características para se constituírem como um bom percurso equestre.

Os percursos equestres, dada a sua singularidade, devem respeitar um conjunto de requisitos que visam garantir a qualidade, segurança, o conforto de cavalos e cavaleiros. As características e os requisitos para os percursos são: o piso, a largura, a inclinação, a forma de transposição de obstáculos, a variação altimétrica acumulada e a sinalização.

Na elaboração de um itinerário, temos que considerar que os itinerários integram vias, cujo regime é determinado pelo regime fundiário e pela função atribuída à via, podendo-nos deparar com caminhos privados ou de uso condicionado (Zimmer, 2001). Aspectos como o clima e a estação do ano podem também condicionar a realização de um itinerário equestre numa determinada época do ano, seja pela meteorologia ou temperatura, seja pelo número de horas de luz disponíveis.

Vamos no entanto centrar-nos nos aspectos mais objectivos das características dos percursos e para tal utilizaremos como referências as recomendações do Comité Nacional de Turismo Equestre da Federação Equestre Francesa (CNTE-FFE, 2010) e o Regulamento Internacional de TREC – Técnicas de Randonnée Equestre de Competição – modalidade desportiva equestre que utiliza percursos em meio natural (Equustur, 2011). Os requisitos indicados são indicativos, devendo o percurso utilizado, em itinerários equestres, ser validado por profissionais de Turismo Equestre.

2.1.3.1. Generalidades

O perfil mais recomendado para um percurso equestre possui as seguintes características:

Largura: 1,5 metros. Esta largura poderá ser inferior em algumas zonas do percurso, mas deve sempre ser garantida a passagem em segurança de um cavalo equipado com alforges. Por largura entenda-se o espaço transitável, limpo de vegetação e obstáculos que permita a circulação do cavalo em ambos os sentidos. A largura recomendada de 1,5 metros deve ser aumentada para o dobro em zonas de desníveis acentuados, com desfiladeiros ou penhascos.

Altura: 2 metros. No percurso podem surgir obstáculos como telhados, túneis, ramadas, etc, que não devem possuir altura inferior a 2 metros, e desta forma possibilitar a sua transposição sem necessidade de desmontar.

Piso: Em terra consolidada. O piso mais adequado, ao trânsito equestre, é em terra devidamente consolidada, o mais plano possível e sem elementos soltos (pedras, gravilha, etc). Dada a extensão dos percursos, e a orografia de algumas zonas de Portugal, nomeadamente a região Norte e Centro, não é possível a elaboração de itinerários que apenas incluam este tipo de piso. Podemos pois incluir outros pisos com as necessárias precauções: os pisos com pedras soltas, rochas, cobertos de vegetação ou pavimentados em calçada obrigam a redobrados cuidados, condicionando o ritmo da marcha, de modo a prevenir lesões nos cascos dos cavalos e acidentes por desequilíbrio do cavaleiro ou do cavalo. O piso pavimentado em asfalto tem associado factores de urbanidade que contrariam as motivações dos clientes e condicionam a marcha – deve-se evitar o galope em asfalto. Actualmente muito dificilmente se conseguirá elaborar um percurso equestre evitando completamente o piso asfaltado, por isso recomenda-se que a percentagem de asfalto num percurso equestre no máximo se situe entre os 15 e os 20% da distância total.

Desníveis: Máximo de 20%. O Regulamento Internacional de TREC – Técnicas de Randonnée Equestre de Competição, permite para um cavaleiro experimentado desniveis de 40%, e para cavaleiros iniciados o desnível máximo permitido é de 20%. Já o CNTE-FFE recomenda um desnível máximo de 18% em percursos equestres. Com base nestes valores e partindo do princípio que os clientes de Turismo Equestre não são cavaleiros profissionais o desnível máximo de 20% deve ser entendido como um valor razoável. No entanto os desniveis muito acentuados (subida ou descida) devem ser evitados pois constitui um esforço adicional para os cavalos e não podendo ser evitados devemos ter especial atenção ao piso, à largura da via e duração do troço com inclinação.

Passagem de obstáculos: No decorrer de uma percurso equestre será frequente encontrarmos obstáculos, naturais ou artificiais, que temos que transpor. Um dos mais comuns e que requer maior cuidado são os curros de água. O regulamento internacional de TREC estabelece como profundidade máxima para um curso de água um valor entre 0,5 e 1 metro consoante o nível do cavaleiro. Mais uma vez por razões de segurança recomendamos o valor mais prudente e deste modo a profundidade máxima de um curso de água a transpor, num percurso equestre não deve ultrapassar os 50 cm. Não obstante o

cumprimento desta limitação é sempre necessária especial prudência na transposição deste tipo de obstáculos.

Um outro obstáculo muito comum, especialmente nas regiões do Alentejo e Ribatejo são a passagens em grelha, caracterizadas pela existência de uma vala coberta com grelhas destinada a impedir a passagem de animais em pastoreio. Estas passagens são também impedimento do trânsito equestre e sempre que no percurso nos depararmos com uma destas barreiras devemos verificar se existe nas imediações uma alternativa de passagem segura e viável que possamos usar. Caso não exista uma alternativa devemos traçar o nosso percurso por um outro local.

Em algumas zonas do percurso podemos deparar-nos com a obrigação de partilhar a via com tráfego automóvel, sendo nestes casos exigido cuidados redobrados. Devemos circular em fila indiana, o mais à direita possível e respeitar na íntegra a sinalização vertical e horizontal e as regras do código da estrada. Não podemos esquecer que os cavalos podem ser sensíveis aos ruídos e ao cruzamento com automóveis e pessoas.

2.1.3.2. Manutenção

Um dos maiores problemas dos percursos equestres é a manutenção do trilho em boas condições. Este é afectado por fenómenos derivados do clima, da erosão, do uso indevido, etc. O CNTE-FFE recomenda algumas boas práticas para contrariar a deterioração dos percursos, nomeadamente:

Para prevenir fenómenos de erosão devemos evitar solos muito arenosos, expostos à acção do vento e das águas pluviais. Devemos criar os percursos na diagonal, em relação ao declive, de modo a reduzir a inclinação e podemos usar paredes, troncos ou pedras para fazer a condução das águas para fora do percurso e desta forma estabilizar o terreno. No que respeita ao revestimento do solo, em zonas onde o piso é inapropriado para os cavalos devemos usar terra ou cascas de madeira para tentar permitir o trânsito de cavalos e melhorar as condições do percurso.

O percurso deve ser mantido limpo de vegetação e lixo de modo a permitir uma fácil e correcta identificação do mesmo. Em algumas regiões do país a vegetação cresce com especial rapidez, podendo em apenas uma estação obstruir completamente a passagem do percurso. Quando a vegetação cobre o percurso esconde-nos possíveis perigos que se encontram no solo, sendo por isso essencial a manutenção dos percursos limpos para que possam ser utilizados em segurança.

2.1.3.3. Segurança

Um aspecto fundamental na criação/exploração de percursos equestres é a segurança de cavalos e cavaleiros. Além das recomendações atrás enunciadas devemos ainda considerar a existência de seguros de responsabilidade civil (para os cavalos) e de acidentes pessoais (para os cavaleiros). A existência de um guia devidamente formado e credenciado é também essencial de modo a evitar/prevenir os acidentes. O guia deve possuir conhecimentos de socorrismo e fazer-se acompanhar de um estojo de primeiros socorros para pessoas e cavalos e de material siderotécnico para a eventualidade de ter que mudar ou reparar uma ferradura.

Sempre que se circule em zonas onde seja possível o cruzamento com veículos automóveis, especialmente ao nascer e ao pôr-do-sol, os cavaleiros e cavalos devem estar munidos de material reflector de modo a sinalizar devidamente a sua presença. Principalmente no inverno, em que os dias são mais curtos, e a probabilidade dos percursos terminarem com deficientes condições de luminosidade, além do material reflector os cavaleiros devem estar equipados com lanternas.

2.1.3.4. Sinalização

A sinalização de percursos equestres tem uma dupla função, por um lado potenciamos o desenvolvimento de uma área uma vez que se prevê uma maior utilização do percurso com os naturais benefícios económicos, por outro lado garantimos a segurança de todos aqueles que utilizam o percurso guiando-os por um itinerário seguro para cavalo e cavaleiro.

2.1.4. Enquadramento paisagístico, cultural e patrimonial

Para o sucesso de um itinerário equestre não basta que o percurso cumpra os requisitos definidos, há também uma série de factores associados que são fundamentais para o sucesso do itinerário. É essencial associar ao percurso factores de interesse cultural, patrimonial e ambiental que motivem o cliente a escolher o itinerário que lhe propomos.

Os **cavalos**: os clientes de Turismo Equestre são, por norma, pessoas muito interessadas e conhecedoras de cavalos, e sendo esta a principal motivação da maioria dos clientes é essencial oferecer bons cavalos para a realização dos itinerários. Não só os cavalos que servirão de montada são importantes, se for possível associar ao percurso a passagem por locais onde exista grande probabilidade de encontrar cavalos em estado selvagem ou em liberdade será uma grande mais valia para o percurso e com certeza um dos pontos altos do percurso.

A **paisagem**: os percursos equestres devem realizar-se em ambientes preservados, quer do ponto de vista ambiental quer patrimonial. A existência em Portugal de uma vasta rede de

áreas protegidas potencia a criação de percursos equestres em zonas ambientalmente muito preservadas e que satisfarão as expectativas dos clientes. No entanto no desenho de um percurso equestre devemos ponderar o custo benefício de fazer passar o percurso em locais ambientalmente sensíveis, pois o uso turístico de um percurso não pode comprometer a preservação ambiental de um local. Neste ponto é fundamental garantir que o grupo de cavaleiros não deixa qualquer impacto negativo nas zonas por onde passa.

A **cultura e o património**: também os aspectos culturais e patrimoniais são muito importantes no momento da escolha do destino equestre. Além do cavalo o cliente procura também conhecer a paisagem, a cultura e o património de uma região. É essencial que os percursos passem também por pontos com interesse patrimonial e que se dêem a conhecer os mais importantes aspectos da cultura da região, como por exemplo o artesanato, os produtos locais, a gastronomia e vinhos, o folclore, etc. Caso se pretenda incluir no percurso equestre a visita, dos cavaleiros, ao interior de pontos de interesse patrimonial deve ser assegurada a possibilidade de deixar os cavalos em local seguro.

2.1.5. Organização do Itinerário

Após a validação do interesse e a viabilidade do percurso equestre, dos cavalos, dos acompanhantes e da envolvente, podemos avançar para a elaboração de um itinerário que possa ser comercializado turisticamente.

Para a criação de um itinerário equestre não basta juntar um grupo de percursos, existe um vasto conjunto de factores que devidamente ponderados contribuem decisivamente para o sucesso comercial. A seguir afluiremos alguns dos aspectos mais importantes a considerar no momento de elaborar um itinerário equestre.

2.1.5.1. Duração (dias)

A correcta definição da duração de um itinerário equestre é fundamental para o seu sucesso. De acordo com os estudos de mercado analisados existem três grandes grupos de itinerários no que respeita à sua duração:

- **Itinerários de 1 dia ou menos**: este tipo de itinerário assume especial importância como complemento de outros segmentos turísticos. É normalmente uma actividade de animação turística que visa complementar e enriquecer as férias dos clientes.

- **Itinerários de 3 dias**: este tipo de itinerário pretende alcançar os clientes que aproveitam fins-de-semana prolongados para fazer actividades de Turismo Equestre. A este tipo de itinerários estão associados normalmente dois dias de equitação, com chegada à sexta-feira, o Sábado e o Domingo são reservados a montar a cavalo, partindo no Domingo ao

final do dia ou na Segunda-Feira de manhã. Caso a partida do cliente ocorra no Domingo ao final do dia, neste dia apenas se deve montar de manhã.

- **Itinerários de 7 dias:** Este tipo de itinerário destina-se a um vasto número de clientes que faz do Turismo Equestre as suas férias. Com chegadas à Sexta-feira ou ao Sábado este tipo de itinerário permite habitualmente 5 dias a montar a cavalo. Este tipo de itinerário, segundo a análise do perfil do cliente de Turismo Equestre, é o que reúne a maior preferência dos clientes, acrescentando ainda o facto de ser o que se traduz numa maior mais valia económica para os agentes envolvidos.

Podemos ainda identificar outro tipo de itinerários mas com menor relevância, nomeadamente os itinerários de 5, 9, 11 ou 14 dias. Este tipo de itinerários sendo menos usuais deverão seguir as regras e requisitos aplicáveis aos itinerários de 3 e 7 noites.

2.1.5.2. Distância percorrida

A distância a percorrer em cada um dos percursos está obviamente condicionada pelo grau de dificuldade do mesmo, nomeadamente através das características do terreno, piso, desnível acumulado de subida e de descida, condição física de cavalos e cavaleiros, extensão do itinerário, etc.

Segundo alguns especialistas consultados e de acordo com a CNTE-FFE (2010) um percurso com um grau de dificuldade normal deverá ter uma extensão entre os 25 e os 35km diários. Esta distância possibilita em condições normais cerca de 5 horas a cavalo (considerando uma velocidade média de cerca de 6km/h). Juntando às 5 horas uma paragem para almoço e algumas paragens técnicas para descanso obtemos um valor temporal para percorrer o percurso entre as 6 e as 7 horas.

Em caso de grandes desníveis acumulados ou de pisos difíceis é aconselhável reduzir ao número de km diários, de modo a que o número de horas diárias não ultrapasse as 7 horas. Vários autores recomendam um tempo médio de 6 horas a cavalo, sendo o tempo máximo de 8 horas diárias. Uma vez que é necessária uma margem de segurança razoável aconselhamos a que não se desenhem percursos que necessitem de mais de 7 horas para serem percorridos (incluído o tempo para paragens).

A melhor forma de fazer esta verificação é a verificação no terreno. Após traçar a definição do percurso importa que este seja testado por um profissional de modo a validá-lo e aferir do tempo necessário e do seu grau de dificuldade.

2.1.5.3. Tipo

Com vimos anteriormente existem várias formas de organizar um itinerário equestre: em estrela, em pétala, circular e em linha. Os dois primeiros permitem-nos conhecer mais profundamente uma região, uma vez que o ponto de partida e chegada diária é sempre o mesmo ao longo dos dias. Os itinerários em linha e circulares permitem alcançar uma área mais vasta. Neste tipo de itinerários devemos considerar um aspecto essencial que é o local de pernoita de cavalos e cavaleiros. Se for possível que o percurso se desenvolva entre locais de alojamento eliminamos a necessidade de transferes diários para um único alojamento. De acordo com os estudos de perfil do cliente os circuitos em linha ou circulares são os que reúnem maior preferência dos clientes, especialmente em itinerários de 7 ou mais dias.

Os circuitos em estrela ou em pétala são os mais aconselháveis a cavaleiros com menor experiência, ou menor condição física, sendo mais fácil combina-lo com outro tipo de actividades complementares (Equustur, 2011).

2.1.5.4. Zonas de apoio (zonas de sombra, paragem, pontos de água)

Para o bem-estar e segurança de cavalos e cavaleiros é recomendável que no decorrer de um percurso se façam paragens regulares. Existem dois tipos de paragens: as paragens técnicas e as paragens de descanso (Equustur, 2011).

As **paragens técnicas** deverão ter uma duração entre os 5 e os 10 minutos e realizar-se a cada 10 km de marcha. Em caso de percursos de maior grau de dificuldade devemos aumentar o número de paragens técnicas, reduzindo a distância entre paragens. Nestas paragens devemos fazer uma verificação às condições dos cavalos (ferraduras) e material de montar (selas e arreios). É aconselhável que estas paragens se realizem em locais de sombra, com local para amarração dos cavalos e se possível com água potável para os cavalos.

Normalmente recomenda-se apenas uma **paragem de descanso** por dia, fazendo-a coincidir com o período de almoço. Esta paragem deve ter uma duração aproximada de 1 hora e deverá permitir a alimentação de cavalos e cavaleiros. É altamente recomendável disponibilizar água aos cavalos durante esta paragem, não devendo apressar o cavalo no acto de hidratação. Aconselha-se ainda que a paragem de descanso se realize após cerca de 70% do percurso diário. Tal como nas paragens técnicas é aconselhável que estas paragens se realizem em locais de sombra, com local para amarração dos cavalos e se possível com água potável para os cavalos evitando assim ter de transportar a água num veículo de apoio.

2.1.5.5. Segurança

Ainda que todas as recomendações de segurança sejam seguidas existe sempre a possibilidade de ocorrer um acidente. Destacamos a seguir os mais importantes procedimentos preventivos que nos permitirão resolver ou ultrapassar as contrariedades que venham a ocorrer:

- **Estojo de primeiros socorros:** o acompanhante do grupo deverá transportar um estojo de primeiros socorros para pessoas e cavalos. Deve ainda possuir conhecimentos básicos de socorrismo em pessoas e equinos de modo a prestar um primeiro auxílio em caso de acidente.
- **Material siderotécnico:** é elevada a possibilidade de um cavalo perder ou danificar uma ferradura, por isso o acompanhante deverá ter conhecimentos de ferrador e transportar material para as reparações mais comuns.
- **Contacto móvel:** O acompanhante deverá transportar sempre um meio de contacto móvel, de modo a pedir auxílio em caso de urgência. Este equipamento deverá ser verificado no início de cada etapa de modo a garantir que se encontra em perfeito estado de funcionamento e deverá ser transportado numa bolsa acolchoada e impermeável para prevenir danos em caso de queda. Se o percurso se desenrolar por locais sem cobertura da rede móvel de comunicações deverá ser assegurada uma forma de contacto alternativa (via sinal de rádio ou satélite).
- **Pontos de extracção:** deverão estar devidamente identificados os locais onde é possível recolher, através de veículo de apoio ou emergência, pessoas ou cavalos no meio do percurso. Estes pontos podem corresponder a estradas pavimentadas, aldeias, etc. Estes pontos devem constar da informação do percurso e serem disponibilizados às autoridades em caso de necessidade.
- **Vias de emergência:** por algum motivo (condições meteorológicas, acidente, etc.) podemos ter necessidade de interromper o percurso antes do seu término. No caso de circuitos em linha ou circulares devemos dirigir-nos ao ponto de extracção mais próximo e solicitar apoio. No caso de percursos em pétala devem estar identificados percursos que nos permitam encurtar significativamente a distância programada.
- **Sinalizador GPS:** Hoje em dia as novas tecnologias permitem-nos melhores condições de segurança. Os sinalizadores GPS são uma ferramenta que se pode revelar muito útil em caso de acidente em zonas de difícil acesso. Estes dispositivos podem ser instalados nas selas e podem até ser úteis no caso de eventual fuga do cavalo.

Estas são algumas recomendações que podem atenuar ou prevenir acidentes durante o percurso. No entanto os mais importantes factores de segurança são: o acompanhamento por um profissional experiente e uma correcta planificação do itinerário.

2.1.5.6. Alojamento de cavalos e cavaleiros

Nos itinerários equestres um dos pontos essenciais é o alojamento de cavalos e cavaleiros. Para o alojamento de cavaleiros a legislação nacional garante a qualidade do alojamento disponível no país e por isso devemos preocupar em oferecer opções de alojamento devidamente licenciado e classificado numa das tipologias enunciadas na legislação de empreendimentos turísticos (Decreto-Lei 39/2008). A utilização de alojamento licenciado é garante de qualidade e satisfação do cliente.

Já o alojamento dos cavalos é algo mais complicado. O CNTE-FFE (2010) enuncia um conjunto de infra-estruturas dos alojamentos de cavalos durante um itinerário equestre. Estas infra-estruturas podem ser divididas em dois grupos, de acordo com a sua importância: as essenciais e as complementares.

Infra-estruturas básicas

Ponto de amarração: deve existir uma zona onde os cavaleiros possam prender os cavalos, montando e desmontando em segurança.

Ponto de água potável: é fundamental que os cavalos tenham livre acesso a água potável durante a noite. Se durante a noite os cavalos permanecerem no campo este ponto pode ser natural (lago) ou artificial (bebedouros). Se a pernoita for em boxes deve ser colocado um bebedouro para o cavalo. A correcta hidratação do cavalo é essencial para a sua boa condição física que nos permitirá prosseguir a marcha no dia seguinte.

Paddock ou campo fechado: deve existir um local vedado onde os cavalos possam pernoitar em segurança. Este espaço pode ser vedado por cerca electrificada, mas deve ser evitado o arame farpado e cercas de rede. O espaço deve estar limpo, deve ser garantido que não existem plantas venenosas e que o espaço é suficientemente grande (entre 3000 e 5000 metros quadrados para cada 12 cavalos). Devemos ainda equacionar a eventual necessidade de separar os cavalos.

Arrumos para o material: deve existir um local, abrigado, para arrumar, limpar e preparar o equipamento de montada. Deve existir uma barra elevada do solo ou cavaletes para arrumação das selas e ganchos na parede para suspender os arreios.

Outros: O alojamento deve ainda ter disponível o contacto do veterinário e ferrador mais próximos para alguma eventualidade

Infra-estruturas complementares

Espaço abrigado: para selar os cavalos no início do dia e retirar as selas no final da etapa.

Estendal: para colocar a secar o material que eventualmente esteja molhado.

Duche para cavalos: poderá existir um local para que se possa dar banho aos cavalos. Este local deverá ter uma torneira com uma mangueira e deverá ser num local pavimentado de modo a não criar lama.

Boxes: a forma ideal de alojamento dos cavalos é em boxes. Estas deverão ter cerca de 3 x 3 metros e possuir um bebedouro.

Feno e Palha: o alojamento deverá disponibilizar feno de qualidade para os cavalos se alimentarem durante a noite. Devem ser previstos cerca de 10kg de feno/palha por cavalo/dia.

Rações: podem ainda ser disponibilizadas rações comerciais para reforço alimentar do cavalo.

Estacionamento: o alojamento deverá permitir o acesso e estacionamento dos veículos de apoio ao itinerário equestre.

Outro material: O alojamento poderá ainda ter disponível material siderotécnico, de primeiros socorros para cavalos, etc.

Para a utilização de um alojamento num itinerário equestre é essencial que este garanta, directa ou indirectamente, as infra-estruturas básicas, sendo o veículo de apoio responsável por garantir as restantes condições, como por exemplo a alimentação dos cavalos. As infra-estruturas complementares ainda que não obrigatórias facilitam a logística de organização do itinerário e aumentam o bem-estar dos cavalos e a satisfação dos cavaleiros.

2.1.5.7. Refeições (cavaleiros)

As principais refeições a considerar num itinerário de Turismo Equestre são:

- O Pequeno-almoço: esta refeição deverá ser servida sempre no local de alojamento do cavaleiro e deverá ser abundante e de qualidade, usando preferencialmente produtos de origem local. Não devemos esquecer que a realização de um percurso equestre obriga a um considerável esforço físico, sendo pois essencial uma correcta alimentação.
- O Almoço: como já referimos anteriormente o almoço deverá ocorrer quando estejam percorridos cerca de 70% da distância diária. Esta refeição deverá ser tipo pic-nic sendo transportada pelo veículo de apoio ou nos alforges dos cavalos. Deve ser uma refeição ligeira com forte presença de fruta e legumes.

- O Jantar: o jantar é a oportunidade de dar a conhecer aos cavaleiros a gastronomia e vinhos de cada região. Ainda que não obrigatório o jantar deverá ser realizado no alojamento de modo a evitar transferes de/para restaurantes.

Podemos ainda prever, especialmente no caso de itinerários longos, um jantar de despedida que poderá ser acompanhado por uma demonstração da cultura popular (folclore, artesanato, etc).

2.1.5.8. Actividades complementares

Um itinerário de Turismo Equestre pode ser complementado com a inclusão de actividades complementares que visam tornar o itinerário mais atractivo para os clientes e simultaneamente dinamizar e divulgar outros recursos da região.

As actividades complementares podem ser incluídas no decorrer do percurso, sobretudo se forem visitas, ou podem ser programadas para o final do dia e incluir actividades tão diversas como: visitas a monumentos, artesanato, jardins, adegas, actividades de golfe, pedestrianismo, *cooking lessons*, provas de vinhos, termalismo, actividades de turismo radical, etc.

Estas actividades visam enriquecer o itinerário equestre e são particularmente importantes quando os percursos são mais curtos e por caminhos com menor interesse ambiental, patrimonial ou cultural.

Se o itinerário equestre for constituído por etapas longas e fisicamente duras não se recomenda a existência de actividades complementares que aumentem ainda mais o cansaço acumulado na etapa pelos clientes.

2.2. Metodologia de criação de Itinerários Equestres

Nos capítulos anteriores elencamos um conjunto de requisitos que os itinerários equestres devem satisfazer, bem como algumas recomendações e sugestões de reflexão para que o itinerário equestre seja comercialmente atractivo, seguro e dinamizador da economia regional.

Quando se objectiva elaborar um itinerário equestre podemos organizar as nossas acções de modo a sistematizar o trabalho e a garantir que todos os pontos necessários são abrangidos.

Apresentamos a seguir uma sugestão de metodologia para a elaboração de itinerários equestres numa determinada região.

1. **Caracterização da região e dos seus principais recursos turísticos:** necessário um profundo conhecimento da região onde pretende elaborar o itinerário de modo a garantir que este passe pelos locais mais interessantes e que faz uma correcta apresentação da região. É ainda essencial aferir da possibilidade de acesso a cavalo aos mais importantes recursos turísticos e de que forma estes podem valorizar o itinerário. Deve evitar recursos em ambientes densamente urbanizados;
2. **Identificação dos equipamentos equestres da região:** se não possuir meios próprios, principalmente cavalos, para a realização do itinerário é essencial encontrar um parceiro que assegure esse serviço aos clientes. Esta prévia selecção permite-nos identificar e caracterizar os meios que teremos disponíveis e adaptar o itinerário às eventuais condicionantes encontradas. A inventariação dos equipamentos equestres permite também identificar possíveis pontos de apoio para o itinerário;
3. **Caracterização do perfil do cliente:** identificar o público-alvo do itinerário, conhecer as suas preferências e construir o itinerário de modo a cativar o máximo de clientes possível. As motivações e perfil dos clientes de Turismo Equestre podem variar de acordo com o mercado da sua proveniência;
4. **Identificação de outros itinerários na região:** fazer uma pesquisa de outros itinerários que existem na região e que possa facilitar o trabalho. Deve identificar possíveis percursos equestres e avaliar a sua potencial utilização (podem ser exclusivos de outros agentes), inventariar outros percursos existentes (pedestres, BTT, TT) e avaliar a possibilidade da sua utilização equestre;
5. **Identificação de locais de alojamento:** inventariar as possibilidades de alojamento para cavalos e cavaleiros e aferir da sua adequabilidade aos requisitos que este tipo de infra-estruturas deve proporcionar;
6. **Definir o tipo e duração do itinerário:** antes de iniciar a criação / desenho dos percursos, deve decidir qual o tipo (estrela, pétala, linha ou circular) e a duração do itinerário (numero de dias);
7. **Elaborar um esboço inicial:** definidos os critérios e identificados os recursos, deve munir-se de um mapa (1:50.000 ou 1:100.000) e traçar um esboço do itinerário, fazendo-o passar pelos recursos que identificou como mais importantes para o itinerário e tendo o cuidado de iniciar e terminar as etapas o mais próximo possível dos locais de alojamento. Este esboço dá-nos uma ideia geral do itinerário;
8. **Definição dos percursos:** após o esboço deve dividi-lo em pequenas parcelas e trabalhar cada uma delas individualmente. Em cada parcela deve determinar em detalhe o percurso (GPS ou mapa 1:25.000), atendendo a todos os requisitos e recomendações enunciadas, definindo também as opções de alojamento para

cavalos e cavaleiros. Para definição do percurso recomendamos a prévia identificação em mapa e posterior validação no terreno para avaliação de largura, pisos, pontos de apoio;

9. **Definição do itinerário:** concluída a definição dos percursos equestres pode adicionar-lhe os necessários complementos, para a criação de um produto turístico apetecível. Neste ponto deve incluir o alojamento, as refeições, as actividades complementares, os eventuais transferes;
10. **Validação do itinerário:** todos os itinerários equestres devem ser devidamente testados por profissionais de Turismo Equestre. Nenhuma regra ou requisito substitui a experiência e conhecimento de um profissional do sector. Se possível esta validação deverá ser efectuada por um grupo de profissionais de modo a uma mais correcta identificação de aspectos a melhorar;
11. **Comercialização do itinerário:** concluída a validação por profissionais e efectuados os eventuais ajustes identificados, o itinerário poderá ser divulgado e comercializado.



3. ITINERÁRIOS EQUESTRES NO MINHO-LIMA

3.1. Desenho dos itinerários / Metodologia utilizada

A criação de 4 itinerários temáticos de Turismo Equestre na região Minho-Lima constitui o modelo referencial para a validação da metodologia dos requisitos pré-concebidos, bem como a avaliação da sua operacionalidade no terreno.

Deste modo, os itinerários criados pela TURIHAB integram as diferentes valências (morfologia, orografia, clima, recursos locais, alojamento, restauração e animação complementar) e as tipologias / duração de percursos equestres, para testar a implementação dos pré-requisitos e as recomendações nos diversos cenários da região Minho-Lima.

Para a elaboração dos 4 itinerários de Turismo Equestre, foi implementada a metodologia desenvolvida no capítulo 3 – Criação de Itinerários Equestres.

Após a caracterização da região, foram inventariados os principais recursos turísticos e os equipamentos equestres e definido o perfil do cliente equestre. Foi realizado um levantamento de percursos existentes na região e dos alojamentos disponíveis, seguindo-se a definição do tipo e a duração do itinerário. Com o objectivo de avaliar e validar o potencial equestre e definir os percursos referenciais da região piloto, desenvolvemos 4 itinerários com os seguintes tipo e duração:

- Itinerário N.º 1 – 7 noites – Circular
- Itinerário N.º 2 – 7 noites – Linha
- Itinerário N.º 3 – 7 noites – Pétala
- Itinerário N.º 4 – 3 noites – Pétala/estrela

Após a definição dos itinerários equestres de acordo com a metodologia proposta, foram elaborados esboços dos itinerários, seguindo-se a análise, o reconhecimento e a validação no terreno. A validação realiza-se por profissionais do sector com vista à uniformização da informação. Após a validação e a eventual correcção ou ajustes, os itinerários constituem referenciais disponíveis aos agentes de Turismo Equestre, para a sua implementação e a dinamização do potencial deste segmento turístico na região Minho-Lima e em Portugal.

3.2. Caracterização da região piloto

A região em estudo NUTS III Minho-Lima, localizada no Noroeste de Portugal, entre o Porto e a Galiza, é servida por boas infra-estruturas logísticas, como o Aeroporto do Porto, Vigo e Santiago de Compostela e os Portos de Leixões, de Viana do Castelo e Vigo, a região é

provida, também, de importantes acessibilidades, que fazem a ligação entre a Cidade Invicta e Valença, rumo à fronteira espanhola, nomeadamente a A3, a A28, a A27 e o IC28.

Com uma população de cerca de 250.000 habitantes, distribuída por uma área territorial de 2210 km²., engloba dez municípios agrupados em dois vales: o Minho (Caminha, Vila Nova de Cerveira, Paredes de Coura, Valença, Monção, Melgaço) e o Lima (Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Ponte de Lima e Viana do Castelo).

3.2.1 Morfologia / relevo

Esta região apresenta um relevo bastante irregular encontrando-se encaixado entre alinhamentos montanhosos de apreciável envergadura, salientando-se a serra da Peneda, serra de Castro Laboreiro, serra do Soajo, serra Amarela e serra de Arga.

Mas não são apenas as serras e os montes que moldam a fisionomia do território; também numerosos vales, rios e praias.

Este espaço territorial é rico em recursos hídricos superficiais e subterrâneos, de que se destacam os rios Minho e Lima. O rio Minho é um rio internacional que nasce a uma altitude de 750 m na serra de Meira, na Galiza, e percorre cerca de 300 km até desaguar no oceano Atlântico a sul de A Guarda e a norte de Caminha. Nos últimos 70 km do seu percurso, entre Melgaço e a foz, o Minho serve de fronteira entre Portugal e Espanha. Entre a nascente e a foz, o rio Minho passa por Lugo, Ourense e Tui na Galiza e Melgaço, Monção, Valença, Vila Nova de Cerveira e Caminha nesta região. A área da bacia hidrográfica do rio Minho é de 17.080 km², dos quais 800 km² situados no território português. Os seus principais afluentes, de montante para jusante, são: Trancoso, Mouro, Gadanha e Coura.

O rio Lima, também é um rio internacional, que nasce na serra de S. Mamede, na Galiza, e percorre 108 km, dos quais 67 km nos concelhos de Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e Ponte de Lima, até desaguar no oceano Atlântico, em Viana do Castelo. Entra em Portugal por uma garganta apertada entre os maciços da serra do Soajo e da serra Amarela. Dos 2.480 km² abrangidos pela sua bacia hidrográfica, 1.303 são em território nacional e coincidem com o vale do Lima. Os concelhos de Viana do Castelo e Ponte de Lima são atravessados por bacias hidrográficas de cursos de água menores, das quais se destacam a norte a do rio Âncora, e a sul a do rio Neiva. Se o Lima atravessa o território transversalmente de leste para oeste, os seus afluentes da margem norte correm todos para sul, verificando-se o contrário com os da margem sul. O Vez é, sem dúvida, o afluente mais importante e o grande responsável pela paisagem do concelho de Arcos de Valdevez. A sul, e desaguando quase no mesmo local do vez, encontra-se o rio Vade, que divide o concelho de Ponte da Barca através de um magnífico e estreito vale. No concelho de Ponte de Lima os principais afluentes são: o Estorãos e o Labruja, a norte, e o Trovela a sul.

3.2.2. Clima

A localização geográfica da região impõe-lhe características climáticas de transição entre os climas frios e húmidos do Norte da Europa, e os climas quentes e secos de África. Ainda que, sob o ponto de vista climático, a influência mediterrânica se faça sentir em toda a extensão do território nacional, no Noroeste peninsular, e portanto neste espaço territorial, predomina com alguma evidência a influência atlântica. As variações das temperaturas médias anuais são pequenas, devido ao efeito regulador do Atlântico, situando-se entre os 7,5°C e os 15°C. As amplitudes térmicas aumentam à medida que se caminha do litoral para o interior e se avança em altitude. De uma forma geral, pode dizer-se que os Invernos são amenos e os Verões são frescos. As massas de ar húmido, provenientes do oceano, sobem ao encontrar a barreira montanhosa que delimita a região e que se inicia logo junto ao mar, provocando a sua condensação e precipitações elevadas em toda a região. Encontram-se nesta zona as precipitações mais elevadas da Europa, que podem atingir os 3.400 mm anuais nas terras mais altas do interior. Note-se, contudo, que é no que diz respeito às precipitações que mais se fazem sentir as características dos climas mediterrânicos. A distribuição das chuvas é irregular ao longo do ano, concentrando-se entre Dezembro e Março (com cerca de 50% da precipitação anual). Em contrapartida, os meses de Verão, de Junho a Setembro, não recebem mais do que 12% daquela precipitação anual. A ocorrência de geadas é praticamente nula na orla costeira, aumentando à medida que se caminha para o interior e em altitude. Em certos locais, o período de risco de geadas atinge os três meses, normalmente de Outubro/Novembro até Março. Já a insolação, com valores mínimos no Inverno e máximos no mês de Julho, apresenta valores médios na ordem das 2.400 horas de sol descoberto por ano, havendo decréscimos deste valor do litoral para o interior.

3.3. Principais recursos turísticos da região piloto

3.3.1. Recursos naturais

A região engloba uma multiplicidade de paisagens de identidade muito própria, que se distingue pela harmonia dos seus diversos ecossistemas: marítimo, fluvial e terrestre.

A paisagem natural assume no Minho-Lima uma importância significativa, desde logo por integrar grande parte do território do Parque Nacional da Peneda-Gerês, pelo aproveitamento dos recursos naturais e o património construído (albufeiras, marinas, parques, percursos, miradouros, ecovias, jardins e trilhos) mas também por existir uma rede complementar de áreas naturais (Rede de Áreas Protegidas de Interesse Nacional e a Rede Natura 2000): Paisagem Protegida da Lagoa de Bertandos e São Pedro de Arcos (Ponte de Lima); Paisagem Protegida de Corno do Bico (Paredes de Coura); Sítio de Importância

Comunitária do Rio Minho e Zona de Protecção Especial dos Estuários do Minho e Coura; · Sítio de Importância Comunitária do Rio Lima; Sítio de Importância Comunitária da Serra de Arga; Sítio de Importância Comunitária do Litoral Norte (Viana do Castelo e Caminha).

Rica em espaços naturais, que vão desde a montanha ao campo, passando pelos longos areais de rios e praias, esta região prima, ainda, pela variedade e riqueza da fauna e da flora, caracterizada por um coberto vegetal: matos, carvalhais, sobreiros, castanheiros, medronheiros, azevinhos e pinhais, bosques de bétula ou vidoeiro, abundante vegetação bordejando as linhas de água, campos de cultivo e pastagens. No que se refere à comunidade faunística destaca-se a presença, nas áreas de montanha, do javali, do veado, do texugo, do lobo, da águia-real, do milhafre-real, do falcão e as raças autóctones desta região: Garrana, Barrosã, Cachena e o Porco Bísaro. Nos rios abundam o sável, a lampreia e a truta entre outras espécies piscícolas que constituem um enorme potencial na gastronomia local e na valorização da paisagem.

3.3.2. Recursos históricos, culturais e patrimoniais

Com uma ocupação humana que remonta a tempos imemoráveis, o Minho-Lima apresenta um importante conjunto de testemunhos dessa ocupação, com 871 sítios arqueológicos identificados e intervencionados pelo IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (arte rupestre, povoados castrejos, antas, mamoadas, necrópole, miliarios, vestígios diversos), os aglomerados rurais, o Caminho Português de Santiago de Compostela (Caminho do Lima, Caminho do Noroeste; Caminho do Norte e Caminho da Geira Romana).

A região conta com 173 imóveis classificados pelo IGESPAR, sendo a sua grande maioria Imóveis de Interesse Público e Monumentos Nacionais, com especial destaque para o património civil (fortalezas, castelos e fortes, a XIX via romana, o complexo mineiro da época romana, pontes, pelourinhos, paços, palacetes, torres, palácios e solares) e o património religioso (igrejas, capelas, cruzeiros, mosteiros, conventos).

Os centros históricos dos dez municípios são espaços urbanos de antiquíssima fundação que representam actualmente fortes pólos de atracção para os visitantes. O património artístico/cultural também representa nesta região um potencial enorme na captação de visitantes e turistas, nomeadamente os Museus (Museu do Ouro e do Traje em Viana do Castelo, do Museu do Cinema em Melgaço, o Aquamuseu em Vila Nova de Cerveira, o Museu Ferroviário em Valença, ao Museu de Arte Sacra e Arqueologia em Ponte de Lima), os centros de interpretação, as galerias e mostras de artesanato, o folclore, as feiras, as festas e romarias são outras manifestações culturais que potenciam e valorizam económica e socialmente a região Minho-Lima.

3.3.3. Gastronomia e Vinho Verde

A gastronomia configura um dos mais representativos aspectos de usos e costumes próprios dos saberes ancestrais da região Minho-Lima. Constitui uma herança a preservar em cada prato tradicional exemplificativo da memória e identidade cultural. São receitas familiares, saberes conventuais, muitos deles guardados em segredo. A gastronomia reflecte diversos aspectos da história e da tradição desta região, sendo uma das formas encontradas para valorizar os prazeres da mesa. A realização de diversos festivais dedicados à gastronomia, aos vinhos e aos produtos locais são manifestações frequentes nesta região que catalisam milhares de visitantes.

Esta região conta com 488 restaurantes onde pode escolher entre variadíssimos pratos típicos, dos quais se destacam o “caldo verde”, classificado como uma das 7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa, o “arroz de sarrabulho, os rojões, o cozido à minhota, a posta barrosã, o cabritinho mamão da serra, o cabrito do monte, o cabrito montês, a chanfana de cabra à moda de Germil, ou o cabrito dos montados de Boivães”. Nos peixes “bacalhau à moda de Viana, bacalhau à Gil Eannes, o bacalhau à Margarida da Praça, o bacalhau à S. Teotónio, a truta do rio Coura, o sável, o arroz de lampreia e a lampreia à bordalesa”.

A doçaria representa, também, um produto diferenciador da gastronomia nesta região, os doces conventuais e receitas familiares preparadas especialmente nas épocas festivas como o Natal e a Páscoa, por outro lado, as romarias são verdadeiras mostras da mestria das doceiras da região. O “leite creme queimado, os rebuçados” confeccionados com açúcar e mel, “os charutos de ovos”, os conhecidos doces da Páscoa, “o bolo branco, as rabanadas de mel, a torta e as meias-luas de Viana” são algumas das receitas que podem ser saboreadas a quando de uma visita à região.

Este território integra a Região Demarcada dos Vinhos Verdes. Viajando pela região Minho-Lima, podemos observar a extraordinária beleza da zona produtora deste vinho, que encontramos um pouco por toda a parte, e através dela, pode-se compreender melhor porque todos os nossos antepassados o designaram por “verde”.

“Foi no Noroeste, no coração mais povoado de Portugal desde os tempos asturo-leoneses que a densa população cedo se espalhou pelas leiras de uma terra muito retalhada. A partir do século XII existem já muitas referências à cultura da vinha cujo incremento partiu da iniciativa das cooperações religiosas a par da contribuição decisiva da Coroa. Embora a sua exportação fosse ainda muito limitada, a história revela-nos que terão sido os ‘Vinhos Verdes’ os primeiros vinhos portugueses conhecidos nos mercados europeus (Inglaterra, Flandres e Alemanha), principalmente da região de Monção e da Ribeira Lima.” (CVRVV, 1997).

“É uma região que pelos suas características de solo e clima, e pela feição socioeconómica e agro-técnica da sua agricultura e pelas pressões demográficas que tem sofrido ao longo dos tempos, além das características “sui-generis” das suas castas e formas de condução da videira tradicionalmente praticadas produz um vinho único no mundo - o vinho verde” (Artur O.Pinho, 1993).

Nesta região são produzidos vinhos brancos das castas: Alvarinho, Loureiro, Trajadura, Arinto, Pedernã, Aveso e Azal branco e vinhos tintos das castas Vinhão, Borraçal, Espadeiro e Doçal. Os brancos são na generalidade de cor citrina, com limpidez de cristal, apresentam um aroma frutado, sendo o Alvarinho a casta predominante no Vale do Minho e o Loureiro no Vale do Lima. Os brancos devem beber-se de preferência com peixes, mariscos ou carnes brancas. Quanto aos vinhos tintos a casta de maior expressão é o Vinhão, são vinhos de sabores fortes, carnudos, ligeiramente adstringentes, adequados para acompanhar as carnes vermelhas e os pratos tradicionais da região.

Esta região integra a Rota dos Vinhos Verdes que tem por objectivo estimular o desenvolvimento do potencial turístico nas diversas vertentes da actividade vitivinícola e da produção de vinhos de qualidade.

Actualmente, a região conta no Vale do Minho com cerca de 1700 viticultores da casta Alvarinho, 35 empresas produtores que podem ser visitados (Paço do Alvarinho e Adegas Cooperativas de Monção, Palácio da Brejoira, Quintas de Melgaço e Solar do Alvarinho, entre outras); e no Vale do Lima, 2000 viticultores associados à Adegas Cooperativas de Ponte de Lima, 1100 à Adegas Cooperativas de Ponte da Barca e 30 produtores / engarrafadores (Vinhos AFROS, Quinta do Ameal, Aguiã, Terras de Geraz, entre outros).

Os vinhos verdes, conjuntamente com a gastronomia, constituem um produto diferenciador, potenciador de novos segmentos de mercado e que contribuem decisivamente para a criação da imagem deste destino.

3.3.4. Alojamento

Nos últimos anos, uma série de projectos de relevante importância levaram ao desenvolvimento rural e competitividade da região. Disso é exemplo o pioneirismo no desenvolvimento de uma oferta turística original, o TH - Turismo de Habitação (94 casas), que veio desencadear o aparecimento do TER - Turismo no Espaço Rural (Casas de Campo e Agroturismo) com 113 casas e 6 Hóteis Rurais, totalizando nesta região 213 empreendimentos com 2556 camas. Representa a maior concentração de TH / TER em Portugal.

A implementação deste segmento específico de turismo deu origem a duas marcas diferenciadoras com sede nesta região: os *Solares de Portugal*, com 33 casas e as *Aldeias de Portugal*, com 49 casas.

As *Aldeias de Portugal* propõem a descoberta dos aglomerados rurais, permitindo viajar a tempos remotos e às origens das aldeias das quais realçamos Castro Laboreiro, Branda da Aveleira, Sistelo, Soajo, Lindoso e Germil em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês e a Cabração junto à Serra de Arga.

Esta região tem 30 empreendimentos hoteleiros (20 Hóteis de 4 estrelas e 10 Hóteis de 3 estrelas), que constituem uma oferta complementar e podem ser alternativos ao alojamento acima proposto, dos quais destacamos o Hotel da Peneda, o Hotel Monte Prado no Complexo Desportivo / Centro de Estágios de Melgaço, os Hotéis das Termas de Monção e de Melgaço, as Pousadas de Viana do Castelo e de Valença, o Hotel do Golfe de Ponte de Lima.

3.3.5. Turismo activo

Verificamos a existência de um conjunto significativo de actividades de animação na região do Minho – Lima: os percursos, os trilhos, as ecovias, os sítios, os jardins e as paisagens ímpares, que permitem organizar caminhadas, passeios a pé, a cavalo ou de bicicleta. As zonas mais montanhosas da Peneda são um desafio para os amantes da escalada e do montanhismo, tendo sido criados percursos de descoberta e de convívio com a natureza.

As magníficas condições naturais dos rios Minho e Lima proporcionam a prática de desportos fluviais, como a descida do rio em caiaque, a canoagem, o mergulho, o remo e a vela. Também, as praias atlânticas permitem a prática de desportos náuticos como o surf, o windsurf, o kitesurf e o bodyboard. Por outro lado, o golfe proporcionou uma evolução da procura turística da região, para além de permitir a formação de jovens na modalidade. Identificamos nesta região, um conjunto de agentes de animação turística, com programas de animação promovidos no mercado nacional e internacional.

3.4. Inventariação de equipamentos equestres

3.4.1. Equipamentos equestres

No âmbito do projecto de criação de 4 itinerários de Turismo Equestre e no quadro das acções definidas, a TURIHAB elaborou o levantamento dos equipamentos equestres da região em estudo. Este levantamento compreende a identificação e a caracterização dos equipamentos viáveis para integrar e/ou apoiar os itinerários previstos.

A primeira fase envolve um conjunto de elementos: a pesquisa bibliográfica, a inventariação das infra-estruturas existentes e o contacto das entidades locais, integradas no projecto: as autarquias, os serviços de turismo e as associações.

A visita às estruturas existentes na área de estudo, permitiu verificar a existência das seguintes entidades/equipamentos:

- ACATE - Associação Cultural de Apoio à Tauromaquia e Equitação – Viana do Castelo
- ARTE – Associação Regional de Turismo Equestre – Paredes de Coura
- Casa da Paz do Outeiro – Paredes de Coura
- Centro Equestre do Vale do Lima – Ponte de Lima
- Centro Hípico de Friestas – Valença do Minho
- Centro Hípico de Melgaço - Melgaço
- Centro Equestre do Mezio – Arcos de Valdevez
- Coudelaria Távora Correia – Viana do Castelo
- GREENCOURA - Sociedade Unipessoal, Lda – Paredes de Coura
- Himantopus – Ecotura - Melgaço
- Poney School – Ponte de Lima
- Quinta das Vianas - Monção
- Quinta do Cruzeiro - Caminha
- Quinta do Fijó – Arcos de Valdevez
- Quinta Pedagógica de Pentieiros – Ponte de Lima
- VianaEquestre - Associação Hípica de Viana – Viana do Castelo

Após o estudo das estruturas equestres no território, verificamos a existência de 3 equipamentos, que não possuem os requisitos mínimos para integrar o projecto da criação dos itinerários equestres: a Poney School (infra-estruturas insuficientes - preferência por pónes); a “Quinta do Cruzeiro” e a “Casa da Paz do Outeiro” (cessação de actividade equestre).

O Centro Hípico de Melgaço, por se tratar de uma infra-estrutura nova, não iniciou ainda a sua actividade. O Centro Equestre do Mezio encontra-se numa fase de reestruturação estando temporariamente encerrado. Estes dois centros hípicos foram considerados para o estudo, dada a excelência das suas instalações e potencial, no entanto por se encontrarem temporariamente sem actividade não foram considerados para efeitos de caracterização dos equipamentos.

Deste modo foram identificados 13 equipamentos equestres, na região do estudo piloto, sendo todos eles visitados e inquiridos através de uma ficha elaborada para o efeito. De modo a uniformizar a informação de cada um dos equipamentos equestres da região foi elaborada uma Ficha de Caracterização (em anexo) que foi preenchida com os dados de cada um dos equipamentos identificados. Da análise das fichas de caracterização constata-se os dados a seguir apresentados.

3.4.1.1. Distribuição geográfica

A área de estudo do projecto piloto corresponde à NUT III Minho-Lima, uma região com vocação para a temática do Turismo Equestre, com um conjunto de infra-estruturas de qualidade reconhecida, pela organização de eventos ligados ao mundo equestre e a cultura do cavalo (raça garrana). Dos 13 equipamentos identificados verifica-se a seguinte distribuição geográfica.

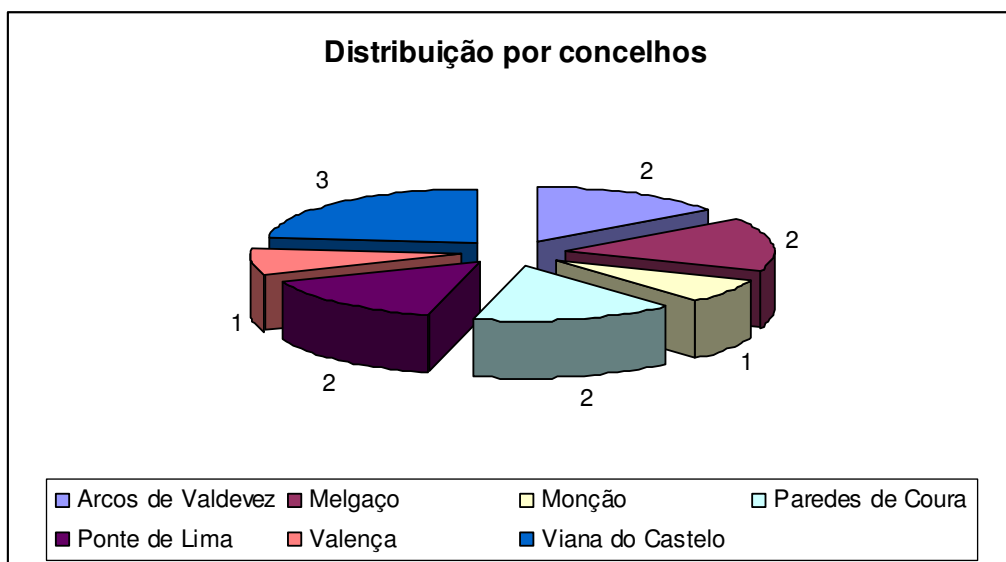


Figura 6 - Distribuição por concelhos dos equipamentos equestres no Minho-Lima

O concelho de Viana do Castelo representa o maior número de equipamentos com 3 infra-estruturas, seguindo-se Melgaço, Arcos de Valdevez, Ponte de Lima e Paredes de Coura com 2 e Valença e Monção com 1. Os concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira e Ponte da Barca não possuem infra-estruturas equestres em funcionamento.

3.4.1.2. Tipo de empreendimento:

Relativamente ao tipo de empreendimento, verificamos: 61% das infra-estruturas são Centros Hípicos (8 unidades), 8% Coudelarias (1 unidade) e 31% apresentam-se sob outra forma, nomeadamente, 1 Quinta pedagógica, 2 empresas de animação turística e 1 unidade TER.

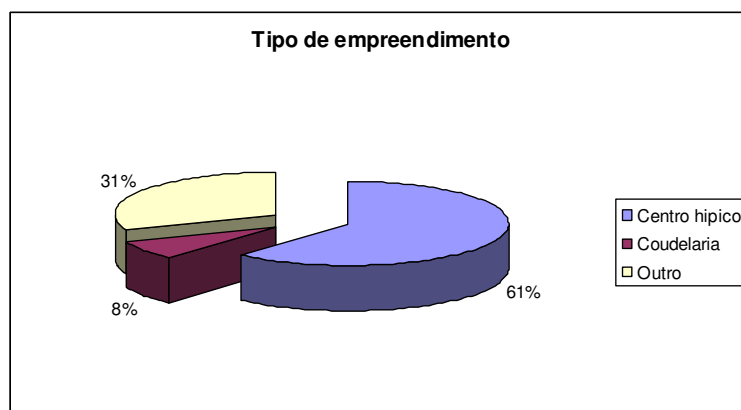


Figura 7 - Distribuição por tipo de empreendimento dos equipamentos equestres no Minho-Lima

3.4.1.3. Animação Turística

A partir deste ponto, o universo de análise reúne 11 infra-estruturas inquiridas.

Do conjunto das infra-estruturas identificadas apenas uma possui licença de animação turística: a Himantopus, a Greencoura solicitou a homologação da licença estando a aguardar a conclusão do processo.

3.4.1.4. Forma Jurídica

A análise da forma jurídica dos empreendimentos, permite verificar o registo: 46% das unidades são sociedades (5 unidades), 27% associações (3 unidades), 18% empresários em nome individual (2) e 9% apresentam-se sob outra natureza jurídica (1 quinta pedagógica).

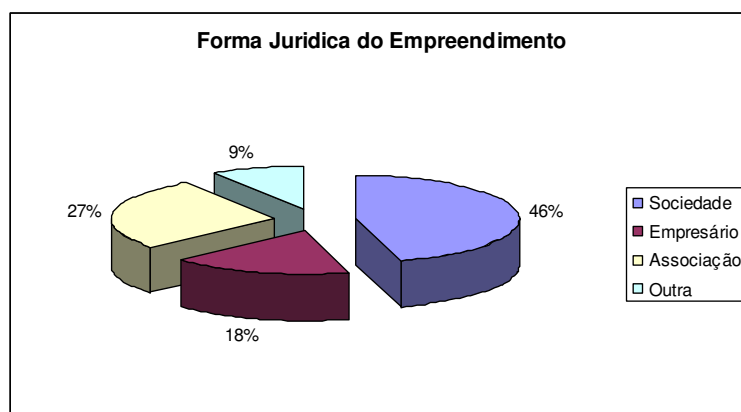


Figura 8 - Distribuição por forma jurídica dos equipamentos equestres no Minho-Lima

3.4.1.5. Áreas de actuação

A análise das áreas de actuação dos equipamentos equestres identificados permite concluir a sua diversidade de actuação. Neste quadro, os equipamentos equestres maximizam os recursos, diminuindo os tempos de inactividade e o aumento da rentabilidade de uma forma sustentável. Por outro lado, a análise dos dados recolhidos, permite verificar: 90,1% (10 equipamentos) dos equipamentos inquiridos actuam na área do lazer; 72,7% (8) possuem

actividades de ensino e as actividades de desporto são exercidas em 63.6% (7) dos equipamentos. As actividades terapêuticas constituem uma prática em 45.5% (5) e as actividades culturais realizam-se em 36% (4) dos equipamentos. Por outro lado, verifica-se o registo total de 9% (1) dos equipamentos em outro tipo de actividades, nomeadamente, na área pedagógica.

3.4.1.6. Serviços

Os equipamentos equestres identificados englobam um conjunto de serviços. Somente a Himantopus oferece o serviço de passeios a cavalo. A análise dos questionários, permitiu verificar os seguintes indicadores dos equipamentos: 63.6% (7 equipamentos) oferta de serviços de lazer (passeios a cavalo, hipoterapia, desbaste e ensino de cavalos; 81.8% ((9) aulas de equitação e 54.5% (6) cavalos a penso. Os serviços na área do desporto foram identificados em 45.5% (5) dos equipamentos e registamos a existência de passeios em charrete, a venda e a reabilitação de cavalos em 27.7% (3) dos casos. Apenas 1 dos equipamentos (9%) oferece outro tipo de serviços, nomeadamente na área da organização de eventos.

3.4.1.7. Disciplinas equestres

Os equipamentos equestres foram inquiridos relativamente às disciplinas equestres praticadas. Após a análise das respostas obtidas, verificamos a inexistência da prática de Raides, a atrelagem, CCE e o horseball. O ensino constitui a prática em 63.6% (7 equipamentos) dos equipamentos e os obstáculos em 45.5% (5). A modalidade de trek representa 36.3% (4) e a equitação de trabalho e adaptada constituem disciplinas presentes em 18.2% (2) das estruturas.

3.4.1.8. N.º de Funcionários:

Nos equipamentos equestres do Minho-Lima registam-se 27 colaboradores, com a predominância do género masculino (63%).

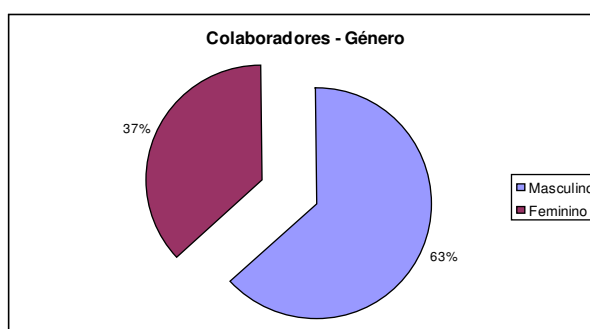


Figura 9 - Distribuição por género dos colaboradores dos equipamentos equestres no Minho-Lima

De sublinhar a forte componente formativa dos colaboradores dos equipamentos equestres da região, registando-se a qualificação profissional, e as competências adquiridas a nível internacional.

Apresenta-se a seguir o quadro resumo das categorias profissionais identificadas nos equipamentos equestres da região.

Contactos	Colaboradores				Categorias Profissionais						
	Nome	N.º total de Colaboradores	Masculino	Femenino	Média de idades	Categoria, sexo e N.º	Categoria, sexo e N.º	Categoria, sexo e N.º	Categoria, sexo e N.º	Categoria, sexo e N.º	Categoria, sexo e N.º
Quinta Pedagógica de Pentieiros		3	3		26	Ajudante de monitor - M - 1	Tratador de Cavalos - M - 1	Eng. Zootécnico - M - 1			
Coudelaria Távora Correia		3	2	1	40	Treinador - ensino - M - 1	Treinador Eq. Terapêutica - M e F - 2	Treinador - Eq. Trabalho - M - 1	Intr. Eq. Terap. Grau III - M - 1		
ACATE - Associação Cultural de Apoio à Tauromaquia e Equitação		3	2	1	30	Ajudante de monitor - F - 1	Monitor de equitação - M - 1	Treinador Saltos - M - 1	Treinador Ensino - M e F - 2	Tratador de cavalos - M - 1	Desbastador - M - 1
Centro Hipico de Friestas		1		1		Monitor de Equitação - F - 1	Treinador Saltos - F - 1	Treinador Ensino - F - 1			
Quinta das Vianas		1	1		24	Monitor de Equitação - M - 1					
Himantopus		3	2	1	35	Monitor de equitação - M - 1	ATE - M - 1	Tratador de cavalos - M e F - 2	Tec. Aux. Maneio Eques. - M - 1		
Quinta do Fijó		3	2	1	50	Monitor de equitação - M - 1	Treinador TREC - M - 1	ATE - M - 1	Mon. Tur. Equestre - M - 1	Ajudante Equi. Terapêutica - M - 1	
Centro Equestre do Vale do Lima		4	1	3		Monitor de Equitação - M - 1	Treinador ensino - M - 2	Treinador equ. Terp. - M - 1	Treinador TREC - M - 1	Aux. Que. Terap. - M - 1	Tratador - M F - 2 / Ferrador - M - 1
GREENCOURA - Sociedade Unipessoal, Lda											
VianaEquestre - Associação hipica de Viana		4	3	1	35	Ajudante de monitor - F - 1	Monitor - M - 1	ATE - F - 1	Auxiliar Eq. Terap. - M F - 2	Tratador - M - 1	
ARTE		2	1	1	45	Monitor de equitação - M - 1	Treinador TREC - M e F - 2	ATE - M - 1	Mon. Tur. Equestre - M - 1	Monitor Equi. Terapêutica - M - 1	

Figura 10 - Tabela de inventariação dos colaboradores dos equipamentos equestres

3.4.1.9. Instalações equestres

Picadeiros cobertos

Nos equipamentos inquiridos verificamos a existência de 5 Picadeiros cobertos. As maiores dimensões dos picadeiros da ACATE e do Centro Equestre do Vale do Lima (20 x 40m). Esta infra-estrutura caracteriza-se por acções de valorização importantes: o ensino e a hipoterapia, durante todo o ano. Além dos 5 picadeiros, verificamos a existência de 2 picadeiros nos dois equipamentos identificados mas não inquiridos (Centro Equestre do Mezio e Centro Hípico de Melgaço). O conjunto das duas infra-estruturas reúne a existência de 7 picadeiros cobertos na região.

Picadeiros descobertos

Relativamente aos picadeiros descobertos, concluímos a existência de 8 infra-estruturas na região. As dimensões variam entre 60 x 20 m (ACATE) e 30 x 10 m (Quinta das Vianas).

Paddocks

Os paddocks constituem estruturas presentes em 4 equipamentos. Sublinhe-se que dois equipamentos possuem 7 paddocks (Himantopus e Coudelaria Távora Correia), a Quinta do Fijó e o Centro Equestre do Vale do Lima possuem 1 paddock.

Campos de Treino

Apenas dois equipamentos inquiridos possuem campos de treino, nomeadamente a Quinta do Fijo (200 x 200 m) e o Centro Equestre do Vale do Lima (30 x 70 m).

Boxes

Todos os equipamentos possuem sistema de estabulação, através de boxes individuais. O número de boxes varia de acordo com a dimensão dos equipamentos: o Centro Equestre do Vale do Lima (40) e a Greencoura (4). Constatamos a dimensão mais comum nas boxes (3x3m), e apenas a VianaEquestre (3x2,5m), a Greencoura (4 x 4m) e o Centro Hípico de Friestas (4x4m) possuem dimensões de boxes diferentes.

Baias

O sistema de estabulação em baias não foi registado em nenhum dos equipamentos, demonstrando o cuidado e a preocupação com o bem-estar dos cavalos.

Outros:

Relativamente a outras infra-estruturas existentes nos equipamentos equestres da região, observamos a inexistência de Centros de Reabilitação, a existência de alojamento associado a 4 equipamentos (TER) e a existência de restaurantes em dois equipamentos (Centro Equestre do Vale do Lima e Quinta de Pentieiros). O Centro Hípico de Melgaço, iniciando a actividade planeia a existência de um restaurante.

A ACATE possui uma loja de artigos equestres, a Quinta de Pentieiros, a Quinta do Fijó e o Centro Equestre do Vale do Lima, integram um bar de apoio.

3.4.1.10. Início de actividade

A identificação dos equipamentos equestres na região em estudo, permitiu concluir os seguintes elementos: a ACATE constitui a entidade mais antiga, com início de actividade em 1990, seguindo-se a Quinta do Fijó em 2001 e o Centro Equestre do Vale do Lima em 2004. Os outros equipamentos têm menos de 5 anos de existência, o que demonstra o forte dinamismo da actividade equestre nos últimos anos.

3.4.1.11. N.º total de Cavalos e organização por raças

Nos equipamentos inquiridos regista-se a presença de 145 cavalos: 66 propriedade dos equipamentos e os restantes constituem cavalos a penso.

O total de cavalos registados integra: 51 puro-sangue Lusitano, 17 Garrano, 1 Sorraia, 10 Pónei e 3 Asinino. Os restantes cavalos são cruzados com raças portuguesas, inglesa e francesa.

3.4.1.12. Visitas Guiadas às instalações

Os equipamentos inquiridos indicaram ser possível a visita às instalações. Apenas na Himantopus e na VianaEquestre é necessário marcação antecipada e apenas na Quinta de Pentieiros existe um custo associado à visita (1€).

Em todos os equipamentos, a visita pode ser acompanhada por guia profissional, em vários idiomas – o Português e o Inglês comum em todos os equipamentos.

3.4.1.13. Estágios equestres

Os estágios equestres são possíveis em 6 equipamentos: Coudelaria Távora Correia, ACATE, ARTE, Centro Hípico de Friestas, Quinta do Fijó e Centro Equestre do Vale do Lima. O número máximo de pax autorizado nos estágios varia entre 5 e 10 e o mínimo entre 1 e 5. Os estágios têm uma duração variável entre 1 e 10 dias, e constata-se que 4

equipamentos acompanham estágios em pacotes que incluem o alojamento (TER) e a refeição.

3.4.1.14. Passeios a cavalo

Os equipamentos inquiridos permitem concluir a existência de 8 estruturas com a organização de actividades de passeios a cavalo para turistas.

O número máximo de pax por passeio varia entre 3 (Centro Hípico de Friestas) e 10 (Quinta do Fijó). O mínimo de paxs por passeio representa 1 em quase todos os equipamentos, apenas a VianaEquestre e a ARTE regista o mínimo de 2 paxs.

Os itinerários constituem o resultado da organização de iniciativas de índole própria anualmente, acompanhado por guias profissionais.

3.4.1.15. Parcerias

As parcerias identificadas nos equipamentos equestres da região, verificam-se ao nível da animação, o alojamento e a divulgação turística. Sublinhe-se o facto de não existirem parcerias entre os equipamentos equestres numa lógica de complementaridade.

3.4.1.16. Divulgação/promoção

A participação em feiras, mostras ou exposições dos equipamentos equestres da região traduzem-se na organização de eventos locais e na Feira do Cavalo de Ponte de Lima.

3.4.1.17. Certificação

Ao nível da certificação da actividade equestre na região, registam-se 3 equipamentos certificados: o Centro Equestre do Vale do Lima, pela Federação de Equitação Portuguesa, a Quinta do Fijó, pela Organização Mundial de Turismo Equestre e o Centro Hípico de Friestas, pela Federação Equestre Alemã.

3.4.1.18. Associativismo

Relativamente ao associativismo, regista-se a existência de dois equipamentos equestres, membros da Federação Equestre Portuguesa e da Organização Mundial de Turismo Equestre.

3.4.2. Eventos

A região Minho-Lima possui um conjunto de eventos ligados ao mundo equestre, uns mais recentes e outros com tradição cultural na região. Neste quadro, apresentamos um resumo dos principais eventos equestres da região.

3.4.2.1. Feira do Cavalo de Ponte de Lima

Consagrando a marca Ponte de Lima Equestre, o Município de Ponte de Lima aposta na Feira do Cavalo, anualmente na EXPOLIMA, no ultimo fim de semana de Junho, um evento reconhecido e premiado pelo Turismo de Portugal que tem contribuído para a dinamização da vila e da região do Alto Minho. A internacionalização constitui o principal objectivo, considerando a Feira do Cavalo um evento âncora e uma excelente via de promoção do turismo e dos produtos limianos no estrangeiro. A Feira do Cavalo representa uma iniciativa que posiciona Ponte de Lima numa dinâmica desportiva, cultural e turística e um lugar cimeiro ao nível dos eventos equestres.

3.4.2.2. Feiras Novas de Ponte de Lima / Corrida de garranos

No decorrer das festividades concelhias de Ponte de Lima - Feiras Novas (2º fim de semana de Setembro), destaca-se a tradição das corridas de Garranos de Passo Travado e a comercialização de cavalos. Por outro lado, verifica-se a organização dos cortejos etnográficos e históricos fortemente marcados pela ligação da população local ao cavalo.

3.4.2.3. Feira do Gado de Ponte de Lima

Feira de grande tradição, com data que remonta a 1125, caracterizada pelas infra-estruturas modernas e atractivas. Assim, Ponte de Lima procura dar resposta às necessidades de todos os visitantes e os profissionais do sector (bovinos, ovinos, caprinos e aves).

Este equipamento localizado junto à margem direita do Rio Lima, beneficia de acessibilidades pela proximidade das estradas A28/A27 e A3, destacando-se como posição geoestratégica, conferindo ao território claras vantagens aos profissionais para exportação/importação (comércio Intracomunitário).

Para além do elevado número de animais de raças autóctones, a feira reúne uma grande diversidade de animais, incluindo aqueles menos característicos da nossa zona. Decorre quinzenalmente, às segundas-feiras, com abertura às 5h00 (manhã).

3.4.2.4. Feira de Gado da Portela do Alvite (12 e 28 de cada mês)

Realiza-se duas vezes por mês (dias 12 e 28) no lugar da Portela do Alvite, entre as freguesias de Merufe, no concelho de Monção e Sistelo, no concelho de Arcos de Valdevez. O recinto da feira do gado divide os dois concelhos numa área de montanha, privilegiando-se o comércio da raça Garrana. Anualmente, no dia 12 de Setembro, realiza-se uma festa para celebrar a Feira de Gado.

3.4.2.5. Romaria a Santa Justa – Ponte de Lima (Serra de Arga)

No fim-de-semana mais próximo do 19 de Julho, realiza-se todos os anos, a romaria de Santa Justa, na Serra de Arga, onde um dos pontos fortes se destaca a romaria a Cavallo. Organizado pela Junta de Freguesia de S. Pedro de Arcos, esta iniciativa, pretende reviver uma tradição que outrora, era comum durante a Romaria de Santa Justa. Aberta a todos aqueles que se apresentem com um cavalo e que gostem de confraternizar, usufruindo das belezas naturais do concelho de Ponte de Lima, esta tradição secular, atrai sempre a curiosidade de limianos e de outros concelhos circunvizinhos. Com partida marcada para as 8 da manhã, no Areal, junto à Ponte Romana e Medieval de Ponte de Lima, o passeio a Cavallo, efectua o percurso pela Ecovia até às Lagoas, seguindo pelos trilhos da Área Protegida até à Junta de Freguesia de S. Pedro de Arcos. O passeio percorre os trilhos das montanhas da Serra de Arga até aos Quartéis de Santa Justa. No recinto da Capela, realiza-se a missa solene campal, com a tradicional bênção dos animais.

3.4.2.6. Romaria de São Lourenço da Armada – Ponte de Lima

O mais celebrado santuário Limiano em honra de S. Lourenço está situado no concelho de Ponte de Lima, no picoto do monte da Armada, pertencente à freguesia de Serdedelo. Aqui, não faltam também os garranos lindamente ‘ajaezados’, dos lavradores mais ‘lonjanos’ de Boivães, de Fonte Coberta e da Labruja, que ainda hoje se deslocam a S. Lourenço, à maneira tradicional de seus avós.

3.4.2.7. Romaria a cavalo de Nossa Sra. da Peneda – Arcos de Valdevez (PNPG)

Anualmente na semana de 7 de Setembro, o Santuário de Nossa Senhora da Peneda em Arcos de Valdevez, no Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), recebe os romeiros vindos de todo o Norte de Portugal e da Galiza. A tradição de rumar ao Santuário a cavalo, ainda hoje, constitui uma viva referência cultural.

3.4.2.8. Corridas de garranos da Sra. da Guia / Branda da Aveleira – Melgaço (PNPG)

Na isolada Branda da Aveleira, na freguesia de Gave, concelho de Melgaço (PNPG), por ocasião das festividades em Honra de Nossa Senhora da Guia (ultimo fim de semana de Junho), decorrem as tradicionais corridas de garranos

3.4.2.9. Corridas de garranos de Santo Antonio de Val de Poldros – Monção

Esta Branda, da freguesia de Riba de Mouro, concelho de Monção, deve o seu nome à ancestral tradição de criação de cavalos de raça garrana nestas paragens. Para celebrar esta tradição, no fim-de-semana mais próximo do dia 13 de Junho, por ocasião das

festividades em honra de Santo António realizam-se umas muito frequentadas corridas de garranos.

3.4.2.10. CSI Ponte de Lima

Constituindo uma referência desportiva no panorama equestre nacional e internacional, Ponte de Lima recebe o Concurso de Saltos Internacional, desde 2009.

Anualmente, muitas dezenas de cavalos em representação de vários países, marcam a presença no CSI Ponte de Lima, que decorre na EXPOLIMA, considerado um espaço de excelência, pela localização junto ao centro histórico da vila e também, atendendo às condições ímpares para a realização de eventos desta natureza.

3.4.2.11. Prova do Campeonato Nacional de TREC - Paredes de Coura

Nos últimos anos, a freguesia do Cossourado tem sido palco de uma das provas do Campeonato Nacional de TREC, organizado pela ARTE – Associação Regional de Turismo Equestre. Esta prova decorre, anualmente, nos meses de Maio ou Junho.

3.4.3. Análise:

As visitas e os contactos efectuados, permitem concluir a seguinte análise SWOT (*Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats*), para a implementação do Turismo Equestre na região Minho-Lima.

3.4.3.1. Pontos Fortes

- Quantidade e qualidade dos equipamentos equestres da região.
- Disseminação dos equipamentos equestres na região.
- Abundância de cavalos em estado selvagem (garranos), como motivação da viagem.
- Referência internacional da equitação Portuguesa.
- Aptidão e resistência do garrano para passeios em relevos e pisos difíceis.
- Profissionais habilitados e credenciados para o acompanhamento de itinerários equestres.
- Acompanhantes de Turismo Equestre multilingues.
- Existência de itinerários organizados por operadores estrangeiros.
- Forte ligação da população local ao cavalo.
- Universo significativo de cavalos (lusitanos e cruzados portugueses) aptos e disponíveis para itinerários equestres.
- Recursos culturais e ambientais de relevo que podem constituir motivação adicional para a viagem.
- Hospitalidade, gastronomia e segurança da região.

- Localização da região entre grandes centros urbanos (Porto e Vigo) servidos por aeroportos.

3.4.3.2. Pontos Fracos

- Orografia difícil para a criação de itinerários equestres, com bruscas e acentuadas alterações de relevo, principalmente no Alto-Minho Interior.
- Restrições ao trânsito de cavalos em alguns centros históricos e em algumas ecopistas.
- Falta de cooperação entre equipamentos equestres.
- Escassez de meios de transporte de cavalos, dificulta o início dos itinerários em locais que não os equipamentos equestres.
- Existência de procura de Turismo Equestre, acompanhada pela oferta de alguns pacotes de Turismo Equestre pelos equipamentos da região.

3.4.3.3. Oportunidades

- Reputação da equitação Portuguesa a nível internacional.
- Novos e modernos Centros Hípicos na Região.
- Parque Nacional da Peneda-Gerês como local de excelência para passeios equestres.
- Candidatura do Garrano a património Nacional.
- Rede de alojamentos (mais valia TER), que permite a redução de distâncias de transferes no final das etapas.
- Qualidade e variedade de gastronomia e vinhos.
- Existência na região de uma coudelaria especialista na criação de cavalos de excelência (Lusitanos e Cruzados de desporto).
- Eventos (festas, feiras, romarias e convívios) ligados ao cavalo e constituindo factor de atracção para o “Turismo do Cavalo” (observação).

3.4.3.4. Ameaças

- Sinalização dos itinerários equestres.
- Limpeza e manutenção dos trilhos.
- Política de preservação da raça autóctone -Garrano.
- Imagem do Garrano junto do público, fruto da sua baixa estatura (principalmente ao nível internacional).
- Pavimentação de troços utilizados em itinerários equestres.
- Incêndios florestais (impacte nos trilhos e sinalizações).
- Reduzido número de cavalos disponíveis por equipamento, limitando significativamente a dimensão dos grupos de turistas.
- Dificuldades dos equipamentos no relacionamento com os organismos federativos nacionais.

3.4.4. Considerações

A região do Minho-Lima possui uma forte tradição e historial ligada ao mundo dos cavalos, bem patente, ainda hoje em festas, feiras e romarias de que são exemplos, as romarias a cavalo a N. Sra. Da Peneda (Arcos de Valdevez), a São João D'Arga (Caminha) a Santa Justa e Santo Amaro e São Lourenço da Armada (Ponte de Lima) entre outras. Destaque ainda para as feiras do cavalo em Sistelo (Arcos de Valdevez) e Merufe (Monção), as Feiras Novas de Ponte de Lima, com as corridas de garranos, as festas de São Bartolomeu em Ponte da Barca e principalmente para a Feira do Cavalo de Ponte de Lima, com crescente notoriedade e importância no mundo equestre, sendo já um evento de referência, contando com mais de 100.000 visitantes/ano. Também a criação de instalações específicas para a realização de eventos equestres, tem trazido para a região, grandes acontecimentos equestres, destacando-se os CSI – Concurso de Santos Internacional, Taça Ibérica de Dressage (2008) e o Campeonato do Mundo de horseball (2008), que contaram com uma grande adesão de público (mais de 25.000 espectadores por evento), reflectindo a enorme paixão local pelo cavalo e a notoriedade da região junto dos organizadores. A importância do cavalo para as gentes do Minho-Lima reflecte-se, com veemência, na prática de equitação e na grande concentração de centros equestres na região.

A região Minho-Lima possui uma grande concentração de cavalos da raça garrana, descendentes dos cavalos existentes na pré-história no território português. A raça garrana, uma das raças portuguesas, autóctone vive ainda em total liberdade nas montanhas do Parque Nacional Peneda-Gerês e nas Serras de Arga, Montaria, Boalhosa, Corno de Bico e Armada. A sede da Associação Nacional dos Criadores de Raça Garrana é em Arcos de Valdevez.

Esta região possui a maior concentração de unidades de turismo de Habitação e de Turismo no Espaço Rural, sendo sede das redes dos Solares de Portugal e das Aldeias de Portugal. As características geográficas, os recursos naturais patrimoniais e culturais da região, bem como a oferta turística complementar (golfe, gastronomia, enoturismo, Termas, desportos náuticos, etc.), associados à existência de itinerários de relevo histórico-cultural como o Caminho de Santiago, a Geira romana e a XIX Via Romana e os Solares permitem a criação de uma experiência piloto, de criação de itinerários equestres, para transposição para outras regiões do país.

Constata-se que a região do Minho-Lima, reúne um conjunto de características ímpares para a criação de itinerários equestres em articulação com outras valências turísticas e desportivas, fomentando a ligação do Turismo Equestre, o Turismo de Habitação / TER, o Turismo Activo, o *Touring* Cultural e Pasagístico, a Gastronomia e o Vinho Verde.

3.5. Levantamento de percursos sinalizados na região

Um dos passos definidos na metodologia, que visa facilitar a identificação de percursos, pressupõe o levantamento dos percursos existentes na região.

Consultando a documentação existente sobre a temática, verificamos que na região Minho-Lima não existem itinerários equestres públicos homologados que possam ser incluídos nos itinerários a elaborar. Alguns dos agentes de Turismo Equestre da região levam a cabo alguns percursos turísticos, no entanto por estratégia comercial optam por não partilhar o percurso com outros agentes. Uma vez que os percursos não estão sinalizados, não são passíveis de utilização neste trabalho.

Na região existe um vasto conjunto de percursos pedestres, no entanto apresentam vários problemas de sinalização e muitos deles encontram-se condicionados, por falta de manutenção. Os percursos pedestres desenrolam-se na maioria das vezes em trilhos que não reúnem as necessárias condições para um trilho equestre, no entanto esta foi a principal referencia para a construção do itinerários equestres, tendo-se procurado alternativas sempre que estes revelavam não correspondiam às necessidades.

3.6. O perfil do cliente de Turismo Equestre

A definição de critérios e requisitos de criação de itinerários equestres obedece às características de perfil do cliente de Turismo Equestre, pressupondo o conhecimento das expectativas e requisitos de organização da oferta e a satisfação dos potenciais utilizadores/clientes.

Considerando a especificidade do público-alvo (turistas equestres), a metodologia de investigação adoptada resulta da revisão bibliográfica do sector, a nível nacional e internacional.

Podemos verificar, que a caracterização do perfil de cliente de Turismo Equestre obedece aos seguintes elementos: género, idade, nacionalidade, duração da viagem, tipo de viagem, motivação e requisitos.

3.6.1. Género

O género feminino constitui a maior representação no perfil do cliente de Turismo Equestre. Segundo Simonot (2011), a *Cap Rando* (mercado francófono), registou no ano de 2010, os totais: 65% de clientes do sexo feminino e 35% do sexo masculino. Woodbine (2011), apresenta, também, valores aproximados para a *Far and Ride* (mercado anglo-saxónico), com cerca de 70% de clientes do sexo feminino.

Outros estudos, qualitativos, indicam a predominância do género feminino na procura por produtos de Turismo Equestre. O mercado português, atendendo à reduzida dimensão, não disponibiliza dados concretos, mas segundo a Deloitte (2008), regista-se a maior presença feminina nas disciplinas desportivas equestres, sublinhando o interesse feminino pelo mundo equestre.

Podemos concluir, que o género feminino constitui o perfil de cliente na procura do produto de Turismo Equestre, representando valores entre 65% e 70%.

3.6.2. Idade

Relativamente à faixa etária dos clientes de Turismo Equestre, os dados disponíveis, são diversificados. Segundo a Deloitte (2008) e a GDT (2006), a idade média dos clientes varia entre 25 e 50 anos. Simonot (2011), apresenta dados detalhados relativamente aos clientes de 2010 da *Cap Rando*.

A análise do gráfico (Simonot, 2011), permite verificar que cerca de 50% dos clientes tem idades compreendidas entre 35 e 55 anos, com ligeira predominância para a faixa etária entre 45-55 anos. A procura pelas faixas etárias 25-35 e 55-65 anos, apresentam valores semelhantes (15 e 20%). As restantes faixas etárias (+65, -18 e 18-25), apresentam valores próximos e pouco significativos.

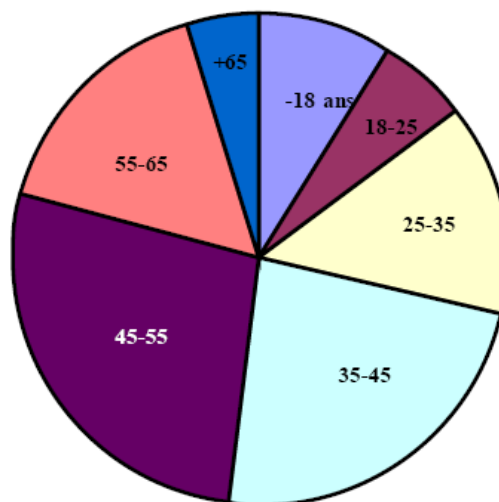


Figura 11 - Distribuição por faixa etária dos clientes da *Cap Rando* (Simonot, 2011)

A Far and Ride apresenta valores diferentes, segundo Woodbine (2011), a maioria dos clientes enquadra-se na faixa etária entre 25 e 35 anos. Por outro lado, a *Fundació Destí Menorca* (mercado espanhol), indica 25 – 70 anos, a principal faixa etária consumidora de produtos de Turismo Equestre.

Após análise dos dados, podemos concluir que a principal faixa etária dos consumidores de Turismo Equestre se enquadra entre 35 e 55 anos.

3.6.3. Nacionalidade

O Turismo Equestre em Portugal, encontra-se numa fase em vias de desenvolvimento, e os estudos e dados disponíveis para a caracterização da nacionalidade do cliente são essencialmente estrangeiros.

Os dados relativos à análise dos potenciais mercados emissores e das realidades de países próximos/concorrentes, permite-nos retirar os elementos essenciais como referência para o modelo nacional.

A Espanha constitui um destino com semelhanças geográficas, climatéricas e culturais, e segundo os dados da *Fundació Destí Menorca* (2011), a nacionalidade dos principais consumidores de Turismo Equestre, caracteriza-se por: franceses, alemães e britânicos, seguindo-se os norte-americanos e europeus. A Espanha, não representa um mercado emissor de clientes. Segundo a mesma fonte, os três principais mercados emissores europeus (França, Reino Unido e Alemanha), apresentam indicadores de potencial crescimento, resultantes da evolução do Turismo Equestre interno.

A França, regista cerca de 400.000 praticantes e 17.000 km de itinerários sinalizados. No ano de 2008, cerca de 25% de britânicos de Turismo Equestre, optaram pela prática da modalidade fora do país. O mercado alemão representa o principal mercado emissor europeu, constatando-se que cerca de 50% dos clientes escolhe França como destino de férias equestres. A Suíça e a Áustria representam mercados emissores, que compram os seus pacotes maioritariamente através de operadores alemães. O Benelux e os países nórdicos englobam mercados com operadores próprios, que comercializam poucas rotas e tem como principal destino a França. A Itália é essencialmente um país receptor (*Fundació Destí Menorca*, 2011), posicionando-se como concorrente de Portugal.

Atendendo à dimensão reduzida do mercado em Portugal, recomendamos a criação de itinerários equestres de longa duração (3 dias ou superior). Verificamos, por outro lado, a existência de um grande potencial, à semelhança de países como a França e o Reino Unido, para a realização individual de pequenos percursos sinalizados; quer por pessoas com cavalo próprio, ou quer por clientes de centros equestres e empresas de animação que organizem programas de ½ dia ou de 1 dia. No caso, de cavaleiros com cavalo próprio, tem impacto, principalmente ao nível da oferta complementar como o alojamento e a restauração. No entanto, os potenciais clientes procuram percursos devidamente sinalizados, conservados e divulgados.

3.6.4. Duração da viagem

A análise da duração média da viagem obedece aos dados relativos aos principais mercados emissores de Turismo Equestre.

Os dados da *Fundació Destí Menorca* (2011), permitem-nos verificar que os mercados Francês e Reino Unido oferecem viagens de 7 noites (72%), e 6 noites. A principal oferta do mercado Espanhol compõe-se de viagens de 7 noites (46%), seguindo-se a oferta de 1-3 noites, com o objectivo de possibilitar actividades de fim-de-semana. O mercado Alemão oferece viagens de 7 noites (90%). Segundo Woodbine (2011), citando dados do *Travel Trends 2009* do *Office for National Statistics*, a duração média das viagens de britânicos a Espanha representa cerca de 9,5 noites (tendo descido de 12 noites/viagem em 1990 para 9.5 em 2008), e atendendo a este facto, a *Far and Ride* oferece, normalmente pacotes de 7 dias.

Após análise dos dados e a auscultação dos diferentes agentes envolvidos, podemos concluir que a duração de viagem mais apropriada para a elaboração de itinerários engloba 7 noites.

3.6.5. Tipo de viagem

Relativamente ao tipo de viagem escolhida, segundo Simonot (2011) a maioria dos clientes (62%) opta por viajar sozinho, seguindo-se as viagens de casais (22%) e, por último, as viagens em família (16%). Estes dados e a informação relativa do peso do género feminino na procura, leva-nos a concluir que os principais clientes de Turismo Equestre constituem-se pelo sexo feminino em viagens organizadas (individual ou grupo).

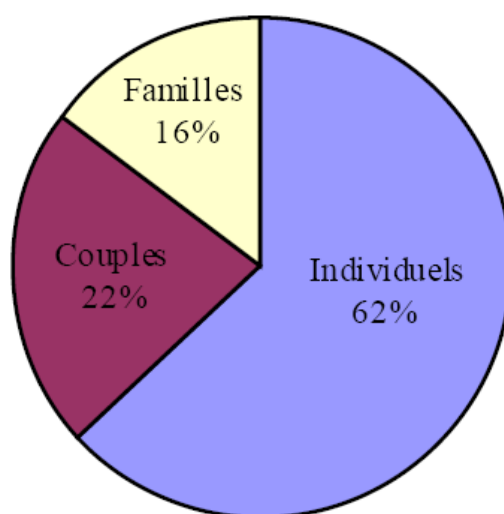


Figura 12 - Distribuição por tipo de viagem dos clientes da *Cap Rando* (Simonot, 2011)

3.6.6. Motivação e requisitos

Considerando a criação de itinerários atractivos, adaptados às expectativas dos potenciais clientes, consideramos fundamental definir as motivações do Turismo Equestre.

A equitação representa uma actividade de lazer de grande popularidade a nível mundial. A Alemanha regista 760.000 federados e a Grã-Bretanha reúne 2.4 milhões de praticantes de actividades equestres, constatando-se cerca de 20 milhões de praticantes de Turismo Equestre nos países desenvolvidos (GDT 2006). A associação deste fenómeno a um significativo poder de compra, resulta um movimento turístico com motivações equestres.

O cliente de Turismo Equestre representa um público diferente de outros segmentos. No estudo realizado pela *Fundació Destí Menorca* (2011), as ofertas de itinerários equestres registam algumas particularidades, resultado da preferência dos clientes, que são dignas de reflexão.

A oferta de Turismo Equestre em Espanha, compõe-se de um predomínio das rotas em linha, com o alojamento preferencialmente em hotéis (43%) e os pacotes em regime de pensão completa (90%). A oferta em França e no Reino Unido é semelhante, com preferência pelas rotas em linha, acompanhadas por guia profissional, com períodos de cavalgada entre 4 e 7 horas diárias (95%), as ofertas são em regime de pensão completa (89%), em hotéis (50%), turismo rural (20%) e centro hípicas (20%).

O mercado Alemão apresenta-se diferente. Mantêm-se a preferência por rotas em linha (55%), ainda que com menor diferença para as rotas em estrela. O número diário de horas a cavalo representa maioritariamente, entre 4 e 7 (63%), mas por constituir forte oferta de estadas em centros hípicas, a percentagem de itinerários de 1 a 4 horas a cavalo é significativo (37%). Todos os mercados têm preferência por guias que falem os seus idiomas.

Os mercados Norte-Americano e do Canadá fazem essencialmente viagens longas com itinerários de 7 ou mais dias. Estes mercados classificam-se de um elevado grau de exigência face ao material e aos cavalos.

Segundo a GDT (2006) o Turismo Equestre divide-se em dois grupos:

- **Turismo a Cavalo** – quando se desenvolve a prática da equitação ou a deslocação implica o transporte a cavalo.
- **Turismo do Cavalo** – engloba as actividades ligadas ao mundo equestre, sem que se desenvolva a prática da equitação. Neste grupo, podemos incluir a visita a feiras, a congressos, a espectáculos equestres, a competições, os eventos desportivos e as visitas a instalações equestres.

A motivação predominante da viagem constitui o cavalo, podendo dividir-se o posicionamento do Turismo Equestre em dois grupos:

- o **segmento turístico** – sempre que o cavalo for a motivação principal no processo de compra;
- a **actividade complementar** a outros segmentos turísticos.

3.6.7. Considerações

A observação directa e as entrevistas a agentes do sector, permitem-nos concluir que a motivação principal do público-alvo do Turismo Equestre representa o Cavalo.

Desde a ‘fruição’ de raças autóctones e específicas de um país, à observação no seu estado selvagem ou apenas, para conhecer novas culturas e formas de tratar e montar os animais, o cavalo representa o elemento central do Turismo Equestre, articulado com o alojamento, as refeições e as actividades complementares.

Recomendamos, a criação e a oferta de itinerários equestres, privilegiando o contacto com o cavalo (Lusitano, Garrano e Sorraia), pela experiencia de partilhar cavalos Portugueses em eventos organizados ou no seu estado selvagem, usufruindo a oportunidade de descobrir trilhos integrados na natureza ou no habitat rural de rara beleza paisagística.



3.7.Itinerários

3.7.1. Itinerário N.º 1 – “Pelas Aldeias de Portugal”

Ficha Técnica

Nome: Pelas Aldeias de Portugal

Tipo: Circular

Duração: 8 dias / 7 noites / 6 dias a cavalo

Grau de dificuldade: Elevado

Horas diárias a cavalo: 5 a 7 horas

Distancia Total: 111,1 km

Tipo de alojamento: TER (Turismo de Aldeia)

Tipo de cavalos recomendados: Garranos

N.º Mínimo/máximo de participantes: 2 - 6

Estrutura de Apoio: 1 ATE + 1 pessoa em veículo de apoio (transporte de bagagens entre alojamentos, preparação e transporte do almoço e transporte de equipamento de apoio)

Etapas a cavalo:

Etapa 1

Partida: Mezio (Arcos de Valdevez)

Chegada: Sistelo (Arcos de Valdevez)

Distancia Percorrida: 20,3 km

Varição altimétrica: 679 m

Desnível acumulado: 2265 metros

Duração estimada do percurso: 6,5 horas

Alojamento dos cavalos: Terreiro do “Castelo” de Sistelo

Alojamento dos Cavaleiros: Casas de Campo em Sistelo (Casa da Avó, Casa da Terezina) – em frente ao “Castelo” de Sistelo

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Mezio - km 3,7 – 41°54'8.30"N 8°18'53.31"W

Descrição: Entrada do Parque de Campismo do Mezio com arvores para sombra e amarração dos cavalos.

Paragem 2: Lordelo - km 16 - 41°56'35.25"N 8°22'10.49"W

Descrição: Aglomerado rural com arvores para sombra e amarração dos cavalos.

Paragem de Descanso: Avelar - km 13,6 - 41°55'54.33"N 8°22'31.63"W

Descrição: Aglomerado rural com árvores para sombra e amarração dos cavalos e onde é possível obter água para hidratação dos cavalos. Fácil acesso do veículo de apoio.

Etapa 2

Partida: Sistelo (Arcos de Valdevez)

Chegada: Branda da Aveleira (Melgaço)

Distancia Percorrida: 21,5 km

Variação altimétrica: 1098 m

Desnível acumulado: 2066 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Alojamento dos cavalos: Casa da Cova dos Anhos

Alojamento dos Cavaleiros: Casas de Campo em Branda da Aveleira

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Zona agrícola - km 6,1 –41°58'24.38"N 8°19'26.61"W

Descrição: área de socalcos com árvores para amarração dos cavalos e sombra.

Paragem de Descanso: São Bento do Cando - km 16,8 - 41°58'25.35"N 8°15'32.80"W

Descrição: Na Branda de São Bento do Cando, com acesso a água para hidratação dos cavalos. Com árvores para amarração e sombra.

Etapa 3

Partida: Branda da Aveleira (Melgaço)

Chegada: Peneda (Arcos de Valdevez)

Distancia Percorrida: 15,9 km

Variação altimétrica: 502 m

Desnível acumulado: 1280 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Alojamento dos cavalos: Traseiras dos antigos Quartéis da Peneda

Alojamento dos Cavaleiros: Quartéis da Peneda

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Santo Antonio de Val Poldros - km 2,2 – 41°59'56.48"N 8°17'40.96"W

Descrição: Aldeia de Santo António que permite sombra e pontos de amarração das montadas.

Paragem de Descanso: Branda de Bouça dos Homens - km 9,2 - 41°59'58.06"N 8°15'11.75"W

Descrição: Na Branda da Bouça dos Homens, com acesso a água para hidratação dos cavalos e árvores para amarração e sombra.

Etapa 4

Partida: Peneda (Melgaço)

Chegada: Lindoso (Ponte da Barca)

Distancia Percorrida: 19,3 km

Varição altimétrica: 412 m

Desnível acumulado: 2463 metros

Duração estimada do percurso: 6 horas

Alojamento dos cavalos: Junto ao Castelo do Lindoso

Alojamento dos Cavaleiros: Casas de Campo na Aldeia do Lindoso

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Branda de Tibo - km 5,1 – 41°56'15.60"N 8°14'24.21"W

Descrição: Aglomerado rural com zona arborizada (à saída da povoação) disponibilizando sombra e amarração dos cavalos.

Paragem 2: Barragem do Lindoso - km 16,9 - 41°52'23.62"N 8°12'14.08"W

Descrição: Antes de transpor a Barragem do Lindoso. Zona para prender os cavalos

Paragem de Descanso: Lugar da Várzea - km 11,8 - 41°54'6.95"N 8°13'0.29"W

Descrição: área arborizada junto ao rio com possibilidade de amarrar os cavalos e com sombra para o almoço. Facilidade em obter água para hidratação dos cavalos.

Etapa 5

Partida: Lindoso (Ponte da Barca)

Chegada: Soajo (Arcos de Valdevez)

Distancia Percorrida: 19.9 km

Varição altimétrica: 665 m

Desnível acumulado: 1389 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Alojamento dos cavalos: Casa de Pereiró (Soajo)

Alojamento dos Cavaleiros: Casas de Campo na Aldeia do Soajo

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Muro - km 7,2 – 41°51'46.33"N 8°13'5.51"W

Descrição: Lugar de Parada, aglomerado rural da Freguesia do Lindoso onde existe possibilidade para prender os cavalos e fornecer sombra durante a paragem.

Paragem de Descanso: km 15,6 - 41°51'33.08"N 8°16'23.31"W

Descrição: Junto à central hidroelétrica do Lindoso e à ponte sobre o rio Lima. Área com zona de estacionamento, árvores e sombra.

Etapa 6

Partida: Soajo (Arcos de Valdevez)

Chegada: Mezio (Arcos de Valdevez)

Distancia Percorrida: 14,2 km

Variação altimétrica: 627 m

Desnível acumulado: 1389 metros

Duração estimada do percurso: 4 horas

Alojamento dos cavalos: Centro equestre do Mezio

Alojamento dos Cavaleiros: Casas de Campo na Aldeia do Soajo

Paragem (s) Técnica (s):

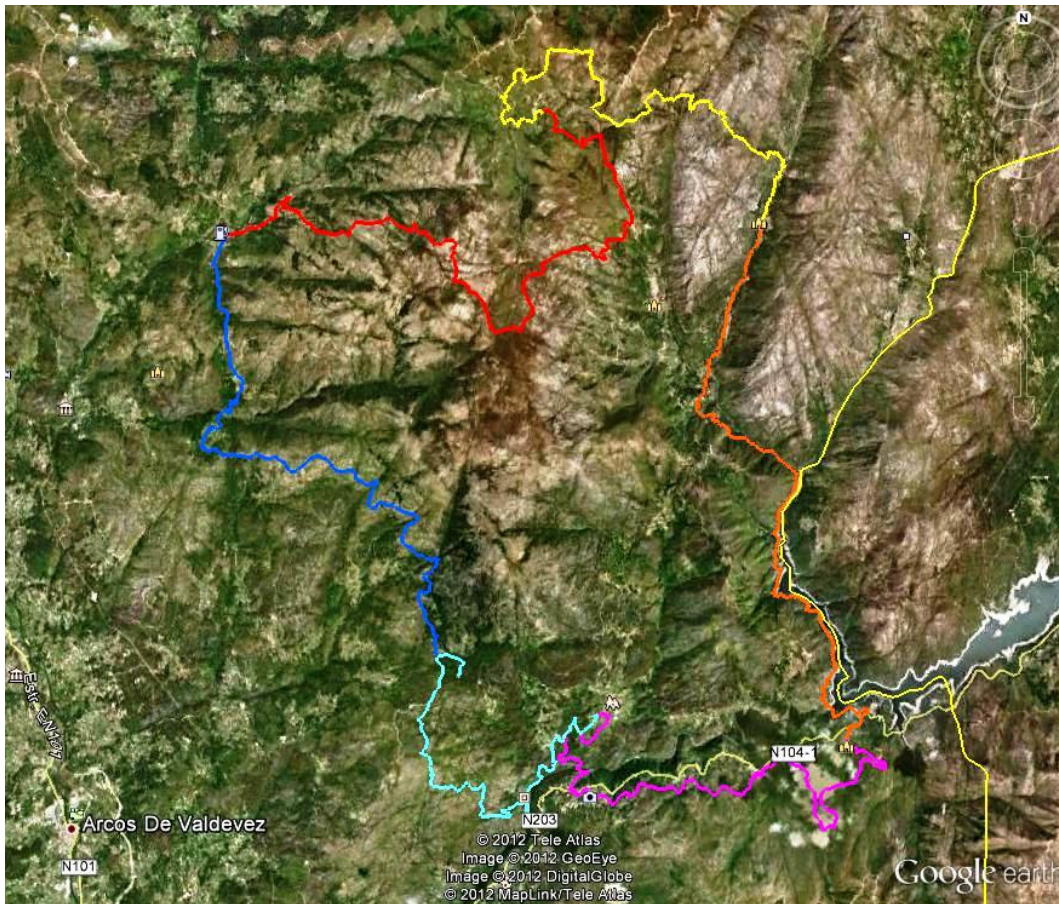
Paragem 1: Ermelo - - km 5,4 – 41°51'9.56"N 8°17'23.57"W

Descrição: Aglomerado rural tradicional onde se destaca o Mosteiro de Ermelo. Paragem à saída da povoação, antes de entrar na serra.

Paragem de Descanso: Gião - km 11,8 - 41°52'35.61"N 8°18'52.17"W

Descrição: área arborizada, no núcleo megalítico do Gião, com fácil acesso de veículo de apoio e zonas de sombra e facilidade na amarração dos cavalos.

Mapa do itinerário



Perfil de elevação das etapas

Etapa 1



Etapa 2



Etapa 3



Etapa 4



Etapa 5



Etapa 6



Descrição do Percurso

Quem deseja conhecer o Portugal profundo e vivenciar a autenticidade de uma região em pleno parque nacional deve descobrir as Aldeias de Portugal. Privilegiando o contacto com a natureza, com as populações e os modos de viver rurais, com as delícias gastronómicas e o artesanato regional, as Aldeias de Portugal propõem um turismo diferente. Levam a locais de sonho, onde ao lazer, à tranquilidade e ao bem-estar se acrescenta a possibilidade de fruição do país real, mais profundo e autêntico. São Aldeias rurais singulares envolvidas por paisagens edíficas, preservando um passado de tradições expresso no seu edificado, nas suas gentes, cultura, usos e costumes., na ruralidade e genuinidade tão viva em cada povoação. Em pleno Parque Nacional da Peneda Gerês, onde cavalos e gado pastam em total liberdade, a natureza revela-se em todo o seu esplendor, com as típicas Brandas e Inverneiras, pontilhando ao longe a paisagem, representando um modo de vida de uma época caracterizada pela transumância de pessoas e animais, de acordo com as estações do ano. A proposta é a descoberta deste tesouro escondido da forma mais singular, montado num verdadeiro cavalo garrano, uma raça autóctone destas paragens que revela todas as suas potencialidades neste ambiente. As Aldeias de Portugal convidam a ir mais além do que pernoitar em Casas emblemáticas da região. A proposta é conhecer o verdadeiro país, estar em contacto com a natureza, com as tradições, a gastronomia e a cultura, o cenário ideal para se partir à descoberta do Portugal profundo.

Programa detalhado

Dia 1

Chegada ao aeroporto e transfer para o alojamento, um conjunto de casas típicas adaptadas para Turismo no Espaço Rural, preservando as características únicas da arquitectura da região e que integram a rede das Aldeias de Portugal. Após uma visita ao centro equestre do Mezio, para atribuição de montadas e familiarização com os cavalos da raça garrana, o dia terminará com o jantar no restaurante Saber ao Borrvalho que nos deliciará com os típicos pratos da gastronomia local.

Dia 2

Após o pequeno-almoço, transfer para o centro equestre onde se vão preparar as montadas e iniciar o percurso em direcção à Porta do Mezio continuando depois para a área do Parque de Campismo do Mezio onde se fará uma breve paragem antes de entrar na luxuriante paisagem da Serra do Soajo. Por trilhos usados por pastores passasse pela Branda da Lombadinha até se alcançar o lugar de Avelar onde se fará a paragem para almoço. Depois do descanso continua-se pela serra até alcançar Lordelo, que indicia a

proximidade do final da jornada. Desce-se a encosta até ao fundo do vale, na margem do rio Vez, onde a renovada Aldeia de Sistelo aguarda para alojamento nas suas casas TER recentemente recuperadas e integradas na rede Aldeias de Portugal. O Jantar será num restaurante tradicional na aldeia vizinha de Merufe.

Dia 3

Partida de Sistelo, começando por subir a encosta em direcção às Brandas da Aldeia. Daí por trilhos e caminhos de pastores segue-se pelo coração da serra que alterna paisagem intocáveis com zonas organizadas pelo Homem, em socalcos como se de um puzzle se tratasse. Com estes cenários alcança-se o local de almoço, na tradicional Branda de São Bento do Cando. Após o descanso continua-se em direcção ao destino na Aldeia de Branda da Aveleira, classificada como Aldeia de Portugal. Após o tratamento dos cavalos, o alojamento será em casas típicas castrejas recuperadas para receber hóspedes com todo o conforto. O jantar será no restaurante típico de Santo António de Val Poldros localizado a curta distância da Aldeia.

Dia 4

Após o pequeno-almoço e preparação dos cavalos inicia-se mais uma jornada deste itinerário. Saindo de Branda da Aveleira segue-se em direcção a Santo António de Val Poldros e por zona de pastoreio de garranos selvagens o percurso continua por caminhos criados para aqui instalar o maior parque eólico da Europa. É à sombra dos gigantes aerogeradores que se continua até à Branda da Bouça dos Homens onde se fará um pausa para almoço e retemperar forças. Após o descanso a jornada continua em direcção à Peneda, atravessando a serra por entre uma luxuriante paisagem até atingir o imponente Santuário de N. Sra. da Peneda, local de afamada romaria, que impressiona pela sua monumental escadaria e conjunto de capelas. À sombra do Santuário encontram-se os antigos quartéis que em tempos albergavam peregrinos que vinham de longe e hoje se encontram recuperados para receber com todo o conforto aqueles que visitam este local. O jantar será no restaurante vizinho aos quartéis para degustar as iguarias e vinhos locais.

Dia 5

Uma jornada que se desenrolará ao longo das margens do pequeno rio Peneda por entre trilhos de pastores até à Branda de Tibo onde se fará uma breve paragem, para ganhar fôlego antes de seguir viagem ao encontro do rio Laboreiro que se acompanha até ao seu final junto ao lugar da Várzea. Aqui, paragem para descanso e almoço antes de seguir pela margem da albufeira do Lindoso até se transpor a imponente barragem, cuja dimensão

impressiona. Cruzada a barragem a subida até à Aldeia do Lindoso é curta e fácil até ao imponente e bem preservado castelo medieval, edificado no sec. XIII, mandado restaurar por D. Dinis para defesa dos limites de Portugal, que hoje guarda um notável conjunto de espigueiros em granito e um casario rural que é exemplo de preservação. Um conjunto de casas de TER, da rede Aldeias de Portugal, aguardam para um merecido descanso antes do jantar no restaurante Lindo Verde.

Dia 6

A jornada inicia-se em direcção à serra Amarela por caminhos usados desde à centenas de anos pelos habitantes locais para acessos à serra. É através da Serra Amarela que alcançaremos o lugar de Parada para um breve descanso e visita às suas eiras de espigueiros em granito, antes de continuar por Cidadelhe, até Paradamonte, de onde se desce até alcançar o Rio Lima e a antiga central hidroeléctrica para uma pausa para almoço. Retemperadas as forças cruza-se o Lima e inicia-se a subida por entre socalcos até à Aldeia do Soajo para o alojamento nas casas TER já conhecidas do primeiro dia. Ao jantar o restaurante Espigueiro dará a conhecer novas iguarias locais.

Dia 7

Após o pequeno-almoço e preparação das montadas inicia-se a jornada mais curta deste itinerário. Saindo do Soajo, por Vilarinho das Quartas até à Aldeia de Ermelo famosa pelas suas Laranjas e pelo seu Mosteiro, onde se fará uma breve paragem antes de embrenhar novamente na serra em direcção à zona arqueológica do Gião, onde por entre mamoadas e antas se fará a paragem para almoço. Após o descanso continua-se em direcção ao Mezio e daí até ao Centro equestre, onde termina a jornada, a distancia é curta. O alojamento será novamente no Soajo e o jantar de despedida será à lareira do restaurante Saber ao Borralho.

Dia 8

Após o pequeno-almoço será efectuado o transfer para o Aeroporto.



3.7.2. Itinerário N.º 2 – “Do Minho ao Lima”

Ficha Técnica

Nome: Do Minho ao Lima

Tipo: em Linha

Duração: 8 dias / 7 noites / 6 dias a cavalo

Grau de dificuldade: Médio/Alto

Horas diárias a cavalo: 5 a 7 horas

Distancia Total: 189,3 km

Tipo de alojamento: Turismo de Habitação, Turismo no Espaço Rural, Pousadas de Portugal e Hotéis

Tipo de cavalos recomendados: Cruzado Português, Lusitanos

N.º Mínimo/máximo de participantes: 2 - 8

Estrutura de Apoio: 1 ATE + 1 pessoa em veículo de apoio (transporte de bagagens entre alojamentos, preparação e transporte do almoço e transporte de equipamento de apoio)

Etapas a cavalo:

Etapa 1

Partida: Melgaço (Melgaço)

Chegada: Branda da Aveleira (Melgaço)

Distancia Percorrida: 35 km

Variação altimétrica: 1248 m

Desnível acumulado: 3093 metros

Duração estimada do percurso: 7 horas

Alojamento dos cavalos: Casa da Cova dos Anhos

Alojamento dos Cavaleiros: Casas de Campo na Aldeia de Branda da Aveleira

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: - km 8,3 – 42° 7'30.29"N 8°14'2.86"W

Descrição: Lugar de Chaviães, antes de cruzar a estrada N301. Local com árvores para prender os cavalos e sombra.

Paragem 2: - km 12,7 - 42° 6'48.52"N 8°12'6.20"W

Descrição: Início do Lugar de Fiães, antes de voltar a cruzar a estrada N301. Local com árvores para prender os cavalos e sombra.

Paragem de Descanso: Lamas de Mouro - km 23,1 - 42° 2'32.66"N
8°12'12.94"W

Descrição: Zona de Lazer, em frente ao Parque de Campismo de Lamas de Mouro, junto ao antigo posto dos Serviços Florestais na margem do Rio Peneda. Zona com árvores para sombra e amarração dos cavalos. Água disponível em abundância.

Etapa 2

Partida: Branda da Aveleira (Melgaço)

Chegada: Parada (Arcos de Valdevez)

Distancia Percorrida: 36,2 km

Varição altimétrica: 1198 m

Desnível acumulado: 2300 metros

Duração estimada do percurso: 7 horas

Alojamento dos cavalos: Quinta de Parada do Vez – Arcos de Valdevez

Alojamento dos Cavaleiros: Quinta de Parada do Vez – Arcos de Valdevez

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: São Bento do Cando - km 3,42 – 41°58'39.90" 8°16'16.86"W

Descrição: Próximo da Branda de São Bento do Cando, junto a uma pequena represa de água, com árvores para amarração dos cavalos e zona de sombra.

Paragem 2: Serra do Soajo - km 16 - 41°54'58.79"N 8°19'40.07"W

Descrição: Junto à antiga casa dos Serviços Florestais antes de chegar a Lombadinha.

Paragem 3: Cabana Maior - km 31 - 41°52'53.05"N 8°25'35.42"W

Descrição: na área do Bar do Rio Vez. Zona arborizada.

Paragem de Descanso: Mezio - km 26,3 - 41°54'18.80"N 8°24'22.78"W

Descrição: No Lugar de Ferreiros, logo depois de deixar a zona de montanha. Árvores para sombra e amarração dos cavalos. Água disponível em abundância.

Etapa 3

Partida: Parada (Arcos de Valdevez)

Chegada: Lagoas de Bertandos (Ponte de Lima)

Distancia Percorrida: 30,9 km

Varição altimétrica: 88 m

Desnível acumulado: 489 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Alojamento dos cavalos: Casa da Lage – TH – Ponte de Lima

Alojamento dos Cavaleiros: Casa da Lage – TH – Ponte de Lima

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Ponte da Barca - km 7,6 – 41°48'30.16"N 8°25'19.57"W

Descrição: Choupal em Ponte da Barca, junto ao rio Lima e à ponte medieval. Área com árvores para sombra e amarração das montadas.

Paragem 2: Gemieira - km 17,8 - 41°46'59.70"N 8°31'26.05"W

Descrição: Área de lazer dos moinhos de água da Gemieira. Área arborizada, com fonte, mesas e bancos em pedra.

Paragem de Descanso: Ponte de Lima - km 24,2 - 41°46'11.87"N 8°35'15.18"W

Descrição: Zona de Lazer do Arnado, na margem direita do rio Lima, junto à ponte romana. Com árvores, mesas e bancos em pedra. Fácil acesso automóvel e água em abundância.

Etapa 4

Partida: Lagoas de Betiandos (Ponte de Lima)

Chegada: Viana do Castelo

Distância Percorrida: 30,4 km

Variação altimétrica: 24 m

Desnível acumulado: 277 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Alojamento dos cavalos: VianaEquestre – Areosa – Viana do Castelo

Alojamento dos Cavaleiros: Pousada de Santa Luzia (5 km da VianaEquestre)

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Fontão - km 3,3 – 41°44'23.13"N 8°38'58.16"W

Descrição: Praia fluvial de Fontão, com zona arborizada para sombra e amarração dos cavalos.

Paragem 2: Cardielos- km 13,7 - 41°42'4.72"N 8°44'56.47"W

Descrição: Zona de lazer do Barco do Porto, em Cardielos com área arborizadas para prender os cavalos e sombra.

Paragem de Descanso: Viana do Castelo - km 21,7 - 41°41'46.37"N 8°48'57.24"W

Descrição: Zona de Lazer da Praia da Argaçosa, junto à Praça de Touros de Viana do Castelo e ao Parque da Cidade. Com árvores, mesas e bancos em pedra. Fácil acesso automóvel e água em abundância.

Etapa 5

Partida: Viana do Castelo

Chegada: Lanhelas (Caminha)

Distancia Percorrida: 31,4 km

Varição altimétrica: 125 m

Desnível acumulado: 727 metros

Duração estimada do percurso: 6 horas

Alojamento dos cavalos: Casa da Anta – Hotel Rural – Lanhelas - Caminha

Alojamento dos Cavaleiros: Casa da Anta – Hotel Rural – Lanhelas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Montedor - km 4,95 – 41°45'6.05"N 8°52'23.39"W

Descrição: Junto ao Farol de Montedor. Com possibilidade de amarração dos cavalos e sombra.

Paragem 2: Vila Praia de Ancora - km 15,2 - 41°48'58.26"N 8°52'3.15"W

Descrição: No campo do Castelo, à saída de Vila Praia de Ancora, com possibilidade de amarração dos cavalos.

Paragem de Descanso: km 24,6 - 41°52'40.80"N 8°50'9.15"W

Descrição: Jardim junto à foz do rio Coura, em Caminha. Com árvores e bancos. Facilidade no acesso automóvel e a água em abundância.

Etapa 6

Partida: Lanhelas (Caminha)

Chegada: Valença

Distancia Percorrida: 25,4 km

Varição altimétrica: 174 m

Desnível acumulado: 808 metros

Duração estimada do percurso: 4 horas

Alojamento dos cavalos: Regresso ao centro hípico em veículo

Alojamento dos Cavaleiros: Pousada de São Teotónio - Valença

Paragem (s) Técnica (s):

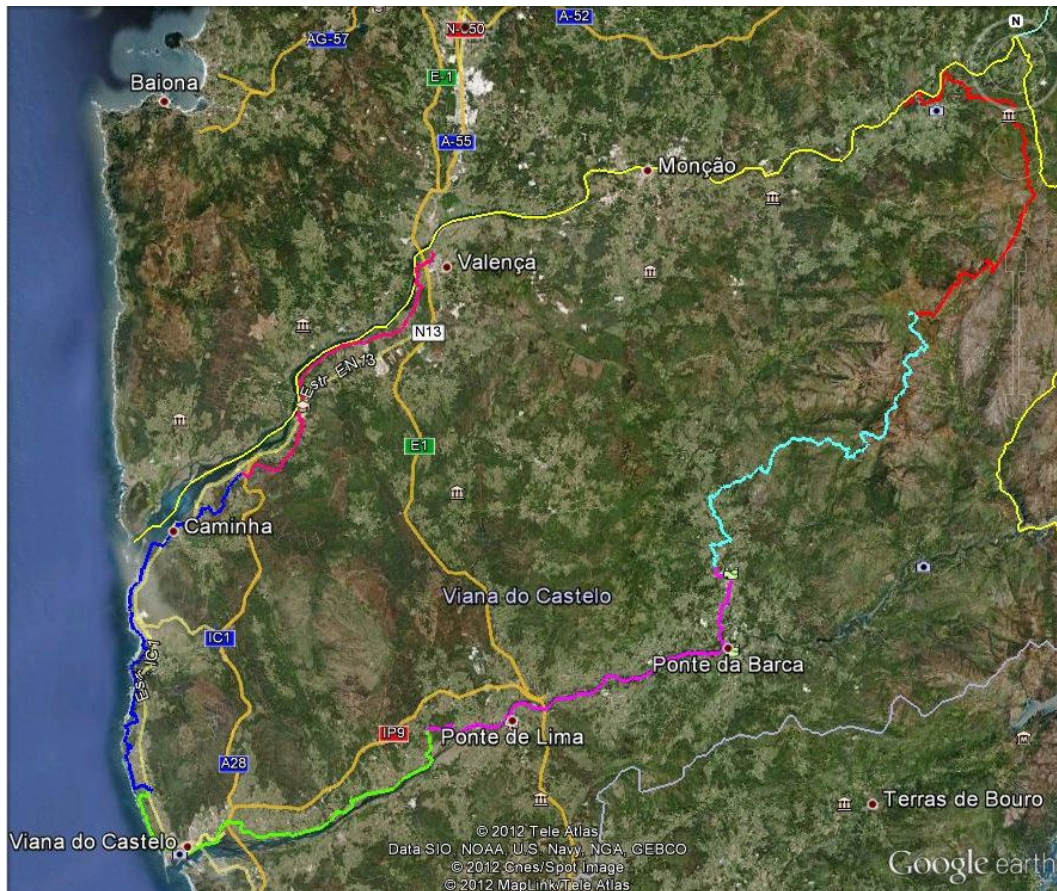
Paragem 1: Vila Nova de Cerveira - km 8,7 – 41°56'23.34"N 8°44'48.74"W

Descrição: na margem do Rio Minho, á entrada de Vila Nova de Cerveira.
 Área com árvores e jardim para sombra e prender as montadas.

Paragem de Descanso: São Pedro da Torre - km 18,9 - 41°59'25.19"N
 8°40'0.23"W

Descrição: Em frente á Igreja Paroquial de São Pedro da Torre, em área de lazer arborizada. Facilidade de acesso automóvel e a água em abundância.

Mapa do itinerário



Perfil de elevação das etapas

Etapa 1



Etapa 2



Etapa 3



Etapa 4



Etapa 5



Etapa 6



Descrição do Percurso

O Minho é uma das mais singulares regiões de Portugal com uma multiplicidade de interesses é uma área por explorar e que alia o contacto com a natureza com um vasto património cultural e arquitectónico. A sua gastronomia e os seus vinhos são de reconhecida qualidade. Este é o destino que o desafiamos a descobrir de uma forma única – montado num cavalo, passando pelos mais belos e inexplorados locais. Este itinerário começa no extremo concelho de Melgaço, junto à fronteira com Espanha, e começa por dar a conhecer o extraordinário Parque Nacional da Peneda Gerês onde os cavalos Garranos, em estado selvagem, são “reis e senhores”. Acompanha o rio Lima no seu percurso até à foz em Viana do Castelo, sem deixar de visitar as vilas de Arcos de Valdevez, Ponte da Barca e Ponte de Lima. E para aqueles que sonham cavalgar junto ao mar o sonho será realidade enquanto sobem até à foz do rio Minho que acompanham até à vila medieval de Valença. Além do rico e variado património descobrirão também as diversificadas opções de alojamento que a região oferece, desde o Turismo de Aldeia até às Pousadas, passando pela hotelaria, Hotéis rurais e Turismo de Habitação.

Programa detalhado

Dia 1

Chegada ao aeroporto e transfer para o alojamento, O Hotel Monte Prado, situado nas margens do Rio Minho junto à vila de Melgaço. Após uma visita ao centro equestre, a curta distância do Hotel, para atribuição de montadas, o dia terminará com o jantar no restaurante Panorama onde a gastronomia típica e o vinho Alvarinho fará as delícias de todos.

Dia 2

Após o pequeno-almoço, no Hotel Monte Prado, seguirão para o centro equestre para preparação das montadas e início do percurso. Este primeiro dia será longo começando por

os conduzir pelas margens do rio Minho passando a vila de Melgaço até Chaviães onde, após breve paragem antes de cruzar a N301, se segue por caminhos rurais e florestais em direcção ao Parque Nacional da Peneda Gerês. Nova paragem em Fiães para depois seguir até Lamas de Mouro onde com o almoço se retemperarão forças, antes de iniciar a tirada final pelo maior parque eólico da Europa, passando junto às Brandas de Covelo e Mourim. Aqui os cavalos Garranos em estado selvagem pastam em total harmonia com a natureza e serão companhia até ao destino na Aldeia de Branda da Aveleira, classificada como Aldeia de Portugal, que representa a tipicidade da região e o "modus vivendi" de uma época caracterizada pela transumância de pessoas e animais, de acordo com as estações do ano. Após o tratamento dos cavalos que ficarão junto à capela da Sra. da Guia, o alojamento será em casas típicas castrejas recuperadas para receber hóspedes com todo o conforto. O jantar será no restaurante típico de Santo António de Val Poldros

Dia 3

Após a preparação dos cavalos inicia-se mais uma etapa que se adivinha longa e exigente. O percurso decorre em total harmonia com a natureza por trilhos montanhosos levando até à primeira paragem de onde se avista a Branda de São Bento do Cando. Continua-se pelo alto da serra por entre cavalos garranos e gado Barrosão e cacheno pastando livremente, paisagens deslumbrantes, até iniciar a descida por Lombadinha e que nos levará até Ferreiros onde se fará a paragem para almoço. Após o descanso continua a jornada em direcção às margens do Rio Vez, que guiará o percurso através de paisagens pontuadas de latadas verdejantes e cenas rurais até à Quinta de Parada do Vez; a dois quilómetros de Arcos de Valdevez. Esta casa está envolvida numa aura de mistério, desconhecendo-se a história da família que terá promovido a sua construção. Esta casa pode ser considerada uma casa "abrasileirada", devido aos telhados de grande inclinação, os óculos, os medalhões, os vasos de pedra a rematar os pilaretes dos portões de ferro forjado, o jardim com espécies exóticas. O jantar será no restaurante Grill Encosta do Vez que apresentará as melhores iguarias da gastronomia regional.

Dia 4

Esta jornada sem grandes dificuldades, inicia-se com uma passagem pela vila de Arcos de Valdevez, seguindo depois por caminhos rurais, junto ao rio Vez, em direcção a Ponte da Barca onde após cruzar a sua ponte medieval se fará uma pequena paragem para deleite com a beleza desta terra de poetas. Deixa-se a vila para ao longo do rio Lima seguir a Ecovia do Rio Lima no seu troço dos Açudes, assim denominado porque se encontram várias estruturas deste tipo no rio, usadas em tempos para a pesca ao sável e à lampreia.

Passa-se pela Fonte Santa até à paragem seguinte na Gemieira, junto a um interessante conjunto de moinhos de água. Daqui continua-se sempre junto ao rio até atingir a vila de Ponte de Lima cujo início se identifica pela Capela de São João. Nesta vila, a mais antiga do país, cruza-se a ponte medieval, classificada como Monumento Nacional para no parque do Arnado, junto à capela do Anjo da Guarda, se fazer a paragem para almoçar e contemplar o interessante conjunto formado pelo casario desta vila. Segue-se pela Ecovia, no troço das lagoas, até depois de passar junto ao imponente Palácio de Bertandos, cruzar área protegida das Lagoas e atingir o destino e local de pernoita. A Casa da Lage, um belo exemplar de casa senhorial do Sec. XVII convertida numa confortável unidade de Turismo de Habitação. As virtudes da gastronomia e dos vinhos da região serão reveladas ao jantar na Casa da Lage.

Dia 5

Mais uma jornada que se adivinha fácil. Inicia-se em direcção ao Rio Lima para alcançar a Ecovia até à praia fluvial de Fontão onde se fará a primeira paragem. Continua-se sempre pela margem do Lima, através das veigas de Lanheses, Vila Mou, São Salvador da Torres e Cardielos, para nova paragem no Barco do Porto. Seguem-se os campos agrícolas de Serreleis e Santa Marta de Portuzelo antes da Meadela cuja urbanidade nos indicia estar já nos arrabaldes de uma cidade. Entra-se em Viana do Castelo junto ao parque da cidade e aí à sombra da Praça de Touros e com vista para a ponte Eiffel é tempo para uma pausa para almoço. Após o descanso atravessa-se a cidade, sempre guiados pelo Lima até à sua foz e depois de passar junto ao Castelo de Santiago da Barra, segue-se para a Praia Norte. Daqui o Atlântico será o condutor até à Areosa onde as montadas pernoitarão. Para os cavaleiros o alojamento e jantar na Pousada de Santa Luzia, entre a citania e o templo, será um deleite para o estômago e para os olhos, pois daí dizem contemplar-se uma das mais deslumbrantes vistas que Portugal oferece.

Dia 6

Após o pequeno-almoço na Pousada de Santa Luzia e preparação das montadas inicia-se a jornada junto ao mar, passando por moinhos de vento, até alcançar o imponente farol de Montedor, merecedor de uma breve paragem para contemplar este belo exemplar arquitectónico. Continua-se junto ao mar pelas praias de Paçô, Arda e Afife até à praia da Gelfa antes de atingir a vila piscatória de Vila Praia de Ancora, que se cruza pela sua marginal. Continua-se junto ao mar passando pela famosa praia de Moledo antes de cruzar a mata do Camarido, na foz do Rio Minho, que marca a chegada à vila de Caminha onde se fará uma incursão pelo seu centro histórico para admirar o casario, o chafariz e a sua igreja

matriz classificada como monumento nacional. Antes de deixar Caminha será tempo para uma paragem para retemperar forças junto á foz do rio Coura. Após o descanso continua-se por caminhos rurais por Seixas e Vilar de Mouros até atingir a aldeia de Lanhelas, onde a Casa da Anta, um hotel Rural, aguarda para alojamento e jantar típico.

Dia 7

Nesta ultima jornada segue-se por Gondarem em direcção a Vila Nova de Cerveira, onde junto ao rio será tempo para uma breve paragem. Daqui em diante o rio Minho será o guia guiando por entre campos agrícolas, sempre espreitando Espanha na outra margem. Depois de Campos e Vila Meã chega-se a São Pedro da Torre onde junto à bela igreja paroquial se fará a pausa para almoço. Continua-se junto ao rio passando por Cristelo Covo antes de alcançar a fortificação de Valença do Minho. Passada a muralha encontra-se com um bem conservado burgo medieval onde a actividade comercial ferve. Segue-se até á extremidade da muralha onde se localiza a Pousada de São Teotónio, que os acolherá nesta ultima noite. Do restaurante da Pousada, onde será servido o jantar tem-se uma das mais deslumbrantes vistas sobre o rio Minho e da cidade de Tuy coroada com a sua imponente catedral.

Dia 8

Após o pequeno-almoço na Pousada de São Teotónio será efectuada o transfer para o Aeroporto.



3.7.3. Itinerário N.º 3 – “Entre as lagoas e a serra de Arga”

Ficha Técnica

Nome: Entre as lagoas e a serra de Arga

Tipo: Em Pétala / estrela

Duração: 8 dias / 7 noites / 6 dias a cavalo

Grau de dificuldade: Médio

Horas diárias a cavalo: 4 a 6 horas

Distancia Total: 128,3 km

Tipo de alojamento: Turismo de Habitação

Tipo de cavalos recomendados: Cruzados Portugueses, Lusitanos ou garranos

N.º Mínimo/máximo de participantes: 2 - 5

Estrutura de Apoio: 1 ATE + 1 pessoa em veículo de apoio para preparação e transporte do almoço (*nota: o veículo e pessoa de apoio pode ser dispensado caso se opte por transportar o almoço nos alforges dos cavalos*)

Alojamento dos cavalos: Quinta de Pentieiros – São Pedro de Arcos - Ponte de Lima

Alojamento dos Cavaleiros: Casa da Lage – TH – São Pedro de Arcos - Ponte de Lima (a 2 km da Quinta de Pentieiros)

Etapas a cavalo:

Etapa 1

Partida: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Chegada: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Distancia Percorrida: 12,8 km

Variação altimétrica: 35 m

Desnível acumulado: 125 metros

Duração estimada do percurso: 3 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Centro de Interpretação ambiental - Km 1,75 – 41°45'52.63"N
8°38'34.19"W

Descrição: Entrada do Centro de Interpretação Ambiental da área protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos. Zona florestal com local para prender os cavalos e com sombra.

Paragem de Descanso: Estorãos - km 8,9 - 41°47'9.12"N 8°38'42.29"W

Descrição: Zona de Lazer da Praia fluvial de Estorãos, junto à ponte românica e moinho de Estorãos. Com árvores, mesas e bancos em pedra. Fácil acesso automóvel e água em abundância.

Etapa 2

Partida: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Chegada: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Distancia Percorrida: 21 km

Variação altimétrica: 425 m

Desnível acumulado: 1770 metros

Duração estimada do percurso: 4 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Santa Justa - km 6,85 – 41°47'5.31"N 8°40'45.67"W

Descrição: Junto à Capela de Santa Justa, onde no seu terreiro se podem prender os cavalos à sombra.

Paragem de Descanso: km 15,9 - 41°46'16.29"N 8°39'46.36"W

Descrição: Paragem na envolvente do antigo posto dos serviços florestais. Área arborizada proporcionando sombra e local de amarração dos cavalos. Disponibilidade de água e possibilidade de acesso automóvel.

Etapa 3

Partida: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Chegada: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Distancia Percorrida: 29,7 km

Variação altimétrica: 19 m

Desnível acumulado: 250 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Ponte de Lima - Km 7,4 – 41°46'11.60"N 8°35'15.41"W

Descrição: Zona de Lazer do Arnado, na margem direita do rio Lima, junto à ponte romana. Com árvores e parque de merendas.

Paragem 2: Passagem - km 17,3 - 41°43'30.64"N 8°40'23.46"W

Descrição: Parque de merendas arborizado na zona histórica da Passagem.

Paragem de Descanso: Lanheses - km 22 - 41°43'38.54"N 8°40'33.56"W

Descrição: Paragem na margem direita do rio Lima, na freguesia de Lanheses. Área arborizada junto ao rio proporcionando sombra e local de amarração dos cavalos. Disponibilidade de água e facilidade de acesso automóvel.

Etapa 4

Partida: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Chegada: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Distancia Percorrida: 25,8 km

Varição altimétrica: 285 m

Desnível acumulado: 1872 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Km 2,71 – 41°46'16.45"N 8°39'46.49"W

Descrição: Envolvente do antigo posto dos serviços florestais com área arborizada proporcionando sombra e amarração dos cavalos.

Paragem 2: - Montaria - km 11,2 - 41°47'27.39"N 8°43'43.59"W

Descrição: Zona de lazer e parque de merendas arborizado no centro da freguesia da Montaria.

Paragem de Descanso: Trogal - km 20,1 - 41°45'53.48"N 8°41'10.07"W

Descrição: Aglomerado rural com arvores para sombra (à saída da povoação) e amarração dos cavalos e onde é possível obter água para hidratação dos cavalos. Fácil acesso do veículo de apoio.

Etapa 5

Partida: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Chegada: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Distancia Percorrida: 17,5 km

Varição altimétrica: 231 m

Desnível acumulado: 1188 metros

Duração estimada do percurso: 4 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Moreira do Lima - Km 5,75 – 41°47'15.49"N 8°36'58.09"W

Descrição: Adro da capela do Espírito Santo, com árvores para sombra e prender as montadas.

Paragem 2: Arcozelo - km 8,6 - 41°46'51.56"N 8°36'21.60"W

Descrição: No parque de merendas junto à Capela de Santo Ovideo. Facilidade de sombra e amarração dos cavalos.

Paragem de Descanso: Moreira do Lima - km 12,4 - 41°47'40.70"N 8°37'25.37"W

Descrição: Início de área florestal, com sombra, disponibilidade de água e acesso automóvel para veículo de apoio.

Etapa 6

Partida: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Chegada: Quinta pedagógica de Pentieiros (Ponte de Lima)

Distancia Percorrida: 21,5 km

Variação altimétrica: 263 m

Desnível acumulado: 888 metros

Duração estimada do percurso: 4 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Breia - Km 4,5 – 41°48'17.67"N 8°38'55.22"W

Descrição: Zona arborizada junto ao lugar da Breia, freguesia de Estorãos. Paragem antes de entrar na zona florestal.

Paragem 2: Escusa - km 9,25 - 41°50'4.07"N 8°39'51.64"W

Descrição: Paragem no lugar da Escusa no alto da Serra e antes de iniciar a descida. Facilidade na amarração e sombra.

Paragem de Descanso: Cabração - km 15,2 - 41°48'55.61"N 8°38'41.58"W

Descrição: Parque de merendas no início da freguesia da Cabração, junto á estrada, com mesas e bancos. Cercados por árvores para sombra e amarração dos cavalos. Facilidade na obtenção de água, para hidratação das montadas, e no acesso automóvel.

Mapa do itinerário



Perfil de elevação das etapas

Etapa 1



Etapa 2



Etapa 3



Etapa 4



Etapa 5



Etapa 6



Descrição do Percurso

No coração do Vale do rio Lima, entre a área Protegida das lagoas de Bertandos e a encantada Serra de Arga encontra-se a Quinta de Pentieiros, que com os seus bem tratados cavalos desafia para numa semana descobrir a região. As jornadas propostas levam-no a conhecer os contrastes da paisagem, a cultura e o património desta região. A vila de Ponte de Lima a curta distancia é um exemplo de preservação ambiental e patrimonial. Pode ainda optar por realizar este itinerário recorrendo a uma das mais antigas raças de cavalos do mundo e que é autóctone desta região, a Quinta de Pentieiros tem disponíveis cavalos da raça Garrana para este itinerário.

Descubra a gastronomia única e os singulares vinhos verdes aliados ao conforto de uma unidade de Turismo de Habitação – a Casa da Lage – uma casa senhorial dos finais do Séc. XVII, que retoma os seus tempos áureos sem nunca esquecer o passado histórico a que está intimamente ligado. A Casa da Lage situa-se dentro de uma extensa propriedade agrícola, onde o conforto, a afabilidade e o requinte são sinónimos do valor histórico, etnográfico e cultural que representa. A comprovar estão os salões da casa com bonitos tectos, artesoados em talha, a exposição de fatos regionais, a qualidade de restauro e a adaptação da Casa Tulha, repositórios da qualidade de artistas e artesãos desta região cujas oficinas poderá visitar.

Programa detalhado

Dia 1

Chegada ao aeroporto e transfer para o alojamento, a Casa da Lage, uma unidade de Turismo de Habitação com origem no sec. XVII, localizada a curta distancia da Quinta Pedagógica de Pentieiros que será a base para os cavalos. Após uma visita ao centro equestre para atribuição de montadas, o dia terminará com o jantar na Casa da Lage.

Dia 2

Após o pequeno-almoço, na Casa da Lage, romagem ao centro equestre para preparar as montadas e iniciar o percurso. Este primeiro dia será de adaptação por isso a etapa é curta e de baixo grau de dificuldade. Saindo da Quinta de Pentieiros entra-se na área protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro de Arcos até ao centro de Interpretação Ambiental onde se fará uma paragem para um breve enquadramento teórico sobre a área protegida. Daí continua-se à descoberta desta zona húmida até atingir o pequeno povoado de Bertandos e o Rio Lima que marcarão o início da viagem de regresso. No caminho passa-se por uma das jóias da arquitectura civil Portuguesa, o imponente Palácio de Bertandos e continua-se por entre campos agrícolas até alcançar o povoado rural de Estorãos para descanso e almoço, junto ao idílico conjunto formado por uma ponte românica e um moinho adaptado a TER. Dai continua-se pela aldeia de Estorãos até alcançar o centro equestre. Após o tratamento dos cavalos regresso à Casa da Lage de onde se sairá para uma visita ao Centro Equestre do Vale do Lima onde o jantar será com vista para o seu picadeiro.

Dia 3

O percurso deste dia será pela serra de Arga. Seguindo por São Pedro de Arcos, pela antiga Casa dos serviços florestais e dai sobe-se a serra até chegar à ermida de Santa Justa, local de tradicional romaria a cavalo, para uma breve paragem que permitirá admirar a deslumbrante panorâmica que dai se tem sobre o Vale do Lima. Continua-se até ao remoto lugar do Cerquido onde se inicia a viagem de regresso por caminhos florestais novamente até à antiga casa dos Serviços Florestais para o almoço, antes de seguir, sempre pela serra, até à aldeia de Estorãos e dai até ao destino na Quinta de Pentieiros. Após o tratamento dos cavalos regresso ao alojamento e o tempo até ao jantar pode ser passado na piscina interior ou na sala de jogos da Casa da Lage que são um convite ao relaxamento.

Dia 4

Apesar de longa esta jornada não nos apresenta dificuldades de maior, começa por atravessar a área protegida das Lagoas até atingir o troço das Lagoas da Ecovia do Rio

Lima que conduz por um idílico percurso pelas margens do Lima até alcançar a mais antiga vila de Portuguesa - Ponte de Lima. Antes de cruzar a ponte medieval sobre o Lima, tempo para uma breve paragem no parque do Arnado junto à Igreja de Santo António, da ponte romana e da capela do Anjo da Guarda, dois monumentos nacionais. Deixa-se Ponte de Lima pela imponente avenida dos Plátanos, passando pelo antigo convento de Santo Antonio e dos Terceiros para depois da Capela da Sra. da Guia entrar no troço das veigas da Ecovia, através do qual, sempre junto ao Lima, se atravessam as veigas da Correlhã e de Vitorino das Donas, passando pelo Barco do Porto antes de atingir a zona histórica da Passagem para uma breve paragem na zona de lazer logo após a capela da Sra. das Candeias. Continua-se por entre campos férteis até alcançar a ponte que leva à outra margem do Lima e à aldeia de Lanheses onde será servido o almoço junto ao rio Lima. Após o merecido descanso, o Lima continuará a ser guia através das veigas de Lanheses e Fontão até alcançar São Pedro de Arcos. Passagem junto às Lagoas com a Quinta de Pentieiros já no horizonte e a Casa da Lage para alojamento e jantar.

Dia 5

Uma jornada através do sopé da Serra de Arga em que seguirão por São Pedro de Arcos e daí pelo caminho que passa junto à antiga casa dos serviços florestais, onde se fará a primeira paragem, para depois continuar pela encosta da serra até alcançar a Aldeia da Montaria, passando junto à Igreja paroquial segue-se para uma visita aos moinhos de água do rio Ancora, muito típicos nesta aldeia. Após uma breve paragem inicia-se a viagem de regresso pelas zonas mais baixas da serra que levam até ao Trogal, onde se fará uma pausa para descanso e almoço. Daí até ao destino a viagem é curta, mas não sem antes passar no deixaremos de visitar o conjunto formado pela igreja e cruzeiro de São Pedro de Arcos. Resta-nos tempo para tratar os cavalos e descansar um pouco antes do jantar na Casa da Lage.

Dia 6

Após o pequeno-almoço e preparação dos cavalos, iniciaremos a jornada que se adivinha curta e fácil. Começaremos por atravessar as zonas agrícolas do vale do rio Estorãos até alcançar a povoação de Moreira do Lima, onde por caminhos secundários seguiremos até à nossa primeira paragem junto à Capela românica do Espírito Santo. Continuaremos passando pela Casa da Carcaveira, em direcção ao monte de Santo Ovideo e à sua ermida onde faremos uma pausa para contemplar a gravura rupestre do cavalinho e uma das mais belas panorâmicas sobre o Vale do Rio Lima. Deixaremos o monte de Santo Ovideo, por caminhos rurais em direcção a Moreira do Lima onde faremos uma paragem para almoço

antes de entrar nas faldas da serra de Arga que nos conduzirão de regresso à Quinta de Pentieiros. Após o tratamento dos cavalos regressamos à Casa da Lage de onde saímos para jantar no Restaurante Casa do Provedor à sombra de uma torre medieval no coração de Ponte de Lima.

Dia 7

Após o pequeno-almoço, na Casa da Lage, rumaremos ao centro equestre onde vamos preparar as nossas montadas e iniciar o percurso que se adivinha mais exigente. Sairemos em direcção à aldeia de Estorãos e por caminhos rurais vamos serpenteando zonas agrícolas pontilhadas com pequenos aglomerados rurais como a Pica, Gramela e Breia, onde faremos uma breve paragem. Pouco depois entraremos na Serra de Arga e por caminhos florestais percorreremos uma idílica paisagem até atingir o antigo núcleo mineiro, onde na primeira metade do século XX, a exploração de estanho num importante conjunto de filões de pegmatito transformou a Cabração em aldeia mineira. Deixamos este interessante núcleo, através dos lugares de Escusa e de Além, em direcção ao centro da aldeia da Cabração, classificada como Aldeia de Portugal, onde se inicia, junto à igreja paroquial, a nossa viagem de regresso, novamente por caminhos florestais até um parque de merendas que nos acolherá para uma pausa de almoço. O regresso faz-se pelos lugares de Redimões e Fontelo onde tomaremos a direcção do Rio Estorãos que seguiremos em direcção à Quinta de Pentieiros onde terminará a jornada. O alojamento e jantar serão na Casa da Lage.

Dia 8

Após o pequeno-almoço na Casa da Lage será efectuado o transfer para o Aeroporto.



3.7.4. Itinerário N.º 4 – “Pelos Caminhos de Santiago”

Ficha Técnica

Nome: Pelos Caminhos de Santiago

Tipo: Em Pétala

Duração: 4 dias / 3 noites / 2 dias a cavalo

Grau de dificuldade: Médio/baixo

Horas diárias a cavalo: 4 a 6 horas

Distancia Total: 50,8 km

Tipo de alojamento: Turismo no Espaço Rural / Turismo de Habitação

Tipo de cavalos recomendados: Cruzados Portugueses e Lusitanos

N.º Mínimo/máximo de participantes: 2 - 5

Estrutura de Apoio: 1 ATE + 1 pessoa em veículo de apoio para preparação e transporte do almoço (*nota: o veículo e pessoa de apoio pode ser dispensado caso se opte por transportar o almoço nos alforjes dos cavalos*)

Alojamento dos cavalos: ARTE – Associação Regional de Turismo Equestre – Cossourado – Paredes de Coura

Alojamento dos Cavaleiros: Quinta da Casa do Paço – TH – Ferreira – Paredes de Coura (a 5 km da ARTE)

Etapas a cavalo:

Etapa 1

Partida: Cossourado (Paredes de Coura)

Chegada: Cossourado (Paredes de Coura)

Distancia Percorrida: 23,6 km

Variação altimétrica: 287 m

Desnível acumulado: 1454 metros

Duração estimada do percurso: 5 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Km 2,8 – 41°54'57.29"N 8°38'15.80"W

Descrição: Paragem na Cividade do Cossourado, povoado da Idade do Ferro, onde existem zonas de sombra e de amarração das montadas.

Paragem 2: Rubiães - km 19,7 - 41°53'49.64"N 8°37'28.29"W

Descrição: Adro da Igreja de Rubiães com área de lazer onde existem árvores para sombra e amarração das montadas.

Paragem de Descanso: Labruja - km 15 - 41°51'43.73"N 8°36'29.35"W

Descrição: Paragem de almoço na envolvente do antigo posto dos serviços florestais no alto da serra da Labruja Área florestal proporcionando sombra e local de amarração dos cavalos. Disponibilidade de água e possibilidade de acesso automóvel.

Etapa 2

Partida: Cossourado (Paredes de Coura)

Chegada: Cossourado (Paredes de Coura)

Distancia Percorrida: 27,2 km

Variação altimétrica: 333 m

Desnível acumulado: 932 metros

Duração estimada do percurso: 6 horas

Paragem (s) Técnica (s):

Paragem 1: Fontoura - Km 3,16 – 41°57'22.42"N 8°37'58.62"W

Descrição: No adro da igreja paroquial de Fontoura, onde existe sombra e local para prender as montadas.

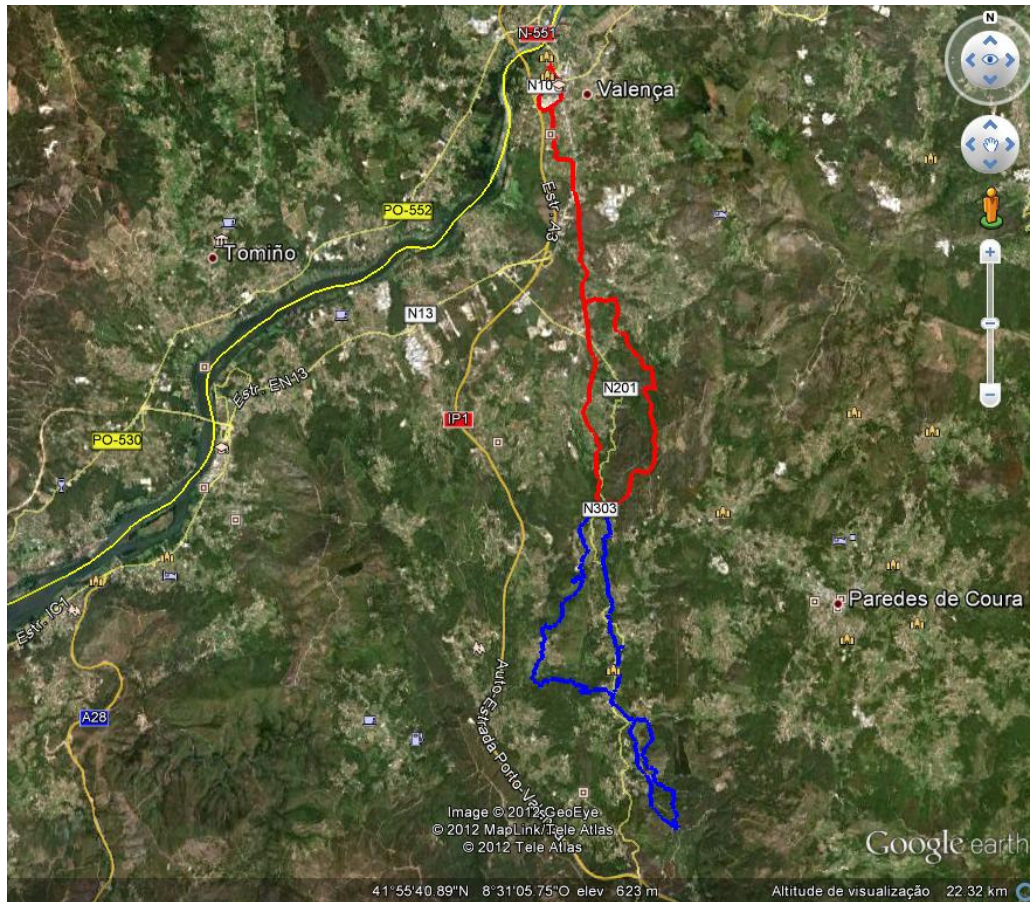
Paragem 2: Valença - km 12,7 - 42° 1'47.71"N 8°38'37.71"W

Descrição: Á saída da muralha de Valença, onde existe sombra e local para prender as montadas junto ao estacionamento externo da muralha.

Paragem de Descanso: Paços - km 19,5 - 41°58'40.24"N 8°37'56.58"W

Descrição: Paragem para almoço no aglomerado rural de Paços, freguesia do Cerdal, em zona arborizada com sombra, acesso automóvel e facilidade de obtenção de água para as montadas.

Mapa do itinerário



Perfil de elevação das etapas

Etapa 1



Etapa 2



Descrição do Percurso

Descubra o Caminho Português de Santiago e a história, cultura e património do Minho montado num bem treinado cavalo Português. Uma viagem desde a idade do ferro até aos nossos dias, passando pelo período Romano e Medieval, tendo como elo de ligação o Caminho Português de Santiago com todo o seu misticismo que atrai peregrinos de todo o mundo à mais de 800 anos. Descubra as vivências desta região alojando-se numa Casa TER com mais de 4 séculos onde os olhos se podem deleitar com uma magnífica vista panorâmica da região e deleite-se com as maravilhas da gastronomia e do vinho verde local.

Programa detalhado

Dia 1

Chegada ao aeroporto e transfer para o alojamento próximo de Paredes de Coura – a Quinta da Casa do Paço, uma unidade TER com origem no sec. XVI. Visita ao centro equestre para conhecer as montadas para o dia seguinte.

O dia terminará com o jantar num restaurante típico em Paredes de Coura.

Dia 2

Após o pequeno-almoço, na Quinta da Casa do Paço, romagem para o centro equestre para preparação das montadas e início do percurso. A primeira paragem será na Cividade de Cossourado, um povoado fortificado da Idade do Ferro, formado por construções habitacionais, de serviços e de defesa. Continua-se por entre pinhais, encontrando regularmente pequenos núcleos rurais, como Soulo e São Roque. Depois de passar junto à Igreja de Agualonga entra-se na Serra da Labruja e por caminhos florestais alcança-se o seu alto, para aí, junto à Casa da Floresta (antigas instalações dos Serviços Florestais) descansar e retemperar forças com o almoço. O alto da Labruja é também um dos pontos míticos do Caminho Português de Santiago, por onde se realiza o regresso da jornada. Terminado o almoço seguirão as setas amarelas que sinalizam o Caminho de Santiago, passando pelos antigos moinhos de Cabanas antes de chegar aos férteis campos de Agualonga e daí até São Roque, venerado numa pequena capela junto à estrada. Após uma breve paragem junto à Igreja Românica de Rubiães, continua a descida até ao Rio Coura que será transposto na ponte romana do Peorado. Após o Coura seguirão até São Bento da Porta Aberta, onde termina a jornada. Após o tratamento aos cavalos, a Quinta da Casa do Paço aguarda-os para um merecido descanso. O dia termina com o jantar num restaurante típico em Paredes de Coura.

Dia 3

A segunda jornada, novamente através do Caminho Português de Santiago, alterna áreas florestais com zonas agrícolas e pequenos aglomerados rurais até atingir a Igreja de Fontoura onde se fará a primeira paragem. Segue-se através do Cerdal até Arão e daí a Valença é um pulo. Entra-se na zona fortificada para uma breve visita a este burgo medieval de onde se desfruta de uma fantástica panorâmica sobre o Rio Minho e a Cidade de Tuy. Depois de uma breve paragem inicia-se a viagem de regresso novamente pelo Caminho de Santiago até atingir novamente o Cerdal. Em Paços, uma paragem para descanso e retemperar forças. De Paços segue-se por Vilar para alcançarmos a área florestal por onde o percurso se desenrolará até ao centro hípico. Após o tratamento dos cavalos, novamente para a Quinta da Casa do Paço para um merecido descanso. O dia termina com o jantar num restaurante típico em Paredes de Coura.

Dia 4

Após o pequeno-almoço na Quinta da Casa do Paço será efectuado o transfer para o Aeroporto.



3.8. Validação dos Itinerários equestres

Um dos pontos essenciais para o sucesso de um itinerário equestre é a sua validação, por isso seguindo a metodologia proposta, os itinerários apresentados foram sujeitos a validação por profissionais de turismo equestre. Após as tarefas de elaboração de esboços, definição inicial de percursos e itinerários, foram consultados profissionais com experiência e formação de Turismo Equestre, que estudaram as propostas de itinerários, indicando os necessários ajustes e correcções.

Os locais mais indicados para a realização das paragens técnicas e paragens de descanso foram identificados *in loco*, no momento da validação dos percursos, pelos profissionais de Turismo Equestre que verificaram as condições necessárias, específicas de cada uma das paragens. Às propostas iniciais de Itinerários foram feitos alguns ajustes, nomeadamente ao nível dos percursos, de modo a facilitar a sua execução.

A definição do grau de dificuldade de cada um dos itinerários foi indicada pelos profissionais de Turismo Equestre que os classificaram no decorrer da validação, tendo em consideração aspectos como pisos, variação altimétrica, desníveis, largura e obstáculos do percurso entre outros.

A metodologia e requisitos para a criação dos Itinerários Equestres foram validados pela FEP – Federação Equestre Portuguesa.



4. CONCLUSÃO

O presente estudo de inventariação de equipamentos equestres e criação de quatro itinerários equestres, permite concluir, que a região piloto Minho-Lima, reúne um conjunto de entidades e de infra-estruturas de lazer, de grande qualidade, dinâmica e potencial para o desenvolvimento do Turismo Equestre.

O território integra condições excelentes para a implementação de itinerários equestres de referência em Portugal, articulando as valências de Turismo de Natureza, Turismo Cultural e Paisagístico e Turismo no Espaço Rural, a Gastronomia e Vinhos.

Verificamos a necessidade de investimento em estudos de investigação, o planeamento, a organização, o marketing, a formação profissional, a segurança e a cooperação na actividade equestre.

Consideramos que para a implementação dos itinerários equestres será necessário uma adequada sinalização, a manutenção e monitorização dos diferentes percursos.

O futuro do desenvolvimento sustentável do Turismo Equestre traduz-se na articulação do sector com outras actividades complementares de animação ao abrigo da cultura do Cavalo, podendo constituir um referencial e a principal motivação de visita do destino equestre em Portugal.

A TURIHAB agradece, reconhecidamente, a colaboração de um conjunto de entidades públicas e privadas, os promotores locais e os empresários do Turismo Equestre, pelo contributo e a partilha de conhecimentos para o projecto de criação de “Itinerários Equestres” na região Minho-Lima.

5. BIBLIOGRAFIA

ABNT (2007), *Projecto 54:003.10-003/1 - Turismo equestre — Parte 1: Requisitos para produto*. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Brasil

ABNT (2007), *Projecto 54:003.10-003/1 - Turismo equestre — Parte 1: Classificação de percursos*. Associação Brasileira de Normas Técnicas. Brasil

ACERG (2000) *Os milénios do Garrano*. Associação dos Criadores de Equinos de Raça Garrana. Vieira do Minho. Portugal.

ANQ (2011), *Perfil Profissional - Acompanhante de Turismo Equestre*, Agencia Nacional para a Qualificação. Portugal.

CNTE – FFE (2010), *Créer et aménager des itinéraires et des hébergements equestres - Méthodologie et conseils*, Comité National de Tourism Équestre. França.

CVRVV (1997). *Catalogo de Vinhos Verdes*. Comissão de Viticultura da região dos Vinhos Verdes. Porto. Portugal

DELOITTE (2008), *Uma visão Global sobre o Turismo Equestre*. Congresso Internacional de Turismo Equestre, Golegã, 22 de Maio de 2010. Portugal.

EQUUSTUR (2011) *Manual Europeu de Turismo Ecuestre*. Terrassa. Espanha.

FIGUEIRA, Luis M. (2007), *Desenvolvimento do Turismo Equestre: mitos e realidades. Estudo de caso na região de influência do Município de Golegã*. Portugal.

FUNDACIÓ DESTÍ MENORCA (2011), *El perfil del Turista ecuestre en España*. Congreso Europeo de Turismo Ecuestre, Burguillos del Cerro, 10 de Março de 2011. Espanha.

GDT (2006), *Estudio de mercado del sector ecuestre europeo en los territorios atlánticos*. Congreso Europeo de Turismo Ecuestre, Burguillos del Cerro, 10 de Março de 2011. Espanha.

IPVC (2011) *4 Batidas – O património Garrano*. Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Portugal.

LEGISLAÇÃO: Decreto-Lei n.º 108/2009 de 15 de Maio / Portaria 634/2009 de 9 de Junho. Portugal.

RODRIGUES, Emanuel Alte (2010), *Iniciação a Orientação na Escola em Mapas Simples, Condições de prática*. Material Didático. Tipos de Percursos - 2010/2011. Portugal.

RODRIGUES, J. (2008), *Turismo – Informação e Animação Turística*. Portugal.

SIMONOT, Didier (2011), *La Clientèle de Séjours Equestres d'une entreprise en France: CAP RANDO*. Congreso Europeo de Turismo Equestre, Burguillos del Cerro, 10 de Março de 2011. Espanha.

WOODBINE, Sue (2011), *Far and Ride*. Congreso Europeo de Turismo Equestre, Burguillos del Cerro, 10 de Março de 2011. Espanha.

ZIMMER, P. *et al* (2001), *A valorização do turismo de passeio pedestre nos territórios rurais*, Observatório Europeu LEADER.

Virtuais

ADRIL (2010), *O Vale do Lima* [em linha], Ponte de Lima, Associação do Desenvolvimento Rural Integrado do Lima [citado em 22 de Outubro de 2011]. Disponível em URL, <http://www.adril.pt/ver.php?cod=0B0A>

ADRIMINHO (2011), *Zonas de Intervenção* [em linha], Valença, Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho [citado em 22 de Outubro de 2011], Disponível em URL, <http://www.adriminho.pt/home/mapa>

AICS (2006), *Padrão* [em Linha]. Barbacena. Associação Internacional de Criadores do Cavalo Ibérico de Tipo Primitivo - Sorraia, [citado em 21 de Outubro de 2011]. Disponível em URL http://www.aicsorraia.fc.ul.pt/Padr%E3o_modelo2.htm

AICS (2011). *Origem* [em linha]. Elvas. Associação Internacional de Criadores do Cavalo Ibérico de Tipo Primitivo - Sorraia [citado em 21 de Outubro de 2011] disponível em URL http://www.aicsorraia.fc.ul.pt/origem_modelo.htm

ANCRG (2011). *História do Garrano* [em linha]. Arcos de Valdevez. Associação Nacional dos Criadores de Raça Garrana, [citado em 21 de Outubro de 2011]. Disponível em URL <http://www.garrano.pt>

ANTREC (2005-2011), *Antrec* [em linha]. Golegã. Associação Nacional de Equitação de Exterior e TREC [citado em 20 de Outubro de 2011], Disponível em URL, <http://antrec.pt/>

APSL (2011). *Historial do Cavalo Puro Sangue Lusitano* [em linha]. Cascais. Associação Portuguesa do Cavalo Puro Sangue Lusitano [citado em 21 de Outubro de 2011] Disponível em URL <http://www.cavalo-lusitano.com/cavalo-lusitano/historial>

Câmara Municipal de Viana do Castelo (2009a), *Turismo - Restaurantes* [em linha], Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, [citado em 28 de Setembro de 2011], Disponível em URL http://www.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=223&Itemid=480

Câmara Municipal de Viana do Castelo (2009b), *Turismo - Alojamento* [em Linha], Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, [citado em 28 de Setembro de 2011], Disponível em URL , http://www.cm-viana-castelo.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=252&Itemid=627

Cervantes, V. (2011), *OS RANDONNEURS E O TURISMO EQUESTRE* [em linha], Carnaxide, Equisport Online, [citado em 20 de Outubro de 2011], Disponível em URL <http://www.equisport.pt/pt/artigos/actualidade/os-randonneurs-e-o-turismo-equestre>

CIM Alto Minho (2011), *Programas - PDT Minho-Lima* [em linha], Viana do Castelo, Comunidade Intermunicipal do Minho-Lima, [citado em 21 de Outubro de 2011]. Disponível em URL, http://www.cim-altominho.pt/portal/page/portal/cim_am/programs/ptd_minho_lima

ESCOLA NACIONAL DE EQUITAÇÃO (2011), *Categorias Profissionais* [em linha], Lisboa, Escola Nacional de Equitação, [citado em 22 de Outubro de 2011], Disponível em URL <http://www.ene.pt/engine.php?cat=49&area=49>

FEP (2010), *Federação* [em linha], Lisboa, Federação Equestre Portuguesa, [citado em 22 de Outubro de 2011]. Disponível em URL, <http://www.fep.pt/Principal/tabid/40/Default.aspx>

Fundação Alter Real (2011), *Stud Book da Raça Lusitana* [em linha], Alter do Chão, Fundação Alter Real, [citado em 21 de Outubro de 2011], Disponível URL <http://www.alterreal.pt/home.htm>

IGESPAR (2011). *Património* [em linha], Lisboa. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. [citado em 28 de Setembro de 2011], Disponível em URL <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/>

Município de Caminha (2009), *Turismo* [em Linha], Caminha, Câmara Municipal de Caminha [citado em 29 de Setembro de 2011], Disponível em URL <http://www.cm-caminha.pt/ver.php?cod=0L>

Município de Melgaço (2011), *Turismo* [em Linha], Melgaço, Câmara Municipal de Melgaço [citado em 29 de Setembro de 2011], Disponível em URL, http://www.cm-melgaco.pt/portal/page/melgaco/portal_municipal/Turismo

Município de Monção (2011), *Turismo* [em Linha], Monção, Câmara Municipal de Monção [citado em 29 de Setembro de 2011], Disponível em URL, http://www.cm-moncao.pt/portal/page/moncao/portal_municipal/Turismo

Município de Paredes de Coura (2011), *Turismo* [em Linha], Paredes de Coura, Câmara Municipal de Paredes de Coura [citado em 29 de Setembro de 2011], Disponível em URL: http://www.cm-paredes-coura.pt/portal/page/paredesdecoura/portal_municipal/Turismo

Município de Ponte da Barca (2011), *Cultura/Turismo* [em Linha], Ponte da Barca, Câmara Municipal de Ponte da Barca [citado em 20 de Outubro de 2011], Disponível em URL, http://www.pontedabarca.com.pt/cultura_pt.php

Município de Ponte de Lima (2009-2010), *Turismo* [em Linha], Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima [citado em 19 de Outubro de 2011]. Disponível em URL, http://www.cm-pontedelima.pt/ver_turismo.php?cod=0Y

Município de Valença (2011), *Turismo* [em Linha], Valença, Câmara Municipal de Valença [citado em 19 de Outubro de 2011], Disponível em URL, http://www.cm-valenca.pt/portal/page/valenca/portal_municipal/Turismo

Município de Vila Nova de Cerveira (2011), *Turismo* [em Linha], Vila Nova de Cerveira, Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira [citado em 19 de Outubro de 2011], Disponível em URL, http://www.cm-vncerveira.pt/portal/page/vilanovadecerveira/portal_municipal/Turismo

Município dos Arcos de Valdevez (2008a), *Turismo - onde comer* [em Linha], Arcos de Valdevez, Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez [citado em 28 de Setembro de 2011], Disponível em URL, <http://www.cmav.pt/restaurantes.php>

Município dos Arcos de Valdevez (2008b), *Turismo - onde ficar* [em Linha], Arcos de Valdevez, Câmara Municipal dos Arcos de Valdevez [citado em 28 de Setembro de 2011], Disponível em URL, http://www.cmav.pt/alojamentos_t.php

Solares de Portugal (2011), *Solares de Portugal* [em linha], Ponte de Lima, TURIHAB - Associação do Turismo de Habitação [citado em 28 de Setembro de 2011], Disponível em URL, <http://www.solaresdeportugal.pt/PT/>

UMinho (2011), *Viver - Região do Minho* [em linha], Braga, Universidade do Minho, [citado em 20 de Outubro de 2011], Disponível em URL, <http://www.uminho.pt/viver/regiao-minho>

Vale do Minho Digital (2011), *Região* [em Linha], Valença, Associação de Municípios do Vale do Minho, [citado em 28 de Setembro de 2011]. Disponível em URL: http://www.valedominhodigital.pt/portal/page/portal/Portal_Regional/valeminhodigital

VALIMAR Digital (2008), *Sobre a Região* [em Linha], Ponte de Lima, Comunidade Urbana Vale-e-Mar - Valimar ComUrb, [citado em 21 de Outubro de 2011] Disponível em URL: http://www.valimardigital.pt/portal/page/portal/residentes/sobre_reg

ANEXOS

Anexo 1

Inventariação de equipamentos equestres

Equipamentos equestres

Arcos de Valdevez

Centro Hípico do Mezio nos Arcos de Valdevez

Vilar de Suento

Soajo

4970-672 ARCOS DE VALDEVEZ

Telefone: 258 526 452 / 968 918 156

Fax 258 526 088

www.aventura-equestre.com

Quinta do Fijó

Sr. Carlos Orlando

Fijó - Vila Fonche

4970-740 Arcos de Valdevez

Email: geral@quintadofijo.eu

www.quintadofijo.eu

Tel:+ [351] 258515320 - 258515322

Fax: + [351] 258515325

Turismo Equestre: 963794266

Caminha

Melgaço

Ecotura

Himantopus,Lda

Lugar do Queimadelo - Castro Laboreiro

4960-084 Melgaço

T.Móvel: 963793326

ecotura@ecotura.com

www.ecotura.com

Centro Hípico do Monte de Prado em Melgaço

Câmara Municipal de Melgaço

Largo Hermenegildo Solheiro

4960-551 Melgaço

T. 251 410 100

F. 251 402 429

geral@cm-melgaco.pt

www.cm-melgaco.pt

Monção

Centro hípico da Quinta das Vianas em Monção

Eng.º Francisco Coelho

Tel 962 060 770

adammnc@iol.pt

Paredes de Coura

Arte – Associação Turismo Equestre

Sr. Adriano Santos

Sede: Lugar de Loureiro, freguesia de Insalde, concelho de Paredes de Coura

Centro Equestre: Lugar de S. Bento, freguesia de Cossourado, concelho de Paredes de Coura

e-mail: artedirecto@hotmail.com

Telemóvel: 968829065

<http://equicoura.blogspot.com>

Passeios Equestre, Aulas de Equitação, Equitação com fins terapêuticos

GREENCOURA

Dr. José Belmiro

Largo Hintze Ribeiro, n.º 40

4940-524 Paredes de Coura

Tlf: (+351) 251 788 407

Email: lazer@greencoura.com

www.greencoura.com

Ponte da Barca

Ponte de Lima

Centro Equestre do Vale do Lima

Quinta da Sobreira - Feitosa

4990-351 Ponte de Lima

Tel: 258 943 873

Telm (Filipe Pimenta) – 962 702 315

Email: cevl@sapo.pt

Lagoas de Bertandos e S.Pedro d' Arcos

Quinta pedagógica de Pentieiros

São Pedro de Arcos

4990 Ponte de Lima

Tel: 258 733553

lagoas@cm-pontedelima.pt

Valença

Centro Hípico de Friestas

Lugar da Veiga

Friestas – Valença

Telm: 964 565 794

Tel. 251 921 623

Viana do Castelo

A.C.A.T.E. - Associação Cultural de Apoio à Tauromaquia e à Equitação

Sr. Henrique Nunes da Silva Pereira
Actividades: Escola de Equitação
Rua Álvaro Feijó, Lugar de Rubins – MEADELA
Apartado 209
4901-011 Viana do Castelo
Tele: 965 607 031
Email: acatevc@gmail.com

Quinta de São Roque - Coudelaria Távora Correia

Criação de Cavalos, Equitação Tradicional Portuguesa
Lugar de Moreno
4925-595 Serreleis
Telemóvel- 966 750 930
Email- tavoracorreia@gmail.pt
Site - www.tavoracorreia-quintasaoroque.com

VIANAEQUESTRE

Claudia Rachão
Viana do Castelo
934 142 212
vianaquestre@gmail.com

Vila Nova de Cerveira

ASSOCIAÇÕES

Associação Nacional dos Criadores de Raça Garrana

Centro Coordenador de Transportes
EN 101 Silares – Vila Fonche
4970-740 Arcos de Valdevez
Tel: 258 523 244
Email: info@garrano.pt
www.garrano.pt

Associação de criadores de Garranos e Barrosã de Santa Luzia

Caminho do Padrão, 11 - Outeiro
4925-542 Viana do Castelo
Email: garranos.outeiro@gmail.com
Telm: 964861674 (João Marques)
Telm: 91 44077 47 (Marco Arieira)

Anexo 2

Ficha de Caracterização de equipamentos equestres

IDENTIFICAÇÃO:

Nome: _____
 Nome do Proprietário: _____
 Pessoa a Contactar Permanentemente: _____
 Morada: _____
 Código Postal: _____ - _____
 GPS: _____ Telemóvel: _____
 Telefone: _____ Fax: _____
 E-mail: _____ Website: _____

TIPO DE EMPREENDIMENTO

Centro Hípico Hipódromo Coudelaria
 Núcleo de Preservação do património genético Recria _____

ANIMAÇÃO TURÍSTICA

Tem actividades de Animação Turística: SIM Licença N.º: _____
 NÃO

FORMA JURÍDICA DA EMPRESA

Sociedade Empresário em nome individual Cooperativa Associação _____

ÁREAS DE ACTUAÇÃO

Actividades de Lazer Actividades de Desporto Actividades de Ensino
 Actividades Terapêuticas Actividades Culturais _____

SERVIÇOS

Lazer Passeios a cavalo Passeios em Charrete
 Hipoterapia Desporto Aulas de Equitação
 Cavalos a Penso Desbaste de Cavalos Ensino de cavalos
 Venda de Cavalos Reabilitação de Cavalos _____
 _____ _____ _____

DISCIPLINAS EQUESTRES (SE APLICAVÉL)

Obstáculos Equitação adaptada Raides
 Ensino Atragem Equitação de trabalho
 CCE – Concurso Completo de equitação TRECK - Técnicas de Randonnée Equestre de Competição Horseball
 _____ _____ _____

N.º DE COLABORADORES E RESPECTIVAS CATEGORIAS PROFISSIONAIS

N.º total de Colaboradores: _____ Masculino: _____ Feminino: _____

Média de Idades dos Colaboradores: _____

CATEGORIA PROFISSIONAL	N.º DE COLABORADORES		
	MAS.	FEM.	TOTAL
EQUITAÇÃO GERAL			
Ajudantes de Monitor de Equitação (Grau I)			
Monitor de Equitação (Grau II)			
Instrutor de Equitação (Grau III)			
Mestre de Equitação (Grau IV)			
TREINADORES DE DISCIPLINA			
Saltos			
Ensino			
Concurso Completo de Equitação			
Atrelagem			
Equitação Terapêutica e Paralímpica			
Equitação de Trabalho			
Horseball			
Resistência Equestre			
TREC (Treino de Randonnée Equestre de Competição)			
TREC Atrelagem			
EQUITAÇÃO DE PLENA NATUREZA – TURISMO EQUESTRE			
ATE - Acompanhante de Turismo Equestre			
GTE – Guia de Turismo Equestre			
Ajudante de Monitor de Plena Natureza			
Monitor de Plena Natureza			
Instrutor de Plena Natureza			
EQUITAÇÃO TERAPÊUTICA			
Auxiliar de Equitação Terapêutica			
Técnico de Equitação Terapêutica			
Ajudante de Equitação Terapêutica (Grau I)			
Monitor de Equitação Terapêutica (Grau II)			
Instrutor de Equitação Terapêutica (Grau III)			
EQUITAÇÃO DE TRABALHO			
Ajudante de Equitação de Trabalho (Grau I)			
Monitor de Equitação de Trabalho (Grau II)			
Instrutor de Equitação de Trabalho (Grau III)			
TÉCNICOS DE APOIO			
Tratador de Cavalos			
Desbastador			
Ferrador Ajudante			
Ferrador			
Enfermeiro hípico			
Seleiro correiro			
TÉCNICOS DE MANEIO			
Técnico Auxiliar de Maneio Equestre			
Técnico de Maneio Equestre			
OUTROS			

CARACTERIZAÇÃO DAS INSTALAÇÕES EQUESTRES E FUNCIONAMENTO

<input type="checkbox"/> Picadeiro Coberto Dimensões: _____x_____m	<input type="checkbox"/> Picadeiro descoberto Dimensões: _____x_____m	<input type="checkbox"/> Paddock Dimensões: _____x_____m
<input type="checkbox"/> Campo de Treino Dimensões: _____x_____m	<input type="checkbox"/> Boxes - N.º: _____	<input type="checkbox"/> Baias - N.º: _____
<input type="checkbox"/> Centro de Reabilitação	<input type="checkbox"/> Restaurante – N.º Pax: _____ Tipo: _____	<input type="checkbox"/> Alojamento Associado Tipologia: _____ Nº de Quartos: _____
<input type="checkbox"/> Recepção	<input type="checkbox"/> Loja Artigos equestres	<input type="checkbox"/> Bar
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> _____

Ano de início de actividade? _____

N.º de Cavalos total _____

N.º de Cavalos próprios _____
 N.º de Cavalos “Puro-sangue Lusitano” _____
 N.º de Cavalos “Garranos” _____
 N.º de Cavalos “Sorraia” _____
 N.º de Póneis _____
 N.º de asininos _____
 Outras Raças e respectivo número: _____

É possível visitar as instalações (S/N)? _____

É preciso marcar (S/N)? _____
 Tem custos? (S/N) _____ €/pax
 Idiomas das visitas guiadas: _____

Realiza Estágios (S/N)? _____

Qual o N.º máximo de paxs? _____
 Qual o N.º Mínimo de paxs? _____
 N.º de dias dos estágios? _____
 Programas tudo incluído (Estágio, alojamento e refeições)? _____
 Localização e tipo de alojamento: _____
 Idiomas disponíveis nos estágios: _____

Realiza Passeios a cavalo para turistas (S/N)? _____

Qual o N.º máximo de paxs? _____
 Qual o N.º Mínimo de paxs? _____
 Os itinerários são próprios (S/N)? _____
 Os passeios realizam-se todo o ano (S/N)? _____
 São acompanhados por guias (S/N)? _____
 Idiomas disponíveis: _____

Tem parcerias com outros agentes turísticos (S/N)? _____

Quais: _____

Participa em feiras, mostras ou exposições?

Quais: _____

Tem alguma certificação?

Quais: _____

Pertence a Alguma Associação?

Quais: _____

NOTA: Por favor anexe cópia de campanhas publicitárias, artigos de imprensa onde foi publicado, bem como de brochuras e panfletos promocionais.

CARACTERIZAÇÃO DOS EVENTOS EQUESTRES

Nome do Evento: _____

Data(s) de Realização: _____

Periodicidade: _____ Data da 1ª edição: _____

Entidade Organizadora: _____

Raças de Cavalos presentes: _____

N.º médio de cavalos: _____ N.º Médio de Visitantes (por edição): _____

N.º de expositores: _____ Duração do Evento: _____

TIPO DE EVENTO

- | | | |
|----------------------------------|-------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Feira | <input type="checkbox"/> Festival | <input type="checkbox"/> Festa popular |
| <input type="checkbox"/> Romaria | <input type="checkbox"/> Desportivo | <input type="checkbox"/> _____ |

OBJECTIVO DO EVENTO

- | | | |
|-------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Cultural | <input type="checkbox"/> Comercial | <input type="checkbox"/> Desportivo |
| <input type="checkbox"/> Divulgação | <input type="checkbox"/> _____ | <input type="checkbox"/> _____ |

DISCIPLINAS EQUESTRES PRESENTES (SE APLICÁVEL):

- | | | |
|-------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> Obstáculos | <input type="checkbox"/> Equitação adaptada | <input type="checkbox"/> Raides |
| <input type="checkbox"/> Ensino | <input type="checkbox"/> Arelagem | <input type="checkbox"/> Equitação de trabalho |
| <input type="checkbox"/> CCE | <input type="checkbox"/> TRECK | <input type="checkbox"/> Horsball |
| <input type="checkbox"/> _____ | <input type="checkbox"/> _____ | <input type="checkbox"/> _____ |

EXPOSITORES / PARTICIPANTES

- | | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> Cavaleiros | <input type="checkbox"/> Coudelarias | <input type="checkbox"/> Fornecedores de equipamento equestre |
| <input type="checkbox"/> Instituições | <input type="checkbox"/> _____ | <input type="checkbox"/> _____ |

DESCRIÇÃO / HISTORIAL

Anexo 3

Lista de entidades contactadas

Entidades Publicas e Privadas contactadas

A.C.A.T.E. - Associação Cultural de Apoio à Tauromaquia e à Equitação
ADRIL – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima
ADRIMINHO – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho
AKTIVANATURA
Área Protegida das Lagoas de Bertandos e S.Pedro d’Arcos
ARTE – Associação Regional de Turismo Equestre
Associação de criadores de Garranos e Barrosã de Santa Luzia
Associação Nacional dos Criadores de Raça Garrana
Camara Municipal de Arcos de Valdevez
Camara Municipal de Caminha
Camara Municipal de Melgaço
Camara Municipal de Monção
Camara Municipal de Paredes de Coura
Camara Municipal de Ponte da Barca
Camara Municipal de Ponte de Lima
Camara Municipal de Valença
Camara Municipal de Viana do Castelo
Camara Municipal de Vila Nova de Cerveira
Centro Equestre do Vale do Lima
Centro hípico da Quinta das Vianas em Monção
Centro Hípico de Friestas
Centro Hípico do Mezio
Centro Hípico do Monte de Prado em Melgaço
CIM – Alto Minho – Comunidade Intermunicipal
Ecotura
Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal
ESAPL – Escola Superior Agrária de Ponte de Lima
FEP – Federação Equestre Portuguesa
GREENCOURA
IPVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Oficina da Natureza
PNPG – Parque Nacional da Peneda Gerês
Quinta de São Roque – Coudelaria Távora Correia
Quinta do Fijó

Quinta pedagógica de Pentieiros

VIANAEQUESTRE

Coronel Camacho Soares

D.^a Clara Fernandes

D.^a Cláudia Rachão

Dra. Cristina Lima

Doutor Nuno de Brito

Dr. Augusto Gil Dias

Dr. Gonçalo Portal

Dr. Nuno Pousada

Dr. Pedro Barbosa

Eng.º Augusto Domingues

Eng.^a Ana Pula Xavier

Eng.º António Crispim

Eng.º Filipe Vieira Pimenta

Eng.º Francisco Coelho

Eng.º João Abreu Lima

Eng.º João Costa

Eng.º José Belmiro Castelo

Eng.º Paulo Pimenta

Sr. Adriano Santos

Sr. Carlos Orlando Rodrigues

Sr. Durval Gave

Sr. Henrique da Silva Pereira

Sr. Jorge Campos

Sr. José Gonçalo Távora Correia

Sr. Luis Antas de Barros

Sr. Pedro Alarcão

Mary Wright – Suécia (Operador especialista em Turismo Equestre)

Marcelino Pumar Martinez – Espanha (Operador especialista em Turismo Equestre)